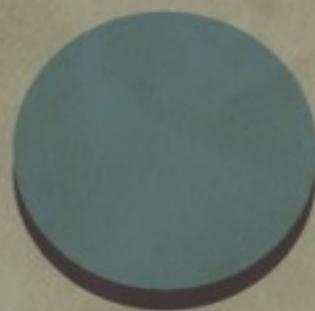


SOLARIS

STANISLAW LEM



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Solaris

STANISLAW LEM

Índice

[A chegada](#)

[Os solaristas](#)

[Os visitantes](#)

[Sartorius](#)

[Rheya](#)

[O Pequeno apócrifo](#)

[A conferência](#)

[Os monstros](#)

[O oxigênio líquido](#)

[Conversa](#)

[Os pensadores](#)

[Os sonhos](#)

[Vitória](#)

[O velho mimóide](#)

A chegada

ÀS DEZENOVE horas, hora da nave, fui para a área de lançamento. Em volta dos poços, os homens ficaram em filas para me deixar passar. Desci uma escada e entrei na cápsula.

No interior da estreita cabine, eu mal podia afastar os braços do corpo. Fixei o tubo da bomba à válvula do meu escafandro, que se encheu rapidamente. A partir desse instante, fiquei impossibilitado de fazer qualquer movimento. Lá estava eu de pé, ou melhor, suspenso, envolto no meu macacão espacial integrado na carapaça metálica.

Olhei para cima. Vi, através do globo transparente, uma parede lisa e, bem no alto, a cabeça de Moddard inclinada sobre a abertura do poço. Moddard desapareceu e, bruscamente, fez-se noite. O pesado cone protetor havia sido colocado no lugar. Ouvei oito vezes seguidas o zumbir dos motores elétricos que apertavam as porcas e depois o chiado do ar comprimido nos amortecedores. Meus olhos começaram a se habituar à escuridão. Divisei a moldura fosforescente do único medidor.

Uma voz ressoou nos fones:

- Pronto, Kelvin?

- Pronto, Moddard - respondi.

- Não se preocupe - continuou ele. - A estação colherá você em vôo. Boa viagem!

Houve um rangido e a cápsula oscilou. Contraí os músculos quase sem querer. Não ouvi nenhum outro ruído, nem qualquer novo movimento.

- Quando é a partida? - perguntei.

Ouvei um barulho no exterior da cápsula, como um chuvisco de areia fina.

- Você já está a caminho, Kelvin. Felicidades! - respondeu a voz de Moddard, tão próxima quanto antes.

Uma fenda abriu-se na altura dos meus olhos e vi as estrelas. A *Prometheus* navegava nos arredores de Alfa do Aquário. Mas foi em vão que tentei me orientar. Uma poeira brilhante enchia a escotilha; não reconheci nenhuma constelação; o céu daquela região da galáxia era desconhecido para mim. Esperei o momento de passar pela primeira estrela nítida; fui incapaz de distinguir alguma. Seu esplendor diminuía; elas fugiam, submersas num vago clarão púrpura. Foi assim que tive consciência da distância percorrida. Com o corpo inteiro metido no meu invólucro pneumático, eu rasgava o espaço com a impressão de continuar imóvel no vácuo, tendo como única realidade o calor que subia lenta, progressivamente.

De súbito, houve um ruído agudo, um rangido. Como se uma lâmina de aço estivesse sendo esfregada numa placa de vidro molhado. E começou a queda. Se os números que pulavam no mostrador do contador não me tivessem advertido, eu não teria reparado na mudança de direção; com as estrelas desaparecidas havia muito tempo, o olhar se perdia, mais que nunca, na pálida claridade amarelada do infinito. Eu podia ouvir meu coração, que batia surdamente. Sentia, na nuca, o sopro frio do climatizador. Não obstante, tinha o rosto em fogo. Lamentei não ter podido avistar a *Prometheus*. Sem dúvida estava fora do meu alcance quando os comandos automáticos abriram o protetor metálico da grande escotilha.

Uma sacudidela abalou a cápsula, seguida logo de outra. O veículo começou a vibrar. Penetrando nas camadas de revestimentos isolantes, atravessando meu envoltório pneumático, a vibração me atingiu e se comunicou ao meu corpo inteiro. Multiplicada, a luz fosforescente do contador espalhava-se para todos dos lados. Não fiz caso do medo. Não empreendera aquela longa viagem para ir me perder além do objetivo!

- Estação *Solaris*! Estação *Solaris* - gritei. - Estação *Solaris*! Acho que estou saindo da trajetória! Mantenham-me no rumo!

Estação *Solaris*, fala a cápsula vinda da *Prometheus*. Estou esperando, *Solaris*!

Eu havia perdido o precioso instante da aparição do planeta! Ele surgia diante dos meus olhos já imenso e plano. Apesar disso, em virtude do aspecto da sua superfície, pensei que ainda estava longe. Ou, mais exatamente, que ainda estava muito alto, uma vez que eu já havia ultrapassado a imperceptível fronteira, a partir da qual a distância que nos separa de um corpo celeste mede-se em termos de altitude. Eu começava a cair. Naquele instante, mesmo de olhos fechados, sentia a queda. Apressei-me a abrir os olhos, pois não queria perder mais nada do que havia para ser visto.

Fiquei em silêncio durante um minuto e depois recomecei a chamar. Nenhuma resposta. As crepitações se sucediam nos fones, tendo como fundo um rumor, baixo e profundo, que imaginei ser a própria voz do planeta. Um véu cobria o céu alaranjado e a vigia escureceu. Encolhi-me instintivamente dentro dos limites permitidos pelo meu macacão espacial. Quase imediatamente, vi que estava atravessando nuvens. Como se tivesse sido aspirado para o alto, a massa de nuvens desapareceu. Eu planava, ora na luz, ora na sombra, pois a cápsula girava sobre si mesma, num eixo vertical. Gigantesca, a massa solar apareceu finalmente diante da vidraça, surgindo à esquerda para desaparecer à direita.

Uma voz longínqua chegou-me através dos ruídos e das crepitações.

- Atenção, fala a estação *Solaris*! Aqui a estação *Solaris*! Vai tudo bem. Você está sob o controle da estação *Solaris*. A cápsula pousará no tempo zero. Repito, a cápsula pousará no tempo zero. Prepare-se! Atenção, vou começar. Duzentos e cinqüenta, duzentos e quarenta e nove, duzentos e quarenta e oito...

Miados secos entrecortavam os vocábulos. Aquelas palavras de acolhida eram pronunciadas por um aparelho automático. Espantoso, era o mínimo que se podia dizer. Habitualmente, todos os homens de uma estação espacial corriam para receber um recém-chegado, principalmente quando este vinha diretamente da Terra.

Não tive tempo de continuar a me espantar, pois a órbita do sol, que até então me circundava, deslocou-se inopinadamente e o disco incandescente pareceu dançar no horizonte do planeta, aparecendo ora à direita, ora à esquerda dele. Eu balançava como se fosse o peso de um pêndulo gigantesco, enquanto o planeta, mostrando uma superfície estriada de sulcos violáceos e enegrecidos, erguia-se à minha frente como uma parede. Minha cabeça estava começando a rodar quando descobri um pequeno tabuleiro de pontos verdes e brancos - o campo de orientação da estação. Houve um estalo e alguma coisa separou-se do cone da cápsula. O longo colar do pára-quedas despreendeu seus anéis com violência e o barulho que chegou até mim evocava irresistivelmente a Terra: pela primeira vez, depois de tantos meses, o ruído do vento.

A seguir foi tudo muito rápido. Até ali eu sabia que estava caindo. Agora eu via a queda. O tabuleiro verde e branco aumentava rapidamente. Vi que ele havia sido pintado sobre um corpo alongado, em forma de baleia, com reflexos prateados, cujos flancos estavam eriçados de antenas de radar. Vi que aquele colosso metálico, cheio de fileiras de aberturas escuras, não assentava na superfície do planeta, mas flutuava, projetando sobre um fundo de tinta uma sombra elipsoidal de um preto mais intenso. Distingui as rugas acinzentadas do oceano, animadas por um leve movimento e, de repente, as nuvens subiram muito, cercadas de um ofuscante halo escarlate.

Mais além, o céu amarelado tornou-se cor de cinza, longínquo e liso, e tudo desapareceu. Caí em parafuso.

Um choque rápido estabilizou a cápsula. Revi, através da escotilha, as ondas do oceano, semelhantes a cristas de mercúrio refulgente. Os cabos se desamarraram subitamente e os gomos do pára-quedas, levados pelo vento, voaram de forma confusa por cima das ondas. Oscilando naquele ritmo lento todo especial que lhe era imposto por um campo magnético artificial, a cápsula desceu suavemente. Tive ainda tempo de ver as grades das rampas de lançamento e, no alto de suas torres iluminadas, os espelhos de dois

radiotelescópios. Houve um barulho de aço contra aço, a cápsula se imobilizou, uma escotilha se abriu e, com um longo suspiro rouco, a carapaça metálica, que me aprisionava, terminou sua viagem.

Ouvi a voz sem vida da instalação de controle.

- Estação *Solaris*. Zero e zero. A cápsula está pousada. Fim.

Com as duas mãos (eu sentia uma vaga pressão no peito e as vísceras pesarem desagradavelmente), agarrei as alavancas e cortei os contatos. Um letreiro se acendeu em verde: CHEGADA. A parede da cápsula abriu-se. A cama pneumática empurrou-me com suavidade, de maneira que, para não cair, tive de dar um passo à frente. com um silvo abafado, resignado, o escafandro expulsou o ar dos seus depósitos. Eu estava livre.

Encontrava-me sob um funil prateado tão alto quanto a nave de uma catedral. Feixes de tubos coloridos desciam ao longo das paredes inclinadas e desapareciam em orifícios arredondados. Virei-me. Os poços de ventilação rugiam aspirando os gases letais da atmosfera planetária, que haviam se infiltrado quando meu veículo pousou no interior da estação. Vazia, semelhante a um casulo arrebatado, a cápsula em forma de charuto erguia-se, apertada por um cálice montado numa base de aço. O revestimento exterior, calcinado durante a viagem, tomara uma cor marrom suja.

Desci uma pequena rampa. Embaixo, o solo metálico fora recoberto por uma camada de plástico áspero. Em certos lugares, as rodas dos vagonetes, que transportavam os foguetes, haviam desgastado aquele tapete plástico e o aço aparecia.

Os ventiladores pararam subitamente de funcionar e houve um silêncio total. Olhei em torno, um tanto indeciso, esperando o aparecimento de alguém. Mas ninguém parecia chegar. Só uma flecha de néon brilhava, apontando para uma escada mecânica, que rolava sem barulho. Deixei-me levar para a frente. O teto da sala baixava, seguindo uma bela linha parabólica, até a entrada de uma galeria. Quantidades de garrafas de gás comprimido, de aparelhos,

de pára-quedas, de caixas e muitos outros objetos amontoavam-se, atirados de qualquer maneira, nas reentrâncias da galeria.

A esteira rolante me depositou na extremidade da galeria, no patamar de um átrio, onde reinava uma desordem ainda mais visível. Uma poça de líquido oleoso espalhava-se sob um montão de latas. Um cheiro nauseabundo empestava o ar. Marcas de pés, manchas pegajosas, afastavam-se em várias direções. Um emaranhado de fitas telegráficas, de papéis rasgados e toda espécie de imundície recobriam as latas.

Apareceu outra vez uma flecha de luz verde, apontando para a porta central. Por trás da porta, estendia-se um corredor estreito, onde dois homens jamais poderiam andar lado a lado. Tijolos de vidro, incrustados no teto, iluminavam aquela desordem. Novamente uma porta, pintada de verde e branco, em forma de tabuleiro de damas.

Estava entreaberta e eu entrei.

A sala, de paredes curvas, tinha uma grande janela panorâmica, que uma bruma ardente avermelhava. Sob a janela, passavam silenciosamente as cristas fuliginosas das ondas. Havia, junto às paredes, armários abertos, repletos de instrumentos, de livros, de vidros sujos de recipientes térmicos, cobertos de poeira. Cinco ou seis pequenas mesas com rodas e poltronas esfiapadas atravancavam o chão imundo. Um único assento estava cheio de ar, com o encosto convenientemente ereto atrás. Um homenzinho magro, com o rosto queimado pelo sol e com a pele do nariz e das faces descascando, estava sentado nessa poltrona. Reconheci-o. Era Snow, especialista em cibernética, substituto de Gibarian. Quando moço, publicara artigos muito originais no anuário solarista. Até aquele instante, eu nunca o havia encontrado. Ele usava uma camisa de malha, cujos orifícios deixavam passar, aqui e ali, os pêlos cinzentos de um peito descarnado, e uma calça de algodão cheia de bolsos, uma calça de mecânico, que havia sido branca e que estava agora manchada até os joelhos e esburacada pelos ácidos. Tinha na mão uma dessas pêras de matéria plástica, usadas para beber nos

veículos espaciais não providos de um sistema de gravidade interna. Olhava-me fixamente. A pêra escapou dos seus dedos e quicou várias vezes, espalhando alguma quantidade de um líquido transparente. O sangue havia refluído lentamente no seu rosto. Eu estava demasiadamente surpreso para falar e aquela cena muda durou tanto tempo que, sem querer, Snow me transmitiu seu terror. Dei um passo à frente. Ele se encolheu na poltrona.

- Snow... - murmurei.

Ele estremeceu, como se eu o tivesse espancado. Olhando-me com um horror indescritível, falou com voz rouca:

- Não o conheço... Não o conheço... Que é que você quer?

O líquido derramado se evaporara rapidamente. Senti um bafo de álcool. Ele bebia? Estava bêbado? De que tinha tanto medo? Permaneci de pé no meio da sala. Minhas pernas estavam bambas. Meus ouvidos pareciam entupidos de algodão. Eu tinha a impressão de que, sob meus pés, o chão não era real. Por trás do vidro curvo da janela, o oceano estava agitado por um movimento regular. Snow não tirava os olhos injetados de sangue de cima de mim. O terror começava a abandonar seu rosto, mas continuava a expressão de um nojo inarredável.

Perguntei, em voz baixa:

- Que é que você tem? Está doente?

Ele respondeu, com voz soturna:

- Você está preocupado... Ah! Então, sem mais nem menos, você se preocupa? Por que você se incomoda comigo? Não o conheço.

- Onde está Gibarian? - perguntei.

Ele perdeu o fôlego. No fundo dos olhos, tomados vítreos, uma chama acendeu e apagou. Gaguejou:

-Gi... Giba... Não! Não!

Seu corpo foi inteiramente sacudido por um riso abafado, um riso de idiota. Depois, foi se acalmando pouco a pouco.

-Veio ver Gibarian? Por causa de Gibarian? Que é que você quer fazer?

Passou a me encarar como se, de repente, eu tivesse deixado de representar uma ameaça para ele. Havia em suas palavras, ou melhor, no seu tom, ódio e provocação.

Espantado, tartamudeei:

- O que... Onde está ele?

- Você não sabe?

Evidentemente, Snow estava embriagado e havia perdido completamente a cabeça. Eu começava a ficar furioso. Deveria ter me dominado e saído, mas a paciência me abandonou.

Berrei:

- Basta! Como poderia eu saber onde está ele, se acabo de chegar! Snow! Que está acontecendo?

O queixo dele caiu. Tornou a faltar-lhe o fôlego e um clarão diferente iluminou seus olhos. Agarrou os braços da poltrona com as duas mãos. Levantou-se com extrema dificuldade. Seus joelhos tremiam.

- O quê?... Você está chegando... Está chegando de onde? - perguntou ele, quase sóbrio.

Respondi com raiva:

- Da Terra! Talvez já tenha ouvido falar nela! Ninguém diria!

- Da... Grande espaço... Então você é... Kelvin?

- Sou. Por que me olha dessa maneira? Que é que eu tenho de espantoso?

Snow piscou rapidamente.

- Nada - disse, esfregando a testa - nada... Desculpe, Kelvin, isto não é nada, garanto, é só a surpresa... Não esperava vê-lo.

- Não esperava me ver, como? Vocês foram avisados há vários meses e Moddard telegrafou hoje mesmo da *Prometheus*...

- Claro, claro, mas acontece... sabe? - que atualmente andamos um pouco... desorganizados.

Respondi secamente:

- De fato... é o que estou vendo!

Snow deu uma volta em torno de mim, inspecionando meu escafandro, um traje bastante comum, com sua habitual quantidade de cabos e fios no peito.

Tossiu e passou a mão pelo nariz ossudo.

- Você não quer tomar um banho? Vai lhe fazer bem... Naquela porta azul, daquele lado.

- Obrigado, conheço a topografia da estação.

- Está com fome?

- Não!... Onde está Gibarian?

Sem responder, Snow aproximou-se da janela. De costas, parecia muito mais velho. Seus cabelos, cortados rente, eram grisalhos. Rugas profundas sulcavam sua nuca, queimada pelo sol.

As cristas das ondas enormes, que iam e vinham, subindo e descendo devagar, cintilavam através da janela. Olhando-se o oceano daquela maneira, tinha-se a impressão - que não passava decerto de simples ilusão - de que a estação se deslocava imperceptivelmente, como se estivesse deslizando de cima de um pedestal invisível. Depois parecia recuperar o equilíbrio antes de se inclinar para o outro lado, com idêntico movimento lento. Embaixo, a espuma espessa, cor de sangue, amontoava-se no oco das ondas. Numa fração de segundo, minha garganta se contraiu e eu tive saudades da disciplina severa a bordo da *Prometheus*, lembrança de uma existência que, subitamente, se revelou para mim feliz e perdida para sempre.

Snow virou-se, esfregando as mãos com nervosismo.

- Ouça - disse ele, de repente - por enquanto estou só eu aqui... Hoje você terá de se contentar com a minha companhia. Me chame de Rato-Velho e pronto! Como você já havia visto minha fotografia, basta imaginar que me conhece há muito tempo. Todos me chamam de Rato-Velho. Nada posso fazer. Aliás, acho que é um nome predestinado, pois meus pais sempre tiveram aspirações cósmicas...

Obstinado, repeti minha pergunta:

- Onde está Gibarian?

Bateu novamente as pálpebras.

- Lamento ter recebido você desta maneira. É... Na verdade, não tenho culpa. Esqueci completamente... Aconteceram tantas coisas aqui, que você compreenderá...

- Está bem... e Gibarian? Não está na estação? Está em vôo de observação?

Snow olhou para um monte de cabos enrolados.

- Não, ele não saiu. Não irá voar. Exatamente...

Como eu continuasse de ouvidos tapados, escutava cada vez pior e perguntei:

- Não entendi. Onde ele está? - com a voz mudada, Snow respondeu:

- Você entendeu muito bem.

Encarou-me com frieza nos olhos. Estremeci. Ele estava embriagado, mas sabia o que dizia.

- Será que houve...

- Sim.

- Um acidente?

Snow sacudiu a cabeça vigorosamente, num gesto de concordância, examinando minha reação.

- Quando?

- Nesta madrugada.

Minha reação não foi violenta. Aquela troca de perguntas e respostas me havia acalmado pela concisão. Eu começava a ter uma explicação para o comportamento bizarro de Snow.

- Que espécie de acidente?

- Vá para sua cabina e tire o escafandro... Depois volte aqui... Dentro... Dentro, digamos, de uma hora.

Hesitei durante um momento.

- Está bem - respondi, finalmente.

Quando comecei a andar para a porta, ele disse:

- Espere! Queria me dizer alguma coisa, as palavras não se decidiam a sair da sua boca. Ao cabo de um momento, acrescentou:

- Nós éramos três e agora, com você, tornamos a ser três. Conhece Sartorius?

- Como a você, de fotografia.

- Ele está no laboratório, lá em cima, e não creio que apareça antes da noite, mas... seja como for, você o reconhecerá. Se você vir alguém mais, alguém que não seja eu nem Sartorius sabe? - então...

- Então o quê?

Eu estava sonhando, tudo aquilo não passava de um sonho! Aquelas ondas escuras, de reflexos sangrentos, sob o sol poente, e aquele homenzinho que tornara a sentar na poltrona, com a cabeça inclinada outra vez na direção do monte de cabos.

- Então não faça nada.

Irritei-me.

- Que é que eu poderia ver? Um fantasma?

- Você pensa, evidentemente, que eu sou louco. Não. Não, não sou louco. Não posso lhe dizer mais nada, por enquanto. Aliás, talvez... talvez não aconteça nada. Em todo caso, não esqueça meu aviso.

- Fale com mais clareza! De que se trata?

- Controle-se e prepare-se para enfrentar... qualquer coisa. Sei que é impossível. Mas tente. E o único conselho que posso lhe dar. Não encontro nada melhor.

- Mas enfrentar o quê? - gritei.

Vendo-o sentado ali, olhando de soslaio, com a cabeça cansada e queimada de sol, mal pude me conter. Minha vontade era agarrá-lo pelos ombros e dar-lhe umas boas sacudidas.

A muito custo, deixou as palavras saírem uma a uma.

- Não sei. Num certo sentido, depende de você.

- Alucinações?

- Não, é... é real. Não ataca. E lembre o que lhe disse!

Não reconheci minha própria voz.

- Que história é essa? Não estamos na Terra.

Gritei novamente:

- Polípteros? Eles nada têm de humano!

Ia me atirar sobre ele, para arrancá-lo da contemplação que lhe inspiravam, aparentemente, aqueles comentários insensatos, quando Snow murmurou:

- E por isso que são perigosos. Lembre do que lhe disse, fique de olho!

- Que aconteceu a Gibarian?

Snow não respondeu.

- Sartorius está fazendo o quê? -

- Volte dentro de uma hora.

Virei-me e saí. Ao fechar a porta, olhei-o ainda uma vez. Pequeno, encolhido, com a cabeça entre as mãos e os cotovelos apoiados na calça manchada, continuava sentado, imóvel. Só então notei o sangue coagulado nas costas das suas mãos.

Os solaristas

O CORREDOR estava vazio. Fiquei um instante parado diante da porta fechada. O gemido do vento era ouvido no envoltório estanque da estação. Divisei, na almofada da porta, colado de través, de forma descuidada, um pedaço de esparadrapo, onde havia escrito a lápis: "Homem". Olhei aquela palavra, displicentemente escrita, e pensei em voltar para junto de Snow. Depois desisti.

Suas loucas advertências ainda ressoavam nos meus ouvidos. Continuei a andar, com os ombros curvados pelo peso do escafandro. Com passos macios, evitando mais ou menos conscientemente algum observador invisível, voltei quase até o átrio. Depois que saí do corredor, encontrei duas portas à minha esquerda e outras duas à direita.

Li os nomes dos ocupantes: Dr. Gibarian, Dr. Snow e Dr. Sartorius. Não havia placa na quarta porta. Hesitei, torci a maçaneta com suavidade e abri lentamente a porta.

Empurrei-a e tive o pressentimento, quase a certeza, de que havia alguém na sala. Entrei.

Não havia ninguém. Uma janela panorâmica côncava, ligeiramente menor que a da cabina onde eu achara Snow, dava para o oceano, que brilhava naquele instante ao sol, com um reflexo oleoso, e cujas ondas pareciam segregar uma gordura avermelhada. Reflexos escarlates enchiam o quarto inteiro, cuja disposição lembrava um camarote de navio.

De um lado, cercado de estantes cheias de livros, um leito automático estava encostado verticalmente contra a parede. Do outro, entre numerosos armários, estavam penduradas molduras de níquel, com uma série de vistas aéreas, coladas lado a lado com esparadrapo, e armações contendo provetas e retortas, tampadas com chumaços de algodão. Em frente à janela, duas fileiras de

caixas de esmalte branco obstruíam a passagem. Levantei algumas tampas. As caixas estavam cheias de instrumentos de toda espécie, misturados com tubos de matéria plástica. Havia, em cada ângulo, uma torneira, uma instalação de refrigeração e um dispositivo anti-mofo. Um microscópio fora colocado no chão, por falta de espaço na grande mesa ao lado da janela. Voltando-me, vi, junto da porta de entrada, um armário alto. Estava entreaberto e continha roupas espaciais, blusas de trabalho, aventais isolantes, roupa de baixo, botas de exploração planetária e garrafas de alumínio polido - reservatórios de oxigênio para aparelhos portáteis. Dois destes, com as respectivas máscaras, estavam pendurados na grade da cama. Para onde quer que eu me virasse, encontrava o mesmo caos, uma desordem que alguém havia tentado, grosseiramente, dissimular às pressas. Aspirei o ar. Senti um leve cheiro de reativos químicos e traços de um odor mais acre: cloro? Procurei intuitivamente as grades de aeração junto ao teto. Presas a elas, fitas de papel flutuavam com suavidade. Os aparelhos funcionavam, garantindo uma circulação de ar normal. Tirei os livros, aparelhos e instrumentos que estavam em cima de duas cadeiras e levei-os para o outro lado do quarto, colocando-os de qualquer maneira. Meu objetivo era conseguir um espaço relativamente livre em torno da cama, entre o armário e as estantes. Puxei um cabide, para pendurar meu escafandro. Peguei a ponta do zíper e depois larguei-o. Estava sendo trabalhado pela idéia confusa de que, ao retirar a vestimenta, ficaria despojado de uma proteção. Por isso não me decidia a abandonar aquela indumentária.

Meus olhos percorreram a sala mais uma vez. Verifiquei que a porta estava bem fechada, mas que não tinha fechadura e, depois de breve hesitação, arrastei para a soleira algumas das caixas mais pesadas.

Feita essa barricada provisória, liberei-me do casco do escafandro com três sacudidelas. Um espelho estreito, colocado na porta de um armário, refletia uma parte do quarto. Com o rabo do olho, surpreendi uma forma se movendo. Tive um sobressalto, mas não passava de meu próprio reflexo. A camiseta, sob o traje, estava

empapada de suor. Retirei-a e empurrei um armário que deslizava sobre trilhos ao longo da parede. Ele revelou o interior iluminado de um pequeno banheiro. Havia uma caixinha chata e oblonga no chão do chuveiro. Carreguei a caixinha para o quarto, sem dificuldade. Assim que a coloquei no chão, uma mola fez com que a tampa se abrisse e vi compartimentos cheios de objetos estranhos: pedaços de metal escuro, réplicas grotescas dos instrumentos existentes nos armários. Nenhum dos instrumentos da caixinha era utilizável. Estavam sem forma, atrofiados, fundidos, como se tivessem saído de um braseiro. Coisa mais estranha ainda, mesmo as empunhaduras de cerâmica, praticamente infundíveis, ficaram deformadas. Nenhum forno de laboratório, aquecido ao máximo, seria capaz de derretê-las. Talvez uma pilha atômica o conseguisse. Tirei do bolso do meu traje um contador de radiações, mas a pequena extremidade preta continuou silenciosa quando a aproximei dos destroços.

Naquele instante eu só tinha sobre o corpo uma sunga e uma camiseta de tricô. Tratei de retirá-los, jogando-os longe de mim e corri para o chuveiro. O choque da água foi eficaz. Girando sobre mim mesmo sob o jato forte e quente, esfreguei-me com excessivo vigor, respingando as paredes e expulsando, extirpando da pele toda aquela imundície de apreensões perturbadoras que me impregnava desde minha chegada.

Remexi o armário e encontrei um macacão de treinamento, capaz de ser usado também sob o escafandro. No momento de transferir para um dos bolsos a totalidade das minhas magras posses, senti um objeto duro imprensado entre as folhas do meu caderno de notas. Era uma chave, a do meu apartamento lá embaixo, na Terra. Indeciso, fiquei rodando a chave entre os dedos. Por fim, coloquei-a sobre a mesa. De repente, lembrei-me de que iria precisar de uma arma. Um canivete de várias lâminas não era exatamente o ideal, mas era a única arma de que dispunha e não iria, naquela altura, sair à procura de uma pistola radioativa ou qualquer coisa do gênero.

Sentei-me num banquinho no meio do espaço vazio. Queria estar só. Constatei, com satisfação, que dispunha de mais de meia hora. Costumo respeitar escrupulosamente os encontros marcados, importantes ou não. Os ponteiros do relógio, cujo mostrador era dividido em vinte e quatro partes, marcavam sete horas. O sol começava a se pôr. Sete horas ali eram vinte horas a bordo da *Prometheus*. *Solaris*, nas telas de Moddard, não passava de um grão de poeira indistinto, confundido com as estrelas.

Bom, que me importava a *Prometheus*? Fechei os olhos. Ouvia, apenas, os gemidos das canalizações e o tênue pingar da água no banheiro.

Gibarian estava morto. Não havia muito tempo, se eu não estava enganado. Que teriam feito do corpo? Enterrado? Não, naquele planeta era impossível. Pensei demoradamente a respeito, preocupado exclusivamente com o destino do cadáver. Depois, percebi o que havia de absurdo naquele pensamento. Levantei-me e comecei a andar de um lado para outro. Bati com a ponta do pé numa sacola que surgia do meio de um monte de livros. Inclinei-me e apanhei-a. Havia, dentro dela, um frasco de vidro escuro, tão leve que parecia ter sido fabricado de papel. Examinei-o defronte da janela, à luz púrpura de um lúgubre crepúsculo, invadido por brumas de fuligem. Que estava me acontecendo? Por que me deixava distrair por divagações ou pela primeira bobagem que me caía nas mãos?

Estremeci. As lâmpadas acenderam, sob o comando de um aparelho fotoelétrico. O sol acabava de desaparecer. Que iria acontecer? Eu estava de tal maneira tenso, que a sensação de um espaço vazio às minhas costas tornou-se insuportável. Decidi lutar contra mim mesmo. Cheguei uma cadeira para perto da estante e apanhei um livro que me era familiar, o segundo tomo da velha monografia de Hughes e Engel, História de *Solaris*. Coloquei sobre os joelhos o grosso volume, solidamente encadernado e comecei a folheá-lo.

A descoberta de *Solaris* remontava a mais ou menos cem anos antes de meu nascimento.

O planeta gravitava em torno de dois sóis, um vermelho e um azul. Nenhuma nave se aproximara do planeta durante os quarenta anos que se seguiram à sua descoberta.

Naquela época, a teoria de Gamow-Shapley, afirmando que a vida era impossível em planetas satélites de dois corpos solares, era tida como certa. A órbita é constantemente modificada pelo movimento variável da gravitação, no curso da revolução em torno de dois sóis. A órbita, em consequência de variações da gravitação, se achata ou se distende e os elementos da vida, se aparecerem, são infalivelmente destruídos, seja por uma radiação de calor intenso, seja por uma brutal queda de temperatura. Essas modificações intervêm num tempo estimado em milhões de anos, conseqüentemente um tempo muito curto, segundo as leis da astronomia ou da biologia (a evolução exige centenas de milhões, se não um bilhão de anos).

Segundo os primeiros cálculos, *Solaris* devia, em quinhentos mil anos, aproximar-se do seu sol vermelho numa distância equivalente à metade de uma unidade astronômica e, um milhão de anos mais tarde, submergir no astro incandescente.

Mas, já ao fim de algumas dezenas de anos, acreditaram ter descoberto que a órbita não acusava absolutamente as modificações esperadas. Ela era estável, tão estável quanto a órbita dos planetas do nosso sistema solar.

Recomeçaram, com extrema precisão, as observações e os cálculos que confirmaram simplesmente as primeiras conclusões: a órbita de *Solaris* era instável.

Unidade modesta entre as centenas de planetas descobertos a cada ano, aos quais as grandes estatísticas se limitavam a consagrar algumas linhas, definindo as particularidades do movimento, *Solaris* pouco a pouco ergueu-se à altura dos corpos celestes dignos de atenção mais considerável.

Quatro anos após essa promoção, a expedição Ottenskjold empreendeu o estudo de *Solaris*, sobrevoando o planeta a bordo do *Laakon*. A expedição tinha como única função um reconhecimento preparatório, quase improvisado, pois os cientistas não estavam equipados para pousar. Ottenskjold colocou uma grande quantidade de satélites-observatórios automáticos em órbitas equatoriais e polares, cuja função principal consistia em medir os potenciais de gravitação. Além disso, estudava a superfície do planeta, recoberta por um oceano pontilhado de inúmeras ilhas, que têm a configuração de planaltos (a superfície total das ilhas é inferior à da Europa, embora o diâmetro de *Solaris* seja um quinto maior que o da Terra. Essas extensões de território rochoso e desolado, irregularmente distribuídas, estão agrupadas principalmente no hemisfério austral).

Analisaram, também, a composição da atmosfera, desprovida de oxigênio, e efetuaram medições extremamente precisas da densidade do planeta, do qual determinaram a capacidade de refletir, bem como outras características astronômicas. Como era previsível, não foi descoberto qualquer traço de vida, tanto nas ilhas como no oceano.

Nos dez anos seguintes, *Solaris* tornou-se o centro de atração de todos os observatórios ligados ao estudo daquela região do espaço. O planeta, porém, revelava uma tendência espantosa a conservar uma órbita de gravitação que, sem a menor dúvida, deveria ser instável. O fato se tornou quase um escândalo. Tendo os meios oficiais considerado inexatos os resultados das observações, tentaram culpar (para o bem da ciência) os cientistas ou os computadores por eles utilizados.

A falta de verba atrasou em três anos a partida de uma verdadeira expedição solarista. Shannahan, finalmente, tendo completado sua equipe, obteve do Instituto três unidades de tonelagem C, os maiores cruzadores cósmicos da época. Um ano e meio antes da chegada da expedição, que partiu de Alfa de Aquário, uma segunda frota de exploração, agindo em nome do Instituto,

colocou em órbita solarista um satelóide automático: *Luna 247* (esse satelóide, depois de três reconstituições sucessivas, efetuadas com alguns anos de intervalo, funciona até hoje). Os dados fornecidos pelo satelóide confirmaram definitivamente as observações da expedição Ottenskjold no que concerne ao caráter ativo dos movimentos do oceano.

Um dos veículos de Shannahan ficou numa órbita alta. Os outros dois, após ensaios preliminares, pousaram num terreno rochoso, de cerca de seiscentas milhas quadradas, no hemisfério austral de *Solaris*. Os trabalhos da expedição duraram dezoito meses e foram efetuados em condições favoráveis, se excetuarmos um acidente lamentável, provocado pelo funcionamento defeituoso de alguns aparelhos. No entanto, a equipe de cientistas se dividiu em dois campos, tendo o oceano como objeto de discussão. Baseando-se em análises efetuadas, admitiram que o oceano era uma formação orgânica (naquele tempo ninguém ainda havia ousado declará-lo vivo). Mas, enquanto os biólogos o consideravam uma formação primitiva - uma espécie de todo gigantesco, uma célula fluida, única e monstruosa (que eles chamavam "formação pré-biológica"), que envolvia o globo numa camada coloidal que podia atingir, em certos lugares, uma espessura de algumas milhas -, os astrônomos e físicos afirmavam que ele devia ser uma estrutura organizada, extraordinariamente evoluída. Segundo eles, o oceano ultrapassava em complexidade mesmo as estruturas orgânicas terrestres, pois era capaz de influir de forma eficaz sobre o traçado da órbita que o planeta descrevia. De fato, não haviam descoberto nenhuma outra causa que pudesse explicar o comportamento de *Solaris*. Além disso, os planetofísicos haviam estabelecido uma relação entre certos processos do oceano plasmático e o potencial de gravitação medido localmente, potencial que se modificava de acordo com as "transformações de matéria" do oceano.

Dessa forma, foram os físicos e não os biólogos que propuseram aquela formulação paradoxal - "máquina plasmática" entendendo por tal uma formação talvez privada de vida, segundo

nossas concepções, mas capaz de executar atividades úteis - em escala astronômica, é preciso que se diga.

Por ocasião dessa discussão, cuja agitação, em poucas semanas, atingiu as mais eminentes autoridades, a doutrina Gamow-Shapley, irrefutável durante oitenta anos, foi abalada pela primeira vez.

Alguns ainda continuavam a sustentar a afirmação de Gamow-Shapley, a saber, que o oceano nada tinha em comum com a vida, que não era uma formação "para" ou "pré-biológica", mas uma formação geológica, pouco comum, sem nenhuma dúvida, e capaz unicamente de estabilizar a órbita de *Solaris*, malgrado a variação das forças de atração. Para reforçar a argumentação, referiam-se à lei de Lê Chatelier.

Em oposição a essa atitude conservadora, novas hipóteses foram aventadas - entre elas a de Civito-Vitta, das mais elaboradas - proclamando que o oceano era o resultado de um desenvolvimento dialético. Partindo de sua forma primária de pré-oceano, solução de corpos químicos de reação lenta, e pela força das circunstâncias (as mudanças de órbita que ameaçavam sua existência), ele chegara, com um único salto, ao estado de "oceano homeostático", sem passar por todos os graus da evolução terrestre, evitando as fases unicelular e pluricelular, a evolução vegetal e animal, a constituição de um sistema nervoso e cerebral. Dito de outra forma, ao contrário dos organismos terrestres, ele não se havia adaptado ao seu meio em algumas centenas de milhões de anos, para dar nascimento, finalmente, aos primeiros representantes de uma espécie dotada de raciocínio, mas havia dominado aquele meio de imediato.

O ponto de vista era original. Apesar disso, continuava-se ignorando de que maneira aquele envoltório coloidal podia estabilizar a órbita do corpo celeste. Já havia um pouco mais de um século que eram conhecidos dispositivos capazes de criar artificialmente campos de atração e de gravidade: os gravitadores. Mas não era a mesma coisa alguém imaginar como aquela gosma informe podia obter um efeito que os gravitadores provocavam por intermédio de reações

nucleares complicadas e de temperaturas extraordinariamente elevadas.

Os jornais daqueles tempos, espicaçando a curiosidade do leitor médio e a ira dos cientistas, regurgitavam de fábulas as mais inverossímeis sobre o tema do "mistério *Solaris*". Um cronista chegou até a pretender que o oceano era... parente afastado dos nossos peixes elétricos!

Quando, numa certa medida, conseguiu-se esclarecer o problema, foi revelado que a explicação - coisa que se reproduziu com freqüência, a seguir, no domínio dos estudos solaristas substituía um enigma por outro, talvez ainda mais surpreendente.

As observações demonstraram, pelo menos, que o oceano não agia de acordo com as leis dos nossos gravitadores (o que, aliás, teria sido impossível), mas conseguia impor diretamente a periodicidade do percurso. Disso resultava, entre outras coisas, diferenças na medida do tempo num único meridiano de *Solaris*. Assim, portanto, não somente o oceano conhecia, num certo sentido, a teoria de Einstein-Boevia, como também sabia explorar suas conseqüências (enquanto nós não podíamos dizer o mesmo).

Quando essa hipótese foi enunciada, explodiu no seio do mundo científico como uma das mais violentas tempestades do século. Teorias veneráveis, universalmente aceitas, desmoronaram. Artigos audaciosamente heréticos invadiam a literatura especializada. "Oceano genial" ou "colóide gravitante", o problema excitava as mentes.

Tudo isso se passou muitos anos antes do meu nascimento. Quando eu era estudante - novos dados haviam sido recolhidos nesse meio tempo -, a existência de vida em *Solaris* passara a ter aceitação geral, embora essa vida se limitasse a um único habitante.

O segundo volume de Hughes e Engel, que eu continuava a folhear maquinalmente, começava por uma sistematização tão engenhosa quanto divertida. A tabela de classificações comportava três definições:

TIPO: Políptero; ORDEM: Sincitial; CATEGORIA: Metamórfica.

E nós que pensávamos conhecer uma infinidade de exemplares da espécie, quando, na realidade, só existia um, pesando, é verdade, setecentos bilhões de toneladas!

Meus dedos folheavam figuras multicoloridas, gráficos pictóricos, análises pertinentes e diagramas espectrais, expondo o tipo e o ritmo das transformações fundamentais e das reações químicas. Rápida e infalivelmente, o alentado volume me arrastava para o sólido terreno da fé matemática. Era possível concluir que havíamos adquirido um completo conhecimento daquele representante da categoria metamórfica, que se estendia por algumas centenas de metros sob a estrutura metálica da estação, encoberta naquele instante pelas sombras de uma noite que duraria quatro horas.

Na verdade, nem todos estavam convencidos de que o oceano fosse, realmente, uma "criatura" viva e, menos ainda, diga-se de passagem, que fosse dotado de raciocínio.

Pousei o grosso volume na prateleira e apanhei o seguinte. Dividia-se em duas partes. A primeira era consagrada ao resumo das inúmeras tentativas que tinham por finalidade estabelecer um contato com o oceano. Na época dos meus estudos, lembro-me perfeitamente, aquele estabelecimento de contato era objeto de anedotas, de brincadeiras e de zombarias sem fim. Comparada com a abundância de especulações suscitadas por aquele problema, a escolástica medieval parecia um exemplo de evidências luminosas. A segunda parte, cerca de mil e trezentas páginas, compunha-se quase que exclusivamente da bibliografia referente ao assunto. Os textos citados, se reunidos, não caberiam na sala onde me encontrava.

Os primeiros ensaios de contato foram tentados por intermédio de aparelhos eletrônicos especialmente concebidos, que transformavam os impulsos emitidos bilateralmente.

O oceano participou dessas operações ativamente, uma vez que reproduziu os aparelhos. Apesar disso, continuava tudo obscuro. Que era, exatamente, aquela "participação"?

O oceano modificava certos elementos dos instrumentos submersos; por consequência, o ritmo previsto das descargas ficava desarranjado e os aparelhos de gravação reproduziam uma quantidade de sinais, testemunhas fragmentárias de alguma atividade fantástica, que escapava, na realidade, a qualquer análise. Traduziriam aqueles dados um estado momentâneo de estímulo, ou impulsos constantes, em relação com as estruturas gigantescas que o oceano estava a ponto de criar em algum lugar, nas antípodas da região onde os pesquisadores se encontravam? Os aparelhos eletrônicos teriam registrado a manifestação impenetrável de veneráveis segredos daquele oceano?

Teria ele nos entregado suas obras-primas? Como saber! O impulso não havia provocado duas reações idênticas. Num momento dado, os aparelhos só faltavam explodir sob a violência dos impulsos e no outro havia um silêncio absoluto. Em resumo, era impossível obter a repetição de qualquer manifestação já observada. Parecia, constantemente, estarem a ponto de decifrar a massa crescente dos indícios gravados. Não haviam sido construídos com esse fim cérebros eletrônicos de uma capacidade de informação praticamente ilimitada, como nenhum outro problema exigira até então? Na verdade, obtinham-se resultados. O oceano - fonte de impulsos elétricos, magnéticos e de gravidade - exprimia-se numa linguagem de certa forma matemática. Por conseguinte, apelando para um dos ramos mais abstratos da análise, a lei dos grandes números, foi possível classificar certas freqüências de descargas de correntes K pareceram similitudes estruturais, já observadas pelos físicos no setor da ciência que leva em consideração as relações recíprocas da energia e da matéria, de componentes e compostos, do finito e do infinito. Essa correspondência convenceu os cientistas de que estavam em presença de um monstro dotado de raciocínio, de um oceano-cérebro protoplásmico, envolvendo o planeta todo, que desperdiçava seu tempo em considerações teóricas extravagantes

sobre a realidade universal. Nossos aparelhos haviam captado de surpresa ínfimos farrapos de um formidável monólogo, que se desenrolava eternamente nas profundezas daquele cérebro gigantesco e que, forçosamente, ultrapassava nossa compreensão.

Isso no que respeita aos matemáticos. Aquelas hipóteses, segundo alguns, subestimavam as possibilidades da mente humana. Inclínavam-se diante do desconhecido, proclamando uma velha doutrina, audaciosamente desenterrada: *ignomimus et ignorabimus*. Outros pensavam que as hipóteses dos matemáticos não passavam de divagações estéreis e perigosas, pois contribuía para criar uma mitologia contemporânea, baseada no cérebro gigante - eletrônico ou plasmático, pouco importava considerado como objetivo derradeiro da existência e finalidade da vida.

Outros ainda... Mas os cientistas eram legião e cada um tinha uma teoria. Se comparássemos o setor das tentativas de "contato" com os outros ramos dos estudos solaristas, nos quais a especialização havia se desenvolvido fortemente, sobretudo no decorrer do último quarto de século, constatava-se que um solarista-cibernético mal podia se fazer entender por um solaristasimetriadologista.

Veubeke, diretor do Instituto no tempo em que eu estudava, perguntara um dia brincando: "Como é que você quer se comunicar com o oceano, se não é capaz de compreender a si mesmo?" A brincadeira tinha um grande fundo de verdade.

A decisão de classificar o oceano na categoria metamórfica nada tinha de arbitrária. Sua superfície ondulada podia dar nascimento a formações amplamente diversificadas, em nada se parecendo com o que víamos na Terra, e a função do processo de adaptação, de reconhecimento ou outro - de suas bruscas erupções de "criatividade" plasmática, continuava um enigma.

Levantando com as duas mãos o pesado volume, pousei-o na prateleira e pensei que nossa erudição - toda a informação que acumulamos em bibliotecas - não passava de um amontoado inútil, um emaranhado de testemunhos e de suposições, e que nós não

hávamos progredido uma única polegada desde o começo das pesquisas, havia oitenta e oito anos. A situação apresentava-se pior que na época dos pioneiros, pois os esforços ininterruptos de tantos anos não haviam levado a nenhuma certeza indiscutível.

O conjunto de nossos conhecimentos exatos era estritamente negativo. O oceano não se servia de máquinas. Em determinadas circunstâncias, no entanto, parecia capaz de construí-las. No decorrer do primeiro e do segundo ano dos trabalhos de exploração, ele havia reproduzido partes de alguns aparelhos submersos. Em seguida, passara pura e simplesmente a ignorar as experiências que continuávamos a fazer com uma paciência beneditina, como se tivesse perdido todo interesse pelos nossos instrumentos e por nossas atividades (como se, por conseguinte, se tivesse desinteressado de nós). O oceano não tinha sistema nervoso - continuo a traçar o quadro do nosso "conhecimento negativo" - nem células e sua estrutura não era proteiforme. Nem sempre reagia aos estímulos, mesmo aos mais poderosos ("ignorou" completamente, por exemplo, o acidente catastrófico ocorrido com a segunda expedição de Giese: um foguete auxiliar caiu de uma altura de trezentos quilômetros e se espatifou na superfície do planeta, ocasionando a destruição de plasma num raio de dois mil e quinhentos metros com a explosão radiativa de suas reservas nucleares).

Pouco a pouco, nos meios científicos, o "caso *Solaris*" passou a ser considerado uma "jogo perdido", sobretudo entre os administradores do Instituto, onde, recentemente, vozes haviam sugerido o corte das verbas e a suspensão das pesquisas. Ninguém, até então, ousara falar de uma liquidação definitiva da estação. Tal decisão significaria muito claramente uma derrota. Aliás, durante certas conversas oficiosas, um determinado número de nossos cientistas preconizou abandonar o "caso *Solaris*", adotando uma linha de retirada tão "honrosa" quanto possível.

Numerosos cientistas, entretanto, em especial os jovens, chegaram insensivelmente a considerar o "caso" como uma pedra de

toque dos valores individuais. "Tudo bem estudado", diziam eles, "o lucro não consiste só em penetrar na civilização solarista. Trata-se essencialmente de nós, dos limites do conhecimento humano."

Durante certo tempo, prevaleceu a opinião (difundida com ardor pela imprensa diária) que o "oceano pensante" de *Solaris* era um cérebro gigantesco, prodigiosamente desenvolvido, tendo um avanço de muitos milhões de anos com relação à nossa própria civilização, uma espécie de "iogues cósmico", um sábio, uma exemplificação da onisciência que, havia muito tempo, compreendera como era vã toda atividade e que, por essa razão, a partir daí se recolhia a um silêncio inabalável. A opinião era inexata, pois o oceano vivo agia. Não, é claro, segundo as noções humanas. Não construía cidades ou pontes, nem máquinas voadoras. Não procurava abolir distâncias e não se preocupava com a conquista do espaço (critério decisivo, segundo alguns, para afirmar a incontestável superioridade do homem). O oceano entregava-se a inúmeras transformações, a uma "auto-metamorfose ontológica". Não falta imponência aos termos científicos nas atividades solaristas! Por outro lado, todo cientista ligado ao estudo dos múltiplos solarianos sentia a irresistível impressão de perceber fragmentos de uma construção inteligente, talvez genial, misturados desordenadamente a produções absurdas, engendradas aparentemente pelo delírio. Foi assim que nasceu, opondo-se à concepção "oceano-iogue", a idéia do "oceano-débil".

Essas hipóteses exumaram um dos antigos problemas filosóficos: as relações entre a matéria e a mente e entre esta e a consciência. Não faltou audácia a Du Haart quando sustentou - foi o primeiro - que o oceano era dotado de consciência. O problema, que os metodologistas apressaram-se a declarar metafísico, alimentou grande quantidade de discussões e disputas. Era possível que o pensamento fosse privado de consciência? Aliás, seria possível chamar de pensamento os impulsos observados no oceano? Uma montanha é um enorme pedregulho? Um planeta é uma enorme montanha? Continuava-se livre para escolher uma terminologia, mas a nova escala de valores introduzia normas e fenômenos novos.

A matéria se apresentava como uma transposição contemporânea do problema da quadratura do círculo. Todo pensador independente procurava incluir sua contribuição pessoal no tesouro dos estudos solaristas. As teorias novas formigavam. O oceano testemunhava um estado de degenerescência, de regressão, que sucedia uma fase de "plenitude intelectual". Era um neoplasma delirante, descendente do corpo dos habitantes anteriores do planeta, todos devorados, engolidos por ele e cujos resíduos ele fundira naquela forma eterna, auto-reproduzível, de elemento supra celular.

A luz branca dos tubos fluorescentes, pálida imitação da claridade de um dia terrestre, retirei da mesa os aparelhos e livros que a ocupavam. Estendi, na superfície de matéria plástica, o mapa de *Solaris* e fiquei olhando para ele, com os braços abertos e as mãos apoiadas na beira cromada da mesa. O oceano vivo tinha cordilheiras e fossas. Suas ilhas, cobertas de um depósito mineral em decomposição, eram decerto da mesma natureza do fundo do oceano. Ordenaria ele a erupção e desmoronamento das formações rochosas enterradas em seus abismos? Ninguém sabia. Considerando a grande projeção plana dos dois hemisférios, matizados de diversos tons de azul e violeta, senti aquele espanto angustiante que me dominava com freqüência e que me envolveu ainda muito criança, na escola, ao tomar conhecimento da existência de *Solaris*.

Perdido na contemplação daquele mapa espantoso, não pensava em coisa alguma e muito menos no mistério que cercava a morte de Gibarian, ou na incerteza do meu próprio futuro.

As diversas seções do oceano levavam os nomes dos cientistas que as haviam explorado. Estava estudando o mar de Thexall, que banhava os arquipélagos equatoriais, quando tive a brusca sensação de que alguém me olhava.

Eu estava inclinado sobre o mapa, mas não o via mais. Um invencível entorpecimento tolhia meus membros. Caixas e um pequeno armário barricavam a porta à minha frente.

"É um robô", pensei. No entanto, eu não encontrara nenhum no quarto e um robô não poderia entrar contra minha vontade. Senti a pele da nuca e das costas queimando.

O peso daquele olhar imóvel tornava-se insuportável. com a cabeça metida entre os ombros, apoiei-me mais fortemente na mesa, que começou a deslizar devagar. Esse movimento me libertou. Voltei-me.

O quarto estava vazio. Na minha frente havia apenas a janela côncava e a noite lá fora. Mas a sensação persistia. A noite me olhava, cega, imensa e sem fronteiras. Nenhuma estrela iluminava a escuridão além da vidraça. Corri as cortinas opacas. Não fazia ainda uma hora que eu estava na estação e já começara a dar indícios de morbidez. Seria consequência da morte de Gibarian? Conhecendo-o bem, eu estava certo até aquele instante de que nada poderia perturbar-lhe a mente.

Agora não tinha mais certeza.

Fiquei parado no meio do quarto, ao lado da mesa. Minha respiração começou a se acalmar. Senti o suor esfriar na testa. Eu tinha pensado em quê, havia pouco? Ah, sim, nos robôs! Fiquei espantado de não encontrar nenhum. Onde tinham se metido? O único com o qual eu estivera em contato - de longe pertencia ao serviço de recepção de veículos. Mas... e os outros?

Olhei o relógio. Estava na hora de encontrar Snow.

Saí. Filamentos luminosos, colocados no teto, iluminavam palidamente o vestíbulo. Cheguei junto à porta de Gibarian e fiquei imóvel durante muito tempo. Apenas silêncio.

Silêncio por todos os lados. Torci a maçaneta. Na verdade, eu não tinha a menor intenção de entrar. A maçaneta girou e a porta abriu-se, formando uma fenda escura.

Em seguida, as luzes se acenderam. Atravessei rapidamente a soleira e, sem barulho, tornei a fechar a passagem. Então me voltei.

Minhas costas roçavam a almofada da porta. O aposento era maior que o meu. Uma cortina estampada de pequenas flores cor-de-rosa e azuis, sem dúvida trazida da Terra, acrescentada aos arranjos pessoais e não previstos no equipamento da estação, tapava três quartos da janela panorâmica. Ocupando as paredes, havia prateleira, separadas por armários, urnas e outros esmaltados de verde pálido com reflexos prateados. As estantes e os armários haviam sido esvaziados e seu conteúdo estava amontoado entre os tamboretos e as poltronas. Aos meus pés, impedindo a passagem, estavam emborcadas duas mesas com rodas, semi-ocultas por uma pilha de jornais que haviam caído de pastas arrebatadas. Livros com as folhas abertas em leque estavam manchados por líquidos multicoloridos que se haviam derramado de provetas e frascos de rolhas corroídas, recipientes de um vidro tão espesso que uma queda, mesmo de altura considerável, não poderia quebrar.

Uma pesada mesa estava caída sob a janela, esmagando uma lâmpada de mesa de braço móvel. Duas pernas de um tamborete virado estavam metidas numa gaveta entreaberta. Uma enorme quantidade de papéis de todos os formatos, cobertos de caracteres manuscritos, cobria o solo. Reconheci a letra de Gibarian e me inclinei. Ao erguer as folhas soltas, notei que minha mão projetava uma sombra dupla. Endireitei-me. A cortina cor-de-rosa brilhava, atravessada por uma linha incandescente de um branco-azulado, que ia se alargando. Levantei a cortina.

Uma luminosidade insustentável crescia no horizonte, expulsando um exército de sombras espectrais, surgidas das ondas, que se estendiam na direção da estação. Era a aurora. Depois do intervalo noturno de uma hora, o segundo sol do planeta, o azul, subia no céu.

Quando me virei para o monte de papéis, o interruptor desligou automaticamente as lâmpadas. Deparei com a minuciosa descrição de uma experiência feita três semanas antes. Gibarian tinha a intenção de expor o plasma a uma radiação extremamente intensa de raios-x. Pelo teor da descrição, vi que era dirigida a

Sartorius, que devia organizar a operação. Aquilo era uma cópia do projeto.

A brancura das folhas me feria os olhos. Aquele novo dia era diferente do anterior. Na morna claridade do sol alaranjado, neblinas rosadas planavam acima do oceano negro de reflexos sangrentos e cobriam quase permanentemente, com uma película avermelhada, as ondas, as nuvens e o céu. Agora, o sol azul trespassava, com uma luminosidade de lâmpada de quartzo, o tecido estampado com flores. Minhas mãos morenas pareciam cinzentas. O quarto havia mudado. Todos os objetos que tinham reflexos vermelhos haviam esmaecido, tornando-se castanho-acinzentados, enquanto os objetos brancos, verdes e amarelos, adquiriram um brilho mais vivo e pareciam emitir luz própria.

Piscando, dei outra olhada pela fresta da cortina. Uma extensão de metal fluido vibrava e palpitava sob um céu de chamas brancas. Fechei os olhos e recuei. Encontrei, na prateleira da pia (que estava toda estragada), um par de óculos de espessos vidros escuros. Cobriram-me metade do rosto. A cortina irradiava, agora, uma luz de sódio. Continuei a ler, apanhando as folhas e colocando-as sobre a única mesa utilizável. O texto tinha lacunas. Remexi em vão os papéis amarrotados.

Examinando os relatórios das experiências já efetuadas, vim a saber que, durante quatro dias consecutivos, Gibarian e Sartorius haviam submetido o oceano à radiação, num ponto situado a mil e quatrocentas milhas da atual posição da estação. Ora, o emprego de raios-x era proibido por uma convenção da ONU, em virtude de sua ação nociva, e eu estava certo de que ninguém havia enviado qualquer requerimento à Terra pedindo autorização para efetuar tais experiências.

Levantando a cabeça, vi minha imagem no espelho de um armário entreaberto. Era um rosto pálido, meio encoberto por óculos escuros. O quarto, cheio de reflexos brancos e azuis, tinha um aspecto estranho. Mas, logo a seguir, ouvi um ranger prolongado e os protetores exteriores, opacos, deslizaram sobre a vidraça. Houve

um momento de escuridão e depois as lâmpadas se acenderam, parecendo extremamente fracas. Estava cada vez mais quente. O ruído regular dos aparelhos de ar refrigerado assemelhava-se a um latido exasperado. Estavam trabalhando com força total. Apesar disso, o calor sufocante não cessava de aumentar.

Ouvi passos. Alguém estava andando no vestíbulo. Com dois pulos silenciosos, aproximei-me da porta. Os passos tornaram-se mais lentos. O desconhecido parou junto à porta. A maçaneta girou. Sem pensar, automaticamente, agarrei-a. A pressão não aumentou nem diminuiu. Ninguém de ambos os lados da porta ergueu a voz. Cada um segurava a maçaneta e assim ficamos durante um momento. De repente a pressão cessou e a maçaneta me escapou da mão. Os passos, abafados, afastaram-se. Continuei escutando, com o ouvido colado à porta, mas não distingui ruído algum.

Os visitantes

COLOCANDO rapidamente no bolso as notas de Gibarian, aproximei-me do armário. Macacões e outras roupas haviam sido afastados e comprimidos contra um lado, como se um homem tivesse se escondido no fundo. Um envelope emergia da montanha de papéis no chão. Apanhei-o. Estava endereçado a mim. Com a garganta seca, abri o envelope.

Tive de fazer um esforço para me decidir a desdobrar a folha dentro dele.

Com sua letra normal, perfeitamente legível, embora miúda, Gibarian havia escrito duas linhas.

Suplemento An. Solar. Vol. I: Vot. Separai. Messenger ds, ass. E; Ravintzer: Pequeno apócrifo.

Era só, sem qualquer palavra a mais. Essas duas linhas conteriam alguma informação importante? Quando ele as teria escrito? Resolvi que precisava consultar, o mais depressa possível, o fichário da biblioteca. Eu conhecia o suplemento do primeiro volume dos estudos solaristas, quer dizer, sem nunca o ter lido, sabia da sua existência.

Não tinha ele a categoria de documento histórico? Quanto a Ravintzer e seu Pequeno apócrifo, nunca ouvira falar neles.

Que fazer?

Eu já estava quase quinze minutos atrasado. Uma vez mais, de costas para a porta, percorri o quarto com um olhar atento. Só então notei a cama, encostada verticalmente na parede, cobrindo um grande mapa de *Solaris*. Qualquer coisa pendia por trás do mapa. Era um gravador de bolso. A fita estava nove décimos gravada. Tirei o aparelho do estojo, que recoloquei no lugar em que encontrara e meti o gravador no bolso.

Voltei para a porta. com os olhos fechados, procurei captar os ruídos externos. Nada. Abri a passagem sobre um poço escuro e só então me ocorreu tirar os óculos.

Os filamentos luminosos sob o teto clareavam com parcimônia o local.

Alguns corredores, afastando-se em várias direções, formavam uma estrela. Subitamente, surgindo de uma reentrância que levava à sala da lavanderia, apareceu uma enorme silhueta, quase indistinta, confundida com a penumbra.

Imobilizei-me, pregado ao chão. Uma mulher gigantesca, do tipo negróide, caminhava calmamente, num passo bamboleante. Entrevi o brilho do branco dos seus olhos e ouvi o suave palmilhar dos seus pés nus. Sua única vestimenta era uma saia amarela de palha trançada. Seus seios enormes balançavam livres e seus braços pretos eram tão grossos quanto as coxas. Cruzou comigo - separava-nos a distância de um metro, apenas sem me lançar o menor olhar. Com a saia de palha oscilando cadenciadamente, continuou a andar, semelhante às estátuas esteatopígicas da Idade da Pedra, que costumamos ver nos museus de antropologia. Ela abriu a porta de Gibarian. Sua silhueta destacou-se nitidamente na soleira, aureolada pela luz mais viva que se acendera no interior do quarto. Depois fechou a porta. Fiquei só. Com a mão direita peguei a esquerda, que apertei com toda força, até fazer as articulações estalarem. Com o olhar vago, percorri a grande sala vazia. Que havia acontecido? Que era aquilo? De repente, senti um calafrio. Lembrei-me das advertências de Snow. Que significava aquele fato? Quem era aquela monstruosa Afrodite? Dei um passo, um passo apenas, na direção dos aposentos de Gibarian. Eu sabia muito bem que não ia entrar. Com as narinas dilatadas, aspirei o ar. Por quê? Ah, sim! Instintivamente, eu havia esperado sentir o cheiro característico do suor da mulher. Mas não havia sentido nada, nem mesmo no momento em que estávamos a um passo um do outro.

Não me lembro de quanto tempo fiquei encostado na fresca parede metálica, ouvindo apenas o ruído afastado, monótono, dos

climatizadores.

Dei alguns tapas de leve no rosto e caminhei para a sala do rádio. Quando torci a maçaneta, ouvi uma voz rude:

- Quem é?

- Eu, Kelvin.

Entrei e vi Snow sentado junto à mesa colocada entre um monte de caixas de alumínio e o aparelho emissor. Estava comendo carne em conserva, que tirava diretamente da lata. Será que ele não saía mais da sala de rádio? Estupefato, fiquei olhando o movimento do seu maxilar. Depois me lembrei de que eu também morria de fome. Aproximei-me dos armários, escolhi o prato menos empoeirado e sentei-me em frente a Snow.

Comemos em silêncio.

Snow levantou-se, desenvolveu uma garrafa térmica e encheu duas taças com um caldo fumegante. Colocando a garrafa no chão, pois não havia lugar na mesa, perguntou-me:

- Você viu Sartorius?

- Não. Onde ele está?

- Em cima.

Em cima era o laboratório. Continuamos a comer, sem falar mais. Snow raspou cuidadosamente o fundo da sua lata. A sala estava iluminada por quatro globos fixados no teto. Um postigo fechava hermeticamente a janela pelo lado de fora. Os raios dos globos luminosos brilhavam sobre a tampa plastificada do emissor. Snow usava, naquele instante, uma blusa desfiada nos punhos. Uma rede de finas veias vermelhas estendia-se sobre seu rosto.

- Que é que há? - ele perguntou.

- Nada... Por quê?

- Você está empapado.

Enxuguei a testa. Era verdade, meu suor escorria. Sem dúvida, uma reação em consequência daquele encontro inesperado. Snow me perfurava com um olhar inquisidor.

Devia contar-lhe? Se ele tivesse tido mais confiança em mim... Que espécie de jogo incompreensível se desenrolava ali e quem era o adversário de quem?

- Está fazendo calor. Pensei que a refrigeração, aqui, funcionasse melhor!

- Os aparelhos se ajustam automaticamente de hora em hora. Seu olhar tornou-se insistente.

- Tem certeza de que é só o calor?

Não respondi. Snow atirou de qualquer maneira os talheres e latas vazias na pia. Voltou para sua poltrona e continuou a me interrogar:

- Quais são suas intenções?

Respondi com calma:

- Isso depende de vocês. Suponho que tenham um plano de pesquisas, não? Um novo estímulo, os raios-x talvez, ou qualquer coisa assim...

Snow franziu o cenho.

- Raios-x... Quem lhe disse?

- Não me lembro. Alguém deixou escapar uma palavra. Talvez a bordo da *Prometheus*. Então vocês começaram?

- Só sei por alto. É uma idéia de Gibarian. Ele a preparou junto com Sartorius. Curioso como você pôde saber!

Sacudi os ombros.

-Você só sabe por alto? Mas devia saber mais, pois foi você...

Não completei a frase. Snow continuou calado.

O arquejar dos climatizadores havia cessado. A temperatura era mantida num nível suportável. Persistia no ar um som anasalado,

como o zumbido de uma mosca agonizante.

Snow se levantou da poltrona e foi até o emissor, onde ficou inclinado sobre o painel de comando. Pôs-se a girar controles desordenadamente e sem resultado, porque havia deixado de ligar o aparelho. Divertiu-se durante um instante mexendo naquilo tudo e depois disse:

- É preciso preencher as finalidades concernentes... Ele estava de costas para mim.

-E?... - atalhei. .

Ele virou-se e me olhou com ar maligno. Não era minha intenção enraivecê-lo. Mas, ignorando que tipo de jogo estava se desenrolando, restringi-me a uma espera cheia de reticências. Seu pomo-de-adão sobressaía na gola da blusa.

- Você foi aos aposentos de Gibarian - disse ele, de repente - e isto não é uma pergunta.

Olhei-o tranqüilamente.

- Você foi aos aposentos dele! - repetiu Snow.

Esbocei um gesto de cabeça.

- Se você insiste...

- Havia alguém lá? - perguntou.

Então ele a vira ou, pelo menos, sabia da existência dela!

- Ninguém... quem poderia estar lá?

- Então por que você não me deixou entrar?

Sorri.

- Porque eu estava com medo. Me lembrei das suas advertências. Quando a maçaneta girou, agarrei-a automaticamente. Por que não disse quem era? Eu lhe deixaria entrar.

Snow respondeu, com voz titubeante:

- Pensei que era Sartorius.

-E daí? ;

Respondeu minha pergunta com outras duas.

- Que é que você acha?... Que foi que aconteceu lá?

Vacilei.

- Você deve saber melhor que eu... Onde está ele?

- Na câmara de congelamento. Nós o transportamos hoje de manhã.

- Onde o encontraram?

- No armário.

- No armário? Já estava morto?

- O coração ainda batia, mas não respirava mais. Era o fim.

- Tentou reanimá-lo?

- Não.

- Por quê?

- Não tive tempo. Quando o deitei, estava morto - Snow balbuciou.

- Ele estava de pé no armário? No meio dos trajes?

- Estava.

Snow apanhou uma folha sobre a mesinha ao lado e me entregou.

- Redigi um relatório sucinto... Afinal de contas, não foi mau você ter visto o quarto. Causa da morte: injeção de pernostal em dose mortal. Está escrito aí...

Percorri a folha de papel com os olhos e murmurei:

- Suicídio... Por que motivo?

- Perturbações nervosas, depressão, chame como quiser...
Você sabe melhor que eu.

Continuei sentado. Snow estava de pé na minha frente. Encarando-o, respondi:

- Sei apenas o que constatei pessoalmente.

- Que é que você quer dizer? - perguntou Snow, sem se alterar.

- Ele se injetou pernostal e se escondeu no armário, não foi? Nesse caso não se trata de perturbações nervosas ou crise de depressão, mas de um estado muito grave de uma psicose paranóica...

Falando cada vez mais lentamente, sem tirar os olhos dele, acrescentei:

- Ele, na certa, tinha a impressão de ver alguma coisa.

Snow recomeçou a mexer nos controles do emissor. Depois de um curto silêncio, recomecei:

- Esta é a sua assinatura... E a de Sartorius?

- Já lhe disse que ele está metido no laboratório e não aparece. Acho que ele...

- Que ele o quê?

- Que ele se fechou por dentro.

- Se fechou? Ah, se fechou... Talvez tenha feito uma barricada?

- E possível.

- Snow... Há mais alguém dentro da estação, alguém estranho.

Ele largou os controles e ficou me olhando, meio de lado.

- Você viu!

- Você me preveniu. Contra quem? Contra o quê? Contra uma alucinação?

- O que você viu?

- Um ser humano, talvez?

Snow ficou mudo. Virou-se para a parede, como se quisesse esconder o rosto. Tamborilava com os dedos nas placas metálicas. Olhei para suas mãos. Não havia mais traços de sangue nas articulações. Tive uma rápida tonteira.

Em voz baixa, quase num suspiro, como se lhe estivesse confiando um segredo que ninguém devia ouvir, continuei:

- Não se trata de uma miragem, mas de um ser real que se pode... tocar, que se pode... ferir e que você viu ainda hoje.

- Como é que você sabe?

Com o rosto colado à parede, Snow não se mexia. Suas costas estavam voltadas para mim.

- Antes da minha chegada... pouco antes da minha chegada, não foi?

Ele se encolheu. Vi seu olhar afobado.

- E você! - engasgou-se. - E você, quem é você?

Pensei que ele ia se atirar sobre mim. Não havia esperado aquela reação. A situação estava se tornando absurda. Ele não acreditava que eu fosse quem pretendia ser!

Que significava aquilo? Snow me examinava com um terror crescente. Estaria delirando? As emanções mefíticas da atmosfera exterior teriam intoxicado? Tudo era possível.

Sim, e eu... eu a vira, a ela, aquela criatura... então, eu também?

- Quem é ela? - perguntei.

Aquelas palavras o acalmaram. Durante um momento, olhou-me com ar inquiridor, como se ainda duvidasse de mim.

Sentou-se desanimado na poltrona e pôs a cabeça entre as mãos. Antes mesmo que tivesse aberto a boca, percebi que não estava disposto a me responder diretamente.

- A febre - disse ele, com voz calma.

- Quem é ela? - perguntei outra vez.

Snow resmungou:

- Se você não sabe...

- Que é que tem?

- Snow... Nós estamos isolados, longe de tudo. Vamos pôr as cartas na mesa! As coisas já estão suficientemente embrulhadas.

- Que é que você quer?

- Que me diga quem você viu.

- E você ? - atirou-me ele, com desconfiança.

- Bem, eu responderei e depois você o fará. Fique calmo, não vou pensar que está doido...

- Doido? Meu Deus! - esboçou um sorriso. - Mas você não entendeu nada, nada mesmo... Se ele tivesse podido pensar, um pouquinho que fosse, que estava delirando, não teria feito aquilo, estaria vivo.

- Então, o relatório que você fez, aquela história de perturbações nervosas, era mentira?

- Mas claro!

- Por que não escrever a verdade?

- Por quê? - Snow repetiu.

Fez-se um longo silêncio. Não, decididamente, eu não estava compreendendo nada. Pensei tê-lo convencido da minha sinceridade. Imaginei que íamos conjugar esforços para decifrar o enigma. Por que, por que ele se recusava a falar?

- Onde estão os robôs?

- No depósito. Encerramos todos eles lá. Só conservamos em uso o pessoal da recepção.

- Por quê? Não quer dizer?

- Não posso.

A cada instante ele parecia estar a ponto de se entregar, mas depois recuava. Talvez fosse melhor que eu subisse até o laboratório de Sartorius. Lembrei-me da carta e, nesse instante, atribuí-lhe uma importância capital.

- Vocês pensam continuar as experiências?

Snow sacudiu os ombros com desprezo.

- Para quê?

- Ah... então de que vamos nos ocupar?

Ele calou-se. Ouviu-se, ao longe, um fraco ruído de pés descalços arrastando-se ao chão. Ali, entre os instrumentos niquelados e plastificados, entre altos armários cheios de tubos de vidro, contendo a aparelhagem complicada das instalações eletrônicas, o eco abafado daquele andar ressoava de forma grotesca e irreal.

Incapaz de me controlar, fiquei de pé. Ao mesmo tempo que prestava atenção aos passos que se aproximavam, eu observava Snow. com os olhos semi-cerrados, ele não parecia assustado. Então não tinha medo dela?

- Ela vem de onde? - perguntei.

E como ele demorasse a responder:

- Não quer me dizer?

- Não sei.

- Está bem.

Os passos se afastaram e morreram.

- Você não acredita? - disse Snow. - Juro que não sei. Em silêncio, abri um armário e afastei os pesados escafandros. No fundo, como eu previra, estavam penduradas as pistolas a gás utilizadas para deslocamento no vácuo. Apanhei uma delas, verifiquei se estava carregada e passei a correia do coldre pelo ombro. Não era exatamente uma arma, mas era melhor que nada.

Quando eu estava ajustando o tamanho da correia, Snow sorriu com ar de troça, mostrando os dentes amarelos.

- Boa caçada! - disse ele.

Caminhei para a porta.

- Obrigado.

Snow levantou-se.

- Kelvin!

Olhei-o. Ele não estava mais sorrindo. Nunca vi um rosto exprimir tanto desânimo.

- Kelvin, não é... eu... de fato não posso... - gaguejou. Esperei. Snow mexia os lábios sem proferir um único som.

Virei as costas e saí.

Sartorius

SEGUI por um longo corredor deserto e depois virei à direita. Eu nunca havia estado na estação, mas na Terra, durante o treinamento, vivera seis semanas na sua réplica exata. Por isso sabia onde ia dar a pequena escada de alumínio.

A biblioteca estava às escuras. Tateando, achei o interruptor. Consultei o arquivo. Depois de compor os dados do primeiro volume do anuário de estudos solaristas e de seu suplemento, pus o computador para funcionar. Acendeu-se uma luz vermelha. Verifiquei o registro: os dois livros estavam com Gibarian. O Pequeno apócrifo também. Apaguei a luz e voltei para o andar inferior.

Apesar de ter ouvido os passos se afastarem, eu temia ir novamente aos aposentos de Gibarian. Ela podia voltar. Fiquei um tempo enorme diante da porta. Por fim, torcendo a maçaneta, entrei.

Não havia ninguém no quarto. Comecei a remexer nos livros espalhados diante da janela, mas interrompi minha busca por um instante para fechar o armário. Fazia-me mal ver o espaço vazio entre os macacões.

O suplemento não estava sob a janela e eu comecei a examinar metodicamente os livros, um após outro, por todo o quarto. Quando cheguei ao último monte, entre a cama e o armário, achei o volume que estava procurando.

Eu esperava encontrar alguma indicação e, efetivamente, havia um marcador entre as páginas do índice. Um nome que eu não conhecia estava sublinhado a lápis vermelho:

André Berton. Os números concernentes a esse nome remetiam o leitor a dois capítulos diferentes. Dei uma olhada na primeira referência e vi que Berton fora piloto de reserva do navio de Shannahan.

A referência seguinte aparecia cerca de cem páginas além.

No começo, a expedição agira com infinita prudência. Depois, passados dezesseis dias, foi verificado que o oceano plasmático não só não dava qualquer sinal de agressividade, como fugia a todo contato direto com os aparelhos e homens, recuando cada vez que um corpo qualquer se aproximava da sua superfície. Shannahan e seu imediato, Timolis, desistiram de parte das precauções, que complicavam e retardavam o andamento dos trabalhos.

A expedição se dividiu, então, em pequenos grupos de dois ou três homens, efetuando vôos sobre o oceano num raio de, às vezes, algumas centenas de milhas. As rampas irradiantes, usadas antes para limitar e proteger os trabalhos, foram transportadas para a base. Passaram-se quatro dias sem o menor acidente, exceto algumas avarias no equipamento que garantia a alimentação de oxigênio dos escafandros. A atmosfera exercia uma ação particularmente corrosiva sobre as válvulas, forçando sua substituição quase diariamente.

Na manhã do quinto dia, isto é, no vigésimo primeiro dia da chegada da expedição, dois cientistas, Carucci e Fechner (o primeiro era radiobiólogo e o segundo, físico), saíram para explorar a superfície do oceano. Iam a bordo de um aeromóvel - não um veículo voador, mas um deslizador, deslocando-se sobre um colchão de ar comprimido.

Seis horas mais tarde, os dois exploradores ainda não haviam voltado. Timolis, que dirigia a base na ausência de Shannahan, deu o alarme e organizou a busca, utilizando todos os homens disponíveis.

Por um fatal conjunto de circunstâncias o contato radiofônico havia sido, naquele dia, cortado uma hora depois da partida dos grupos de exploração, em consequência de uma grande mancha que cobrira o sol vermelho e que bombardeara as camadas superiores da atmosfera com um volume muito denso de partículas energéticas. Só os aparelhos que emitiam ondas ultra curtas continuaram a funcionar, limitando os contatos a um raio de vinte e poucas milhas.

Para cúmulo do azar, o nevoeiro se tornara mais espesso antes do pôr-do-sol e foi necessário interromper a procura.

Na hora em que as equipes de salvamento estavam voltando para a base, um helicóptero descobriu o aeromóvel a apenas oitenta milhas da nave capitania. O motor estava funcionando e o aparelho, à primeira vista incólume, mantinha-se acima das ondas. Só havia um homem, meio inconsciente, dentro da cabina transparente. Era Carucci.

O aeromóvel foi escoltado até a base. Carucci foi medicado e logo ficou consciente. Foi incapaz de dizer qualquer coisa sobre o desaparecimento de Fechner. Lembrava-se apenas de ter sido vítima de sufocação na hora em que decidiram voltar. A válvula do seu aparelho de oxigênio desatarraxara e gases tóxicos, em pequena quantidade, haviam penetrado no escafandro.

Fechner, para consertar o aparelho de Carucci, fora obrigado a tirar o cinto de segurança e ficar de pé. Esta era a última coisa de que Carucci se lembrava. De acordo com os especialistas, era fácil reproduzir o desenrolar dos acontecimentos. Para reparar o aparelho de Carucci, Fechner abriu o teto da cabina, pois a cúpula baixa entravava seus movimentos. Isso não tinha nada de extraordinário, uma vez que a cabina daqueles veículos não era hermética, constituindo-se apenas numa tela contra as infiltrações atmosféricas e o vento. Enquanto Fechner socorria o companheiro, seu próprio aparelho de oxigênio sofrerá também, sem dúvida, alguma avaria. E Fechner, sem ter consciência do que fazia, havia subido para a cúpula do aeromóvel e caíra no oceano.

Fechner fora, portanto, a primeira vítima do oceano. Procuraram seu corpo sem resultado (o escafandro deveria ter boiado, o que não aconteceu). Aliás, talvez tivesse aparecido flutuando em outro local. A expedição, no entanto, não tinha meios de examinar detalhadamente a superfície imensa daquele deserto ondulante, coberto de farrapos de neblina.

Ao cair da tarde - retomo a narração a partir do fim daquele vigésimo primeiro dia - todos os veículos de socorro haviam

regressado à base, com exceção de um grande helicóptero de reabastecimento, a bordo do qual se encontrava Berton.

O helicóptero de Berton voltou uma hora depois do anoitecer, quando todos já começavam a ficar seriamente preocupados. Berton apresentava sinais manifestos de choque nervoso. Desceu do aparelho e pôs-se imediatamente a correr para todos os lados, como um louco. Conseguiram agarrá-lo. Ele gritava e chorava. Era de se ficar espantado ver aquele comportamento num homem que tinha a seu crédito dezessete anos de navegação cósmica e que já havia efetuado mais de um vôo em condições bem piores.

Os médicos julgaram que Berton também absorvera gases e tóxicos. Mas, tendo readquirido um pouco do equilíbrio, Berton recusou-se a deixar o interior da base, mesmo por um instante, e muito menos a se aproximar da janela que dava para o oceano.

Dois dias depois, Berton pediu autorização para ditar um relatório referente ao vôo. Insistiu sobre a importância das revelações que ia fazer. O conselho da expedição examinou o relatório e concluiu que ele era fruto da criação mórbida de uma mente intoxicada pelos gases nocivos da atmosfera. As tais revelações interessavam não à história da expedição, mas ao desenvolvimento da doença de Berton. Por isso, acharam desnecessário mencioná-lo.

Esse era o teor do suplemento. Pensei que, em todo caso, o relatório de Berton devia oferecer uma chave para o mistério. Que acontecimento teria podido abalar até aquele ponto um veterano dos vôos espaciais? Recomecei a remexer nos livros, mas o Pequeno apócrifo continuava sumido. Senti-me cada vez mais cansado. Resolvi prosseguir a investigação no dia seguinte e saí do quarto.

Passando pelo pé da escada, reparei que havia manchas luminosas de cima a baixo dos degraus de alumínio. Sartorius ainda estava trabalhando! Decidi ir vê-lo.

Estava quente lá em cima. Apesar disso, havia uma leve corrente de ar e as tiras de papel não paravam de se agitar nas

grades dos condutos de ventilação. O corredor era baixo e amplo. Uma espessa placa de vidro fosco, com moldura cromada, fechava o laboratório principal. Uma cortina espessa vedava a porta por dentro. A luz vinha das janelas existentes acima da verga. Girei a maçaneta. A porta não cedeu, como eu previra. O único som vindo do laboratório era um zumbido intermitente, semelhante ao sopro de um maçarico defeituoso. Bati. Não houve resposta.

- Sartorius! Doutor Sartorius! - gritei. - Sou eu, Kelvin. Acabo de chegar! Preciso vê-lo! Abra, por favor.

Houve um barulho de papel amassado.

- Sou eu, Kelvin! Você já ouviu falar em mim! Estou vindo de bordo da *Prometheus*. Cheguei há pouco!

Eu gritava com os lábios colados à ranhura da porta.

- Doutor Sartorius! Estou sozinho. Por favor, abra!

Nenhuma palavra. Depois, o mesmo barulho de antes, seguido do entrecostar de instrumentos de aço sendo arrumados numa bandeja. A seguir... não pude acreditar nos meus ouvidos... uma série de passos miúdos, como os de uma criança, o andar curto e precipitado de um par de pernas minúsculas. Seriam dedos notavelmente ágeis, tamborilando na tampa de uma lata vazia, a imitação daquele andar?

- Doutor Sartorius, vai abrir ou não? - berrei.

Silêncio. Apenas o pisar infantil e, simultaneamente, os passos de um homem, caminhando na ponta dos pés. Mas, se aquele homem se locomovia, não podia, ao mesmo tempo, imitar o andar de uma criança! Aliás, pouco me importava...

Sem poder mais conter a raiva que me invadia, explodi:

- Doutor Sartorius! Não fiz uma viagem de dezesseis meses para vir me divertir com suas palhaçadas! Vou contar até dez. Se não abrir, arrebentarei a porta!

Aliás, eu duvidava poder arrebentar aquela porta com facilidade... e a descarga de uma pistola de gás não era muito forte.

Apesar disso, eu estava disposto a executar a ameaça, fosse como fosse, mesmo que tivesse de recorrer a explosivos facilmente encontráveis, sem dúvida, no almoxarifado da estação. Eu não podia recuar, isto é, não podia mais continuar a participar de um jogo com as cartas marcadas que me haviam sido dadas.

Houve um barulho de luta. Ou era apenas o de objetos sendo empurrados? A cortina se dividiu ao meio e uma sombra esguia se projetou sobre o vidro fosco, aureolada de luz. Uma voz deformada e aguda falou:

- Abrirei, mas você me promete que não entra.
- Então para que abrir?
- Está bem. Prometo.

A silhueta recuou e a cortina foi cuidadosamente fechada. Uma atividade confusa teve lugar no laboratório. Ouvi objetos serem arrastados. Seria uma mesa arranhando o chão? Por fim a fechadura estalou, o painel de vidro se abriu e Sartorius se esgueirou para o corredor.

Sartorius encostou-se à porta. Era muito alto, magro, ossudo, sob o blusão esbranquiçado. Tinha um lenço preto amarrado no pescoço. No braço, dobrado ao meio, trazia um guarda-pó de laboratório, queimado por ácidos. Sua cabeça, anormalmente estreita, estava inclinada para o lado. Não pude ver seus olhos. Óculos escuros, redondos, cobriam-lhe metade do rosto. O maxilar inferior era comprido. Tinha os lábios azulados e orelhas enormes, também azuladas. Não havia feito a barba.

Trazia, amarradas aos pulsos por cadarços, luvas vermelhas anti-radiação.

Olhamo-nos por um momento, com uma aversão não dissimulada. Seus cabelos desgrehados (evidentemente cortados por ele mesmo) eram cor de chumbo. A barba crescia grisalha. Como Snow, tinha a testa queimada, mas só até a metade, e lívida acima da linha horizontal. Sartorius devia usar uma espécie de gorro quando se expunha ao sol.

- Estou esperando - disse ele.

Eu tinha a impressão de que ele não se preocupava com o que eu ia dizer. Tenso e encostado na placa de vidro, só prestava atenção ao que se passava às suas costas.

A princípio eu não sabia o que falar, pois temia dizer uma bobagem. Depois principiei:

- Me chamo Kelvin... na certa ouviu falar em mim. Sou, ou melhor, fui colaborador de Gibarian.

Seu rosto magro, de linhas verticais - eu imaginava que dom Quixote era assim - não revelava qualquer expressão. E a máscara negra não me ajudava a encontrar as palavras.

- Eu soube que Gibarian... morreu.

Fiz uma pausa.

- Morreu. Continue.

Sua voz revelava impaciência.

-Terá se suicidado? Quem encontrou o corpo, você ou Snow?

- Por que me pergunta isso? O doutor Snow não lhe informou?

- Gostaria de ouvir o que tem a dizer a esse respeito.

- Você estudou psicologia, não é verdade, doutor Kelvin?

- Estudei. E daí?

- Você se dedica à ciência?

- Sim, claro. Que é que tem...

- Você não é policial. São, neste instante, duas horas e quarenta e sete e, em vez de se entregar às suas tarefas, aos trabalhos que lhe estão afetos aqui, não contente de forçar a porta do meu laboratório, você me interroga como se eu fosse um suspeito.

O suor inundava minha testa. Custei a me conter. com voz abafada, respondi:

- Você é suspeito, doutor Sartorius!

Eu queria atingi-lo de qualquer maneira e acrescentei, furioso:

- Aliás, você sabe disso perfeitamente!

- Kelvin, se não se retratar e me pedir desculpas, representarei contra você pelo rádio.

- Por que deveria me desculpar? Porque você se fecha e ergue barricadas no laboratório, em vez de ir me receber, em vez de me pôr honestamente a par do que está acontecendo aqui? Perdeu completamente a cabeça? E finalmente você, sim, quem é você? Um cientista ou um miserável covarde? Responda!

Não me lembro mais do que continuei a gritar. Sartorius nem estremeceu. Gotas enormes escorriam por suas faces de poros dilatados. Subitamente compreendi: ele não me ouvira! com as mãos escondidas às costas, segurava com todas as forças a maçaneta da porta, que era violentamente sacudida, como se do outro lado alguém estivesse dando socos na almofada. Com voz estranha, fina, ele gemeu:

- Vá embora! Por favor... pelo amor de Deus, vá embora! Desça, irei ao seu encontro, farei tudo o que você quiser mas, suplico-lhe, vá embora!

Sua voz traía um tal esgotamento que estendi automaticamente o braço com a intenção de o ajudar a segurar a porta. Ele deu um berro de pavor, julgando que eu houvesse apontado uma faca na sua direção. Comecei a recuar, enquanto ele gritava, com voz de falsete. Abriu a porta e se atirou para dentro. Pareceu-me que um objeto amarelo, um disco brilhante, atravessara seu peito.

Um som abafado saiu do laboratório. A cortina voou para o lado. Uma grande sombra se projetou no vidro fosco. Depois a cortina voltou ao lugar e não vi mais nada.

Que estaria acontecendo ali? Pés começaram a bater no chão, dando início a uma perseguição louca, seguindo-se o barulho

assustador de vidro quebrado. Ouvi, então, um riso de criança...

Minhas pernas bambearam. Olhei para a porta com um jeito espantado. O silêncio substituíra o barulho. Sentei no parapeito plastificado de uma janela. Lá fiquei talvez quinze minutos, não sei, esperando que acontecesse alguma coisa ou simplesmente chocado, a ponto de não ter mais vontade de me levantar. Minha cabeça estourava.

Ouvi um rangido continuado e uma luz crescente iluminou o teto.

De onde eu estava, via só uma parte do corredor circular que rodeava o laboratório, situado no alto da estação, diretamente sob a cúpula da armadura superior. Em consequência, as paredes eram côncavas e inclinadas, com janelas oblongas, distantes alguns metros umas das outras. Os protetores externos começavam a subir, pois o dia azul chegava ao fim. Um, raio cegante atravessou as espessas vidraças. Cada friso niquelado, cada maçaneta, flamejavam. A porta do laboratório, aquele grande painel de vidro rugoso, cascadeou trêmulas faíscas. Olhei minhas mãos, pousadas nos joelhos, que se haviam tornado cinzentas naquela luz espectral. Minha mão direita segurava a pistola a gás - eu não percebera que a havia retirado do coldre. Tornei a guardá-la. Agora sabia que nem mesmo uma lança radioativa me teria ajudado.

De que me serviria? Para arrombar a porta e tomar o laboratório de assalto?

Levantei-me. O disco solar, semelhante a uma explosão de hidrogênio, mergulhava no oceano e me atingia com um jato de raios horizontais, quase tangíveis. Quando tocaram meu rosto (eu estava descendo a escada), senti-os como ferro em brasa.

Parei no meio dos degraus para pensar e tornei a subir. Andei à volta do laboratório. Como já disse, o corredor cercava-o completamente. Depois de ter andado uma centena de passos, vi-me defronte de uma segunda porta de vidro, exatamente igual à outra. Tentei abri-la, mas sabia que estava fechada.

Examinei a parede, procurando uma abertura ou uma fenda qualquer. A idéia de espionar Sartorius me ocorrera de forma natural e sem constrangimento. Eu desejava acabar com as suposições e conhecer a verdade que, antecipadamente, imaginava incompreensível.

Verifiquei que as salas do laboratório eram iluminadas por janelas no teto, localizadas no exterior da carapaça que envolvia a estação. Assim, seria possível espionar Sartorius pelo lado de fora. Para começar, seria preciso descer, vestir um escafandro e colocar um aparelho de oxigênio. No alto da escada, hesitei. Aquelas janelas eram, provavelmente, blocos de vidro fosco. Mas eu necessitava ver o laboratório e não havia outra solução...

Voltei para o andar intermediário. A porta da sala do rádio estava aberta. Snow, largado em sua poltrona, dormia. O barulho dos meus passos fê-lo sobressaltar-se e abrir os olhos.

- Viva, Kelvin! - disse, com voz rouca.

Como eu não respondesse, perguntou:

- Então, descobriu alguma coisa?

- Sim... Ele não está só...

-Ah, não está? Bem, já é alguma coisa. Ele está com visitas?

Quase involuntariamente, respondi:

- Não sei por que você não quer me dizer do que se trata. Já que vou ficar, cedo ou tarde saberei a verdade. Por que tanto mistério?

-Você compreenderá quando tiver recebido visitas.

Pareceu-me que minha presença o importunava e que ele não tinha vontade de continuar a conversa.

Saí.

- Aonde vai você?

Não respondi.

O espaço-porto estava como eu o havia deixado. Minha cápsula calcinada erguia-se, escancarada, sobre sua base. Aproximei-me dos cabides dos macacões de vôo. Mas, subitamente, desintressei-me daquela ida ao exterior da carapaça.

Dei meia-volta e desci uma escada em caracol, que levava aos armazéns do entreposto. Embaixo, o corredor estreito estava repleto de garrafas e caixas. Placas de metal nu, com reflexos azulados, revestiam as paredes. Os canos nevados da instalação de refrigeração apareciam uma dezena de passos adiante, sob uma arcada. Eles mergulhavam, no fim do corredor, num colarinho de plástico.

Quando abri a pesada porta, de duas polegadas de espessura e cercada de espuma isolante, fui penetrado por um frio glacial. Tremi. Encontrava-me no limiar de uma gruta talhada numa geleira, com esculturas em relevo, em forma de carretéis enormes, de onde pendiam estalactites de gelo. Também ali, enterradas sob uma camada de neve, havia caixas e cápsulas espaciais e, em prateleiras laterais, quantidades de latas e sacos transparentes, contendo uma matéria amarela, oleosa. A arcada se inclinava. Uma cortina brilhante de gelo escondia o fundo da gruta. Afastei-a. Um grande corpo alongado, coberto com uma lona, estava deitado numa grade de alumínio.

Levantei o canto da coberta e vi o rosto petrificado de Gibarian. Seus cabelos escuros, com uma mecha grisalha, estavam colados no crânio. As cartilagens da garganta ressaltavam como arestas no meio do pescoço. Os olhos mortiços fixavam-se na abóbada, com lágrimas congeladas penduradas nas pálpebras. O frio era tão brutal que tive de cerrar o maxilar para que meus dentes não batessem.

Segurei a mortalha com uma das mãos e com a outra toquei no rosto de Gibarian. Pensei estar tocando num tronco de árvore petrificado, eriçado de pêlos escuros e pontiagudos. A curva dos lábios exprimia um paciência infinita, desdenhosa. Deixando a lona

cair, notei, ultrapassando a extremidade inferior, cinco pérolas negras dispostas em ordem decrescente. Fiquei apavorado.

Eu havia reconhecido aqueles dedos, a carne oval dos artelhos de um pé nu. Sob a mortalha amarrotada, colada ao corpo de Gibarian, estava deitada a mulher negra.

Retirei lentamente a lona. A cabeça dela, de cabelos crespos divididos em pequenas tranças, estava apoiada na curva do seu braço negro e grosso. Suas costas brilhavam e os músculos estavam contraídos junto às vértebras. Nenhum movimento animava aquele corpo gigantesco. Examinei novamente a planta dos pés nus e constatei que elas não estavam achatadas nem deformadas pelo peso que deveriam sustentar, nem a pele havia sido endurecida pelo andar, continuando tão macia quanto a das mãos ou ombros.

Com dificuldade muito maior que a que tivera quando toquei no cadáver de Gibarian, obriguei-me a mexer num daqueles pés nus. Fiz, então, uma outra constatação incrível: aquele corpo, abandonado dentro de um congelador, estava vivo e se mexia. A mulher encolhera o pé, exatamente como um cão adormecido, quando alguém tenta pegar-lhe a pata.

Pensei confusamente: "Ela vai congelar..." Mas o corpo, novamente tranqüilo, estava morno e senti a batida regular da pulsação nas almofadas dos dedos. Recuei e deixei tombar a lona. Fui embora correndo.

O calor pareceu-me sufocante quando saí da gruta branca. Andei pelo corredor e subi a escada, que me levou de volta ao espaço-porto.

Sentei-me sobre um pára-quedas enrolado. Coloquei a cabeça entre as mãos. Eu estava arrasado. Meus pensamentos se dispersavam. Era impossível fixá-los, eles rolavam por um declive abrupto... Que estava me acontecendo? Se meu juízo ia desmoronar, era melhor ficar logo inconsciente! A idéia de um aniquilamento imediato despertou uma esperança inexprimível... irrealizável.

Não valia a pena encontrar Snow ou Sartorius, ninguém podia compreender totalmente o que eu acabara de viver, o que vira, o que tocara com minhas próprias mãos.

Só havia uma explicação, só uma saída para aquilo: a loucura. Sim, eu enlouquecera desde o instante da minha chegada ali. As emanções do oceano haviam atacado meu cérebro. As alucinações se sucediam. Não valia a pena desperdiçar minhas forças tentando resolver enigmas fictícios. Era melhor pedir a ajuda de um médico, chamar a *Prometheus* ou qualquer outro navio pelo rádio, enviar um SOS.

Operou-se em mim uma mudança inesperada: o pensamento de que estava louco trouxe-me calma.

No entanto eu ouvira claramente as palavras de Snow... se Snow existisse e se eu tivesse falado com ele! As alucinações poderiam ter começado muito mais cedo. Estaria eu, talvez, a bordo da *Prometheus* Eu havia sido subitamente atacado por uma doença mental e estava enfrentando as criações do meu cérebro irritado. O fato de me supor enfermo dava-me o direito de pensar que ia ficar bom, o que me permitia uma esperança de libertação - esperança a que devia renunciar se admitisse realidade aos pesadelos confusos que acabava de atravessar.

Convinha, antes de mais nada, conceber uma experiência lógica - *experimentum crucis* - que confirmasse ter eu me tornado verdadeiramente louco, que era vítima de miragens da minha imaginação, ou que, apesar da absurda inverossimilhança, eu vivera acontecimentos reais.

Assim refletindo, olhei para o trilho que levava à rampa de lançamento. Era uma viga de aço que surgia da parede pintada de verde-claro e cheia de placas de metal encurvadas. Em alguns lugares, a um metro de altura, a tinta havia descascado em conseqüência do atrito dos vagonetes que transportavam os foguetes. Toquei no aço, aqueci-o com meus dedos, bati no teto liso da blindagem. O delírio poderia atingir tal grau de realidade? "Pode",

respondi a mim mesmo. Afinal de contas, era a minha especialidade, eu conhecia o assunto.

Mas seria possível realizar uma experiência-chave? Não, pensei imediatamente, seria impossível, pois meu cérebro desarranjado (se é que estava mesmo) criaria as ilusões que eu exigiria dele. No sono mais comum, sem que estejamos doentes, conversamos com desconhecidos, aos quais fazemos perguntas e ouvimos suas respostas.

Além disso, embora nossos interlocutores sejam, de fato, criações da nossa própria atividade psíquica, forjados por um processo pseudo-independente, enquanto não se dirigirem a nós não sabemos que palavras sairão das suas bocas. No entanto, essas palavras foram formuladas por uma parte da nossa mente. Deveríamos, portanto, conhecê-las no instante exato em que as elaboramos, para colocá-las na boca de seres fictícios. E, qualquer que fosse meu projeto de experiência e qualquer que fosse a forma pela qual eu o pusesse em execução, poderia sempre julgar que estava me comportando exatamente como num sonho. Era inútil fazer qualquer pergunta a Snow ou Sartorius, pois ambos não possuíam nenhuma experiência real.

Pensei em absorver algum pó, alguma droga poderosa, o *peyotl*, por exemplo, ou uma outra poção que provocasse alucinações coloridas. Se esse ato fosse seguido de visões, provaria que eu vivera, de fato, aqueles acontecimentos recentes e que eles estavam ligados à realidade material ambiente. Mas não, pensei, aquela não seria a experiência-chave desejável, uma vez que eu conhecia os efeitos da droga (que eu próprio deveria escolher) e que minha imaginação podia me sugerir a dupla ilusão de ter ingerido aquela droga e sentir seus efeitos.

Para onde quer que eu me virasse, voltava ao ponto de partida. Não tinha como sair disso. Só somos capazes de pensar com o próprio cérebro e não podemos nos ver do exterior a fim de verificar o funcionamento exato dos nossos processos internos... De repente, surgiu-me uma idéia, tão simples quanto eficaz.

Levantei-me de um pulo e corri até a sala de rádio. Estava deserta. Dei uma olhada no relógio elétrico pendurado na parede. Eram quase quatro horas, a quarta hora da noite convencional no interior da estação. O sol vermelho brilhava lá fora. Liguei com rapidez o emissor de longo alcance e, enquanto as válvulas aqueciam, reexaminei mentalmente as etapas principais da experiência.

Não me lembrava do sinal de chamada a ser enviado à estação automática do satelóide. Li-o numa cartolina pendurada sobre o painel de comando central. Enviei o sinal em Morse e a resposta chegou oito segundos depois. O satelóide, isto é, seu cérebro eletrônico, fez-se anunciar por um sinal cadenciado.

Pedi ao satelóide que me informasse que meridianos interestelares da galáxia ele atravessava, em intervalos de vinte dois segundos, girando em torno de *Solaris* e exigi frações de cinco algarismos.

Depois sentei-me e esperei a resposta. Ela chegou ao fim de dez minutos. Arranquei a tira de papel recém impressa e a escondi numa gaveta (tendo o cuidado de não a olhar). Apanhei grandes mapas celestes na estante, tábuas de logaritmos, um calendário detalhando o percurso diário do satélite e alguns livros auxiliares. Depois, dediquei-me a achar a resposta para a pergunta que fizera. Durante uma boa hora realizei equações. Havia muito tempo, desde quando era estudante, que eu não fazia tais cálculos. Quando fora a última vez? Sem dúvida no exame de astronomia prática.

Efetuei as operações com a ajuda da enorme calculadora da estação. Meu raciocínio era o seguinte: se executasse os cálculos tomando como base os mapas celestes, eu obteria uma confirmação aproximada dos resultados fornecidos pelo satelóide. Aproximada, pois o percurso do satelóide estava sujeito a variações complicadíssimas, em virtude da ação das forças de gravitação de *Solaris* e seus dois sóis, e também por causa das diferenças de gravitação localizadas e provocadas pelo oceano. Quando eu tivesse as duas séries de algarismos, uma fornecida pelo satelóide e a outra

calculada teoricamente a partir do mapa celeste, faria retificações nas minhas operações.

Então os dois grupos coincidiriam até a quarta decimal. Só subsistiriam diferenças a partir da quinta, devidas à ação imprevisível do oceano.

Se os números obtidos do satelóide não fossem uma realidade, mas o fruto da minha mente desarranjada, não haveria confirmação da segunda série, pensei. Meu cérebro talvez estivesse doente, mas não conseguiria, em qualquer circunstância, rivalizar com a grande calculadora da estação e efetuar secretamente cálculos que teriam exigido muitos meses de trabalho. Por conseqüência, se os números coincidissem, a grande calculadora da estação existia mesmo e eu havia de fato me servido dela e não estava delirando.

Minhas mãos tremiam quando tirei a fita telegráfica da gaveta e coloquei-a ao lado da comprida tira de papel saída da calculadora. As duas séries de algarismos coincidiam, como eu previra, até a quarta decimal. As diferenças só apareciam a partir da quinta.

Escondi os papéis na gaveta. A calculadora, portanto, existia independente de mim. Isso significava que a estação, com seus habitantes, tinha existência real. Ia fechar a gaveta quando reparei que ela estava atulhada de folhas cobertas de cálculos impacientemente garatujados. Bastou-me uma olhada para verificar que alguém havia tentado uma experiência semelhante à minha e pedira ao satelóide não informações concernentes aos meridianos interestelares, mas medidas da refração de *Solaris* com intervalos de quarenta segundos.

Eu não estava louco. Desfizera-se o último raio de esperança. Desliguei o emissor, bebi o caldo que sobrara no fundo da lata térmica e fui me deitar.

Rheya

A OBSTINAÇÃO, uma espécie de raiva muda, mantivera-me em pé ao lado da calculadora. Naquele instante, morto de cansaço, eu não sabia mais abrir uma cama mecânica.

Esqueci de retirar os grampos e pendurei-me na grade dos pés da cama. O leito desabou.

Tirei toda minha roupa, fiz com ela uma bola que joguei longe e deixei-me cair sobre o travesseiro. Nem mesmo me dei ao trabalho de inflá-lo convenientemente. Adormeci sem apagar a luz.

Quando tornei a abrir os olhos, tive a impressão de haver cochilado alguns minutos. O quarto estava banhado por uma penumbra vermelha. Fazia menos calor. Eu estava me sentindo bem, deitado, com as cobertas afastadas, inteiramente nu. A cortina só cobria metade da janela e lá, defronte de mim, ao lado da vidraça, iluminada pelo sol vermelho, havia alguém sentado. Reconheci Rheya. Usava um vestido de praia, branco, cujo tecido estava esticado no bico dos seios. Tinha as pernas cruzadas e pés descalços. Imóvel, com os braços abertos bronzeados até os cotovelos, olhava-me por entre os cílios escuros. Rheya, com seus cabelos pretos penteados para trás.

Encarei-a durante muito tempo, calmamente. Meu primeiro pensamento foi reconfortante: eu estava sonhando e consciente disso. Não obstante, preferia que ela sumisse. Fechei os olhos e tratei de varrer aquele sonho. Quando tornei a abri-los, Rheya estava sentada ao meu lado. Tinha os lábios entreabertos, como de costume, num gesto de assoviar.

Mas seu olhar era sério. Lembrei-me da véspera, quando fizera aquelas especulações a respeito dos sonhos. Rheya não havia mudado desde o dia em que a vira pela última vez. Tinha, naquela época, dezenove anos. Hoje teria vinte nove. Mas, evidentemente, os mortos não mudam, ficam eternamente jovens. Ela fixava-me com o olhar espantado de sempre. Tive vontade de atirar alguma coisa sobre ela. No entanto, apesar de se tratar de um sonho, não tive coragem - mesmo em sonho de maltratar uma morta.

- Coitadinha! Você veio me visitar? - murmurei.

O som da minha voz assustou-me, embora o quarto, Rheya e tudo o mais tivessem uma aparência tão real.

Um sonho em relevo, levemente colorido... Eu via, no chão, uma porção de objetos que não notara na hora de deitar. "Quando acordar", pensei, "verificarei se esses objetos estão mesmo aí ou se, como Rheya, só os vejo em sonho..."

- Você pensa demorar? - perguntei.

Reparei que estava falando baixinho, com a voz de alguém que teme ser ouvido do outro lado da porta. Por que me preocupar, em sonho, com ouvidos indiscretos?

O sol estava acima do horizonte. bom sinal! Eu me deitara num dia vermelho, ao qual devia suceder um dia azul, seguido de outro vermelho. Portanto, não havia dormido quinze horas de uma vez... era um sonho!

Tranqüilizado, olhei Rheya com atenção. O sol desenhava os contornos de sua silhueta. Os raios vermelhos douravam a pele aveludada de sua face esquerda e os cílios projetavam uma sombra no seu rosto. Estava incrivelmente bela e eu, mesmo adormecido, prestava uma enorme atenção, vigiando o movimento do sol, esperando ver aparecer a covinha naquele lugar esquisito, logo abaixo do canto da boca. Todavia, preferia acordar, pois tinha de trabalhar.

Fechei os olhos.

Ouvi um rangido. Imediatamente abri os olhos. Rheya havia sentado na cama, junto de mim. Continuava a olhar-me com ar sério. Sorri-lhe. Ela sorriu de volta e inclinou-se.

Beijamo-nos. Um beijo tímido de crianças. Depois beijamo-nos novamente, desta vez durante muito tempo. Era correto aproveitar-me assim de um sonho? - perguntei-me.

Não estava traindo sua memória. Sonhava sempre com ela, só com ela. Aquilo nunca me acontecera... Ficamos em silêncio.

Continuei deitado de costas. Quando ela erguia o rosto, eu podia ver suas narinas transparentes, cujo fremir eu havia aprendido a interpretar. Acariciei, com a ponta dos dedos, a parte de trás da sua orelha, onde o sangue afluía, provocado por meus beijos. Fora então que eu começara a me preocupar? Eu continuava a pensar que era um sonho, mas meu coração se confrangia.

Retesei os músculos para pular da cama. Tinha quase certeza de que não ia conseguir porque, nos sonhos, nosso corpo entorpecido se recusa, com freqüência, a obedecer.

Não obstante, eu esperava que essa tentativa me arrancasse do sono. Não acordei. Sentei-me, com as pernas pendentes. Não havia solução, tinha de agüentar aquele sonho até o fim... Meu bom humor desaparecera. Eu estava com medo.

- O que é - pigarreei -, o que é que você quer?

Meus pés descalços tateavam o chão à procura de um par de chinelos. Uma aresta afiada atingiu-me um dos pés de forma brutal. Abafei um grito. Pensei, com satisfação, que aquele grito me acordaria e lembrei-me de que não tinha chinelos!

Mas a coisa continuava... Rheyra havia recuado. Estava encostada na grade da cama. O pulsar do coração elevava cadenciadamente o vestido sobre seu seio esquerdo.

Rheyra me observava com um interesse calmo.

Depressa, um banho! Depois pensei que um banho, em sonho, não interromperia meu sono...

- De onde vem você?

Ela pegou minha mão, com um gesto que eu conhecia muito, atirou-a para o ar, apanhou-a, mexeu em cada dedo e respondeu:

-Não sei. Está zangado?

Era a voz dela, uma voz de entonações profundas, um tanto ausente. Rheyra falava sempre assim, com o ar de não se preocupar muito com o que dizia, de estar já pensando em outra coisa. As

peças a julgavam avoadas ou insolentes, pois seu olhar não abandonava aquela vaga expressão de espanto.

- Você?

- Não sei. Cheguei sem problemas. Kris, é importante? Ela continuava a brincar com meus dedos, mas seu rosto contraído não mais participava do brinquedo.

- Rheyá...

- O que é, meu querido?

- Como sabia onde eu estava?

- Ela refletiu. Um sorriso - Rheyá tinha os lábios cor de cereja - descobriu seus dentes.

- Não tenho a menor idéia! Engraçado, não é? Você estava dormindo quando entrei. Não quis acordá-lo. Não quis, porque você fica danado. Você tem um temperamento terrível...

Apertou minha mão com mais força.

-Você esteve lá embaixo?

- Estive, é uma geladeira. Caí fora!

Rheyá largou minha mão. Esticou-se com a cabeça para trás e os cabelos jogados para um lado, olhando-me com aquele sorriso que havia me irritado, antes de me seduzir.

- Mas... Rheyá... mas... gaguejei.- Inclinei-me para ela e suspendi a manga do vestido. Junto e acima da cicatriz em forma de flor deixada pela vacina antivariólica, havia um ponto vermelho, a marca de uma injeção. Não me surpreendeu (instintivamente eu me empenhava em sondar o inverossímil para reunir os farrapos de uma verdade coerente) mas, apesar disso, senti uma vertigem. Coloquei o dedo naquele ponto vermelho, objeto de meus pensamentos havia tantos anos, com o qual sonhava com tanta freqüência. Acordava imediatamente com um gemido e me encontrava sempre na mesma posição, dobrado em dois entre os lençóis amarfanhados, como a encontrara, já quase fria. Quando eu dormia, procurava reviver o

que ela vivera, como se, através do tempo, esperasse obter seu perdão, fazer-lhe companhia no correr dos últimos minutos, naqueles em que ela sentia o efeito da injeção e em que era invadida pelo terror.

Ela, que temia um simples arranhão, que não suportava a dor nem a visão do sangue, havia cometido aquela ação terrível de forma deliberada, deixando para mim apenas algumas palavras rabiscadas. Eu havia guardado seu bilhete na carteira, hoje um papel amarelado, com dobras antigas, do qual jamais me separava. Não tinha coragem.

Quantas vezes eu a imaginara escrevendo aquelas palavras, preparando-se para agir... tentei me convencer de que ela havia montado uma peça, que quisera apenas me assustar, mas que a dose, por causa de um engano, fora forte demais. Todos me sugeriram que havia sido isso o que acontecera ou que se tratara de uma decisão precipitada, provocada por uma depressão, uma depressão súbita. Mas todos ignoravam o que eu havia dito a ela cinco dias antes. Ignoravam que, para feri-la mais cruelmente, eu havia carregado minhas coisas e que ela, no momento em que eu fechava as malas, me perguntara com calma: "Você sabe o que isso significa?" Eu fingi não compreender, embora tivesse compreendido perfeitamente, mas pensei que ela não teria coragem. Aliás, disse-lhe isso...

E agora ela estava deitada atravessada na cama e me olhava com atenção, como se não soubesse que fora eu que a matara.

- Sim e então? - Rheyra perguntou.

O sol vermelho se refletia em seus olhos. O quarto inteiro estava vermelho. Rheyra olhou com curiosidade para o braço que eu havia observado tanto e quando voltei à posição primitiva, ela pousou a face fresca e lisa na palma da minha mão.

- Rheyra... é impossível... - murmurei.

- Silêncio!

- Onde estamos, Rheyra?

- Em casa.

- Onde fica?

Um olho entreabriu-se e fechou-se imediatamente. Os longos cílios fizeram cócegas na palma da minha mão.

- Kris!

- Hein?

- Estou bem.

Levantei a cabeça e vi uma parte da cama refletida no espelho da pia. Vi também os cabelos de Rheyra e meus joelhos nus. Puxei, com a ponta do pé, um dos objetos informes que tirara da caixinha. Apanhei-o com a mão livre. Tinha uma haste aguçada como uma agulha. Coloquei a ponta contra minha pele e enterrei-a ao lado de uma pequena cicatriz rosada. A dor percorreu todo meu corpo. Olhei o sangue escorrer pela parte interna da coxa, gotejando sem barulho no chão.

Para que, para que... Fui assaltado por pensamentos terríveis, pensamentos claramente formulados. Eu já não dizia mais: "É um sonho." Já não acreditava que fosse um sonho. Agora eu me dizia: "Tenho de me defender."

Examinei suas costas, suas ancas modeladas pelo tecido claro, os pés descalços que balançavam... Inclinei-me, peguei com delicadeza um tornozelo e depois passei o dedo pela planta de seus pés.

A pele era lisa como a de um recém-nascido.

Eu sabia, não mais duvidava de que ela não era Rheyra e tinha quase a certeza de que ela própria, ignorava isso.

Rheyra mexeu o pé e um riso silencioso arredondou seus músculos.

- Pare - murmurou ela.

Retirei suavemente a mão que sustentava seu rosto e levantei-me. Vesti-me com rapidez.

Rheya havia se sentado e me olhava.

- Onde estão suas coisas? - perguntei. Imediatamente lamentei ter feito a pergunta.

- Minhas coisas?

- Você só tem esse vestido?

A partir desse momento, comecei a participar do jogo de forma lúdica. Procurei adotar um comportamento despreocupado, indiferente, como se tivéssemos nos separado ontem... Não, como se nunca tivéssemos nos separado!

Rheya levantou-se. Com um gesto habitual, vivo e firme, puxou a saia, a fim de desamarrotá-la. Minhas palavras a haviam perturbado, mas Rheya continuava calada.

Olhou pela primeira vez em volta do quarto, com ar curioso e observador. Depois, perplexa, respondeu:

- Não sei... - entreabriu a porta do armário. - Talvez aqui!

- Não, aí só há macacões.

Achei um aparelho elétrico ao lado da pia e comecei a fazer a barba, sem despregar os olhos dela por um instante sequer.

Rheya ia e vinha, mexendo em tudo. Finalmente, dando uma olhada para fora da janela, aproximou-se de mim.

- Kris, tenho a impressão de que aconteceu alguma coisa... - Interrompeu-se. Desliguei o barbeador e fiquei esperando.

- Tenho a impressão de haver esquecido alguma coisa - continuou ela -, de haver esquecido muita coisa... Só me lembro de você... eu... eu não me lembro de mais nada.

Eu a ouvia, procurando conservar uma aparência impassível.

- Terei... terei estado doente? - perguntou.

- Esteve... num certo sentido. Sim, você esteve meio doente.

- Ah, isso explica minha falta de memória, é claro.

Rheya se acalmara. Era impossível descrever o que eu sentia.

Quando eu a observava indo e vindo, sorridente ou séria, falando ou calada, sentada ou levantando, meu terror cedia diante da convicção de ter Rheya diante de mim, mesmo nos momentos em que eu corrigia meu julgamento e ela me parecia estilizada, reduzida a umas poucas expressões, a alguns gestos, a alguns movimentos característicos.

Rheya colou-se em mim, com os punhos cerrados pressionando meu peito, na altura do pescoço.

- Onde estamos nós dois? Vai tudo bem ou mal?

- Melhor impossível.

Ela esboçou um sorriso.

- Quando você responde assim, é porque as coisas vão mal.

Retorqui precipitadamente:

- Que idéia! Rheya, meu bem, preciso sair já. Fique aqui me esperando! - E acrescentei, porque começava a sentir uma fome enorme: - Você não quer comer?

- Comer? - Rheya sacudiu a massa ondulante dos cabelos. - Não... Tenho de esperar você?... Por muito tempo?

- Uma horinha.

- Vou com você.

- Não pode vir. Tenho de trabalhar.

- Vou com você.

Ela havia mudado, não era mais a Rheya que eu conheci. A outra não impunha sua presença, jamais insistia.

- É impossível, minha querida...

Olhou-me da cabeça aos pés. De repente, pegou na minha mão. Durante muito tempo fiquei passando a mão no seu braço morno e roliço. Eu a acariciava, mesmo contra minha vontade. Meu

corpo reconhecia o dela, meu corpo a desejava, meu corpo me atraía para ela, a despeito do raciocínio, da reflexão, do medo.

Procurando me manter calmo, repeti:

- Rheyá, é impossível. Você tem de ficar aqui.

Respondeu com uma só palavra:

- Não.

- Por quê?

- Não... não sei.

Olhou em volta e depois encarou-me.

- Não posso - acrescentou, num sussurro.

- Mas por quê?

Rheyá procurava uma resposta e quando a descobriu foi como se tivesse recebido uma revelação.

- Me parece que devo ver você sempre!

O tom firme prestava-se mal à confissão de um sentimento. A coisa era bem outra. Essa constatação modificou brutalmente, embora não de maneira aparente, a natureza do meu abraço.

Eu a tinha nos braços. Olhava-a nos olhos. Insensivelmente, com um movimento instintivo, comecei a puxar suas mãos para trás e, quando as juntei, meu olhar percorreu o quarto. Precisava de um lugar onde amarrar-lhe as mãos.

Seus cotovelos se chocaram, seguidos de um poderoso movimento de afastamento. Só resisti um segundo. Fiquei arqueado para trás e com as pontas dos pés mal tocando o chão. Mesmo um atleta não teria conseguido se libertar. Mas Rheyá endireitou o corpo e colocou os braços no lugar. Seu rosto, fracamente iluminado por um sorriso incerto, não havia participado da luta.

Rheyá me olhava, com uma curiosidade calma, como no começo, quando eu acordara. Como se minha tentativa desesperada não a tivesse atingido. Como se não tivesse percebido nada. Como

se ignorasse minha crise de pânico. Em pé na minha frente, ela esperava séria, passiva, um pouco espantada.

Deixando Rheyra no meio do quarto, fui até a pequena prateleira sobre a pia. Eu era vítima de uma cilada absurda e tinha de sair dela, custasse o que custasse! Se me perguntassem o que estava acontecendo comigo e o que significava tudo aquilo, eu seria incapaz de pronunciar três palavras. Mas naquela altura já sabia que minha situação era idêntica à de outros habitantes da estação, que tudo o que eu vivera, aprendera ou entrevira fazia parte de um todo, aterrador e incompreensível. Todavia, naquele instante preciso, eu me dedicava unicamente a encontrar um truque, a inventar um meio de fuga. Sem me voltar, sentia o olhar de Rheyra. Havia, acima da prateleira, uma pequena farmácia embutida na parede. Examinei apressadamente o que havia dentro dela. Encontrei entre os medicamentos um vidro de comprimidos para dormir. Abri a tampa e coloquei quatro comprimidos - dose máxima - dentro de um copo. Eu agia às claras, sem procurar dissimular meus gestos e ações. Por quê? Não pensei nisso. Enchi o copo de água fervendo.

Dissolvidos os comprimidos, caminhei para Rheyra, que continuava de pé. Ela me perguntou em voz baixa:

- Você está zangado?
- Não. Beba isto!

Eu previra, inconscientemente, que ela me obedeceria. De fato, Rheyra pegou o copo em silêncio e bebeu de uma só vez o líquido fervente. Coloquei o copo vazio em cima de um tamborete e fui me sentar num canto do quarto, entre o armário e a estante.

Rheyra foi para perto de mim. Sentou no chão, como costumava fazer, com as pernas dobradas sob o corpo e, com outro movimento habitual, atirou os cabelos para trás.

Eu não me enganara: não era ela. Apesar disso, reconhecia seus menores gestos. O pavor me sufocava. E o pior era que eu devia enganar, devia fingir que ela era Rheyra, embora ela mesma,

de boa-fé, pensasse ser Rheyra. Se ainda pudesse haver alguma dúvida, agora eu tinha certeza!

Ela apoiou-se nos meus joelhos, com o cabelo caindo sobre minha mão imóvel. Ficamos um longo tempo assim. De vez em quando eu olhava o relógio. Passou-se meia hora.

Os comprimidos deviam começar a fazer efeito. Rheyra murmurou qualquer coisa.

- Que é que você disse?

Ela não respondeu.

Atribuí seu silêncio ao torpor do sono. Mas, na verdade, eu duvidava da eficácia dos comprimidos. Por quê? Também não tinha resposta para essa pergunta. Provavelmente porque meu subterfúgio me parecia fácil demais.

Sua cabeça deslizou devagar sobre meus joelhos, com os cabelos escuros cobrindo-lhe inteiramente o rosto. Rheyra respirava regularmente. Havia adormecido. Inclinei-me a fim de levá-la e levá-la para a cama. Abriu de imediato os olhos, segurou-me a nuca e explodiu numa risada aguda.

Fiquei estatelado. Rheyra estourava de alegria. Com os olhos entrefechados, observava-me com ar ao mesmo tempo ingênuo e malicioso. Tornei a sentar-me ereto, espantado, desamparado. Ela foi sacudida por um último acesso de riso. Depois aninhou-se entre meus joelhos.

Perguntei, com voz sem timbre:

- Por que você está rindo?

Seu rosto tornou a exprimir um espanto preocupado. Não havia dúvida de que ela gostaria de me dar uma explicação honesta. Esfregou o narizinho e suspirou.

- Não sei - disse ela, por fim, sinceramente surpresa. - Estou me portando como uma idiota, não é? Mas você também está com o ar de um refinado idiota, afetado como... como Pelvis...

Pensei ter ouvido mal.

- Como quem?

- Como Pelvis - sabe? - o gordo...

Rheya não podia em hipótese alguma conhecer Pelvis, nem ter me ouvido falar nele, pela simples razão de ter ele voltado de uma expedição três anos depois da morte dela. Eu não o conhecia antes e ignorava, portanto, que ele tinha a tendência inveterada, quando presidia as reuniões do Instituto, a prolongar indefinidamente as sessões. Chamava-se, aliás, Pelle Villis e até sua volta eu ignorava que, por contração, fora apelidado de Pelvis.

Rheya apoiou os cotovelos nos meus joelhos e encarou-me. Coloquei as mãos sobre seus braços e subi pelos ombros até o começo do pescoço. O vestido decotado mostrava a pele, que palpitava sob meus dedos. Poderia parecer que eu ia acariciá-la. Aliás, pelo seu olhar, ela também interpretava dessa maneira o toque de minhas mãos.

Na realidade, verifiquei mais uma vez que seu corpo era morno, um corpo humano comum, com músculos, ossos, articulações. Encarando-a com firmeza, tive o tremendo desejo de apertar bruscamente os dedos.

Lembrei-me, de súbito, das mãos ensangüentadas de Snow. Larguei-a.

- Que jeito de me olhar... - disse Rheya, calmamente.

Meu coração batia tanto que não pude falar. Fechei os olhos. No mesmo instante preparei um plano de ação, de ponta a ponta e com todos os detalhes. Sem perder um instante, levantei-me.

- Tenho de ir, Rheya. Se você quiser mesmo vir comigo, pode.

- Ótimo.

Ela se levantou de um pulo.

Abri o armário, escolhi, entre as vestimentas coloridas, um macacão para cada um e perguntei:

- Por que você está descalça?

Ela respondeu, titubeante:

- Não sei... acho que atirei os sapatos por aí.

Não insisti.

- Você precisa tirar o vestido para botar isto.

- Um macacão... por quê?

Ela quis tirar o vestido, mas aconteceu uma coisa curiosa: Era impossível desabotoar uma roupa desprovida de botões! Os botões vermelhos do corpete eram só enfeites. Não havia um zíper ou qualquer outro tipo de fecho. Rheyra sorria, confusa.

Como se eu nunca tivesse feito outra coisa na vida, apanhei no chão uma espécie de escalpelo e cortei o tecido em suas costas, da gola à cintura. Rheyra pôde tirar o vestido pela cabeça.

Depois de ter posto o macacão, um pouco grande, e no momento de sairmos, Rheyra perguntou:

- Vamos voar? Você também, não é?

Contentei-me em sacudir a cabeça. Temia encontrar Snow. Mas o vestíbulo estava deserto e a porta que dava para a sala do rádio estava fechada. Um silêncio de morte, sempre o silêncio, pairava sobre o espaçoporto. Rheyra acompanhava atentamente meus movimentos. Abri uma escotilha e examinei o foguete. Inspeicionei, um após outro, o microrreator, os comandos e os difusores. Depois, retirei a cápsula vazia da base inclinada sob a cúpula em forma de funil, e dirigi para a rampa a carreta elétrica que transportava o projétil a ser disparado.

Eu havia escolhido um pequeno veículo, utilizado para o intercâmbio entre a estação e o satelóide, que só transportava pessoas em ocasiões excepcionais, pois não podia ser aberto pelo lado de dentro. Escolhera-o exatamente em função do meu plano. Claro, não tinha a intenção de lançar o foguete, mas simulei os preparativos de uma partida real. Rheyra, que me acompanhara tantas vezes em minhas viagens, conhecia alguma coisa de

manobras preliminares. Verifiquei ainda, no interior do pequeno módulo, o bom funcionamento da climatização e da entrada de oxigênio. Liguei o circuito central e as lâmpadas de controle se acenderam. Saí e disse para Rheyra, que estava ao pé da escada:

- Entre! Entrarei depois. Tenho de fechar a escotilha atrás de nós.

Ela não me deu a impressão de estar desconfiando da tramóia. Quando desapareceu no interior, meti a cabeça na abertura e perguntei:

- Você está bem instalada? - Ouvi um "estou" abafado por causa da exigüidade da cabina. Abaixei-me e, com um só impulso, fiz cair a tampa da escotilha. Corri os dois ferrolhos. Com a chave-inglesa, apertei os cinco parafusos de segurança.

O charuto afilado erguia-se, vertical, como se de fato fosse voar através do espaço. Nenhum perigo ameaçava a prisioneira. Os reservatórios de oxigênio estavam cheios e o módulo continha alimentos. Aliás, eu não tinha a intenção de mantê-la presa por tempo indefinido.

Desejava desesperadamente duas horas de liberdade, a fim de poder me concentrar nas decisões a tomar e elaborar com Snow uma tática em comum.

No instante em que eu estava apertando o penúltimo parafuso, senti vibrar o tripé que sustentava a base do foguete. Pensei ter abalado o suporte ao girar minha pesada chave com violência.

Quando, porém, recuei alguns passos, vi um espetáculo que preferia não ter de contemplar uma segunda vez.

O foguete inteiro tremia, sacudido do interior. E que sacudidas! Um robô de aço não teria conseguido imprimir aquele tremor convulsivo a uma massa de oito toneladas.

No entanto, na cabina do veículo só havia uma mocinha graciosa, uma mocinha de cabelos pretos.

O reflexo das luzes tremia sobre o casco polido do foguete.

Eu não ouvia as batidas. Reinava um silêncio absoluto no interior do projétil. Mas os pés amplamente afastados da grande base vibravam como cordas. O ritmo dos solavancos era tal que temi ver o andaime inteiro desmoronar.

Torci o último parafuso com mão trêmula, atirei a chave longe e pulei para o chão. Recuei devagar e vi que os amortecedores, construídos para resistir a uma pressão continuada, dançavam furiosamente. Pareceu-me que o casco do foguete estava ficando enrugado.

Pulei como um louco para o painel de telecomando. Empurrei para cima, com as duas mãos, a alavanca de ligação do reator. Então o alto-falante ligado com o interior do foguete deixou escapar um som penetrante. Não um grito, mas um som que não se parecia com a voz humana. Apesar disso, distingi confusamente meu nome, repetido inúmeras vezes: "Kris! Kris! Kris!"

Atirei-me tão violentamente sobre os comandos, com movimentos tão desordenados, que o sangue começou a escorrer dos meus dedos esfolados. Uma luz azul, como uma aurora pálida, iluminou as paredes. Turbilhões de poeira gasosa apareceram em torno da base de lançamento. A poeira se transformou numa coluna de fagulhas violentas e os ecos de um poderoso rugido sobrepuseram-se a todos os outros ruídos. Três colunas de fogo, logo confundidas numa só, ergueram o foguete, que passou pela abertura da cúpula. Um sulco fumegante ondulou e morreu. Os protetores tornaram a cobrir a boca do poço. Os ventiladores automáticos começaram a aspirar a fumaça sufocante que rodopiava pela sala.

Minha mente só veio a reconstituir tudo isso mais tarde. Na verdade, não sei direito o que vi. Agarrado ao painel de comando, com o rosto pegando fogo, com os cabelos queimados, respirei aos tragos o ar acre, fedendo a cinza misturada com os detritos da ionização. Eu havia fechado de forma instintiva os olhos no momento do lançamento, mas o flamejar penetrara nas minhas pálpebras. Durante certo tempo, vi apenas espirais pretas,

vermelhas, douradas, que se afastavam progressivamente. Os ventiladores continuavam a gemer. A fumaça, a névoa, a poeira se dissipavam.

Vi a tela esverdeada do radar. Manipulando apressadamente os botões graduados, comecei a procurar o foguete. Quando o enquadrei, ele já tinha ultrapassado a atmosfera.

Nunca eu havia lançado um projétil de forma tão aberrante e cega, sem me preocupar em regular a velocidade e a direção. Achei que o mais simples era colocar o foguete em órbita circular em torno de *Solaris*, a mais ou menos mil e quinhentos quilômetros de altura. Eu poderia, então, cortar os propulsores, cujo empuxo eu ignorava.

Temia uma catástrofe de conseqüências incalculáveis. Uma órbita de mil quilômetros era estacionária. Confirmei, consultando o quadro. Para dizer a verdade, aquilo não representava nenhuma garantia, mas eu não tinha outra saída.

Não tive coragem de ligar o alto-falante, cortado logo após o lançamento. Não, não queria me expor a ouvir de novo aquela voz horrível, que nada mais tinha de humano.

Considerava-me no direito de pensar que havia vencido os simulacros. Acima das aparências, encontrei Rheya, a verdadeira Rheya. Levando em conta sua lembrança, a hipótese de loucura significava, efetivamente, uma libertação.

Deixei o espaçoporto à uma hora.

O Pequeno apócrifo

MEU ROSTO e mãos estavam queimados. Lembrei-me de que, procurando um sonífero para Rheyá (não tinha ânimo para rir da minha ingenuidade), notei um pote de unguento contra queimaduras. Voltei, então, para meus aposentos.

Abri a porta. O crepúsculo vermelho iluminava o quarto, Havia alguém sentado na poltrona junto à qual Rheyá estivera ajoelhada. Fiquei paralisado pelo terror, um terror pânico que me obrigava a fugir. Isso durou uma fração de segundo. O vulto sentado levantou a cabeça. Era Snow. Com as pernas cruzadas (continuava usando a calça de linho manchada de ácidos), estava examinando algumas folhas de papel. Havia um maço de folhas sobre uma mesinha ao lado dele. Baixou a mão que segurava os papéis, fez os óculos escorregarem para a ponta do nariz e olhou-me com ar carrancudo.

Sem dar uma palavra, caminhei para a pia. Apanhei O pote de unguento no armário e comecei a passar o medicamento na testa e no rosto. Felizmente eu não estava muito inchado, e os olhos, uma vez que eu tivera a presença de espírito de fechar as pálpebras, não estavam muito inflamados. Com a ajuda de uma agulha de injeção esterilizada furei algumas bolhas nas têmporas e faces. O chumaço de algodão recolheu um líquido seroso. Depois disso, coloquei sobre o rosto dois pedaços de gaze úmida. Snow ficou olhando durante todo o tempo em que cuidei de mim. Ignorei seu olhar. Quando finalmente terminei (as queimaduras me doíam cada vez mais), sentei-me na outra poltrona. Tive de tirar antes, de cima dela, o vestido de Rheyá, um vestido comum, mas sem colchetes!

Snow, com as mãos agarrando um joelho pontudo, continuava a me olhar com ar crítico.

- Então, vamos conversar um pouco? - disse ele.

Não respondi. Estava ocupado em pôr um pedaço de gaze que teimava em escorregar pelo rosto.

- Você teve uma visita, não teve?

- Tive - respondi secamente.

Ele começara a conversa num tom que não me agradava.

- E você se livrou dela? E isso que se chama ser rápido!

Tocou a testa, onde a pele ainda estava descascando e mostrando tecidos cor-de-rosa de epiderme nova. Eu estava estupefato. Por que, até aquele instante, as "queimaduras de sol" de Snow e Sartorius não tinham orientado o curso das minhas reflexões? Queimaduras de sol... Mas ali ninguém se expunha ao sol!

Sem notar o súbito brilho do meu olhar, Snow continuou:

- Suponho que você não tenha empregado logo os meios decisivos. Você tentou o quê: narcose, veneno, luta livre?

- Você quer discutir seriamente nossos negócios ou bancar o palhaço? Se quer bancar o palhaço, pode ir embora!

Ele franziu os olhos.

- Muitas vezes bancamos o palhaço sem querer... Você experimentou a corda ou o martelo? O tinteiro, como Lutero? Não? bom - fez uma careta -, você é um sujeito direto! A pia está inteira, você não arrebitou a cabeça contra a parede nem destruiu o quarto. Um, dois, meto-a num foguete, dou a partida e pronto! Viu as horas? Dispomos, portando, de duas ou três horas. - E, com um sorriso desagradável, acrescentou: - Sou um sujeito odioso, não?

- Repugnante! - concordei energicamente.

- E? E se eu lhe contar uma história, você acreditará? Acreditará numa só palavra dela?

Calei-me. Snow continuou, com seu horrendo sorriso:

- Aconteceu a Gibarian primeiro. Fechou-se na cabina e só nos falava através da porta. E nós, você não nos pergunta o que ficamos

pensando disso?

Continuei em silêncio.

- Evidentemente, pensamos que ele ficara louco. Através da porta ele deixou entrever alguma coisa, não tudo. Talvez você esteja se perguntando por que ele não nos disse que havia alguém lá. Oh, sim! Mas ele era um verdadeiro cientista. Pediu-nos que lhe déssemos uma oportunidade.

- Oportunidade de quê?

- Sem dúvida, estava tentando resolver o problema, obter um resultado, classificá-lo. Gibarian trabalhava de noite. Sabe o que ele fazia? Claro que você sabe!

- Aqueles cálculos na gaveta da sala do rádio... foi ele?

- Foi.

- Isso durou quanto tempo?

- A visita? Quase uma semana... Pensávamos que ele tinha alucinações, perturbações motoras. Dei-lhe escopolamina.

- Mas... a ele?

- Foi. Ele a apanhou, mas não era para ele. Tentou uma experiência em alguém, sabe?

- E vocês?

- Nós? No terceiro dia decidimos entrar, arrombar a porta se não houvesse outro meio, mesmo atingindo a dignidade dele e curá-lo.

- Ah.

- Pois é.

- E então, naquele armário...

- Foi isso, rapaz, foi isso. Mas nesse meio tempo, também nós recebemos visitantes. Não podíamos mais nos ocupar dele, informá-lo sobre o que estava acontecendo. Agora isso... isso virou rotina.

Snow falava tão baixo que adivinhei mais que ouvi as últimas palavras.

- Não estou entendendo! Se vocês tivessem escutado à porta dele, deveriam ter ouvido duas vozes... - exclamei.

- Não, só ouvimos a voz dele. Havia ruídos esquisitos... mas pensamos que também eram feitos por ele.

- Só a voz dele! Por que vocês não ouviram... o outro?

- Não sei. Tenho sobre isso uma teoria em embrião... Estou deixando amadurecer, tanto mais que não adianta nada nos fixarmos em detalhes. Mas você, você viu algo ontem pois, do contrário, nos teria tomado por malucos.

- Pensei que eu é que estava ficando louco.

- Ah, e você não viu ninguém?

- Vi alguém.

- Quem?

Olhei-o durante um longo momento - sua careta não fingia mais que era um sorriso - e respondi:

- Aquela... aquela mulher negra.

Snow estava inclinado para frente. Seu corpo insensivelmente relaxou.

-Você poderia ter me avisado... - prossegui.

- Eu o avisei!

- De que maneira!

- Da única possível. Eu não sabia que você iria ver!

- Ouça, Snow, quero perguntar-lhe... você... você está a par já há algum tempo. Será que ela... a pessoa que veio hoje me visitar...

- Você quer saber se ela voltará?

Sacudi a cabeça. Snow respondeu:

- Sim e não.

- O que é que isso quer dizer?

- Ela... essa pessoa voltará, ignorando tudo, da mesma forma como quando apareceu pela primeira vez. Mais exatamente, ela fingirá ignorar o que você fez para se livrar dela. Se você respeitar as condições, ela não será agressiva.

- Que condições?

- Isso dependerá das circunstâncias.

- Snow!

- Hein?

- Vamos parar de fingimentos!

- Fingimentos? Kelvin, tenho a impressão de que você não entendeu ainda... - seus olhos brilharam. - Está bem! Você pode me dizer quem veio visitá-lo? – perguntou brutalmente.

Engoli em seco. Baixei a cabeça. Não queria olhar para ele. Preferia me entender com qualquer outra pessoa, menos com ele. Mas não tinha escolha. O pedaço de gaze descolou e caiu na minha mão. Estremeci.

- Uma mulher que... - parei. - Se matou. Uma injeção...

- Suicídio?

- Foi.

- Só isso? - Ele aguardou. Como eu continuasse calado, murmurou: - Não, não foi só isso...

Levantei rapidamente a cabeça. Snow não estava me olhando.

- Como é que você sabe? - perguntei.

Ele não respondeu.

- De fato não foi só isso - declarei. Umedeci os lábios e prossegui: - Brigamos. Não. Fui eu que fiquei furioso e você sabe as coisas que a gente diz quando está fora de si. Apanhei meus troços e caí fora. Ela me dera a entender... não o disse em palavras, mas quando se vive anos e anos com alguém não é necessário... Eu

pensava que ela falava por falar, que não teria coragem, que ficaria com medo e disse isso a ela. Na manhã seguinte, lembrei-me de que havia deixado aquelas... aquelas ampolas na gaveta. Rheyra sabia da existência delas. Eu as levava do laboratório, pois precisava delas... Sabia que, em altas doses, tinham uma ação fulminante... Tive medo, quis voltar para apanhar as ampolas, depois pensei que isso podia fazer parecer que eu estava levando suas palavras a sério. No terceiro dia, não agüentei mais e fui procurá-la. Quando cheguei, estava morta.

- Ah, a pobre inocente!

Tive um sobressalto. Mas Snow não estava zombando de mim. Parecia-me que o via pela primeira vez. Seu rosto estava cinzento. As rugas que marcavam seu semblante revelavam um esgotamento espantoso. Tinha a aparência de alguém gravemente doente.

Estranhamente intimidado, perguntei:

- Por que você disse isso?

- Porque sua história é trágica.

Vendo que eu me agitava, acrescentou de forma precipitada:

- Não, não, você continua sem entender. E, de fato, um peso terrível a carregar e você na certa se considera um assassino, mas... há coisas piores.

- Ah, na verdade!

- Sim, na verdade, e fico contente porque você recusa-se a acreditar. Estas coisas acontecidas são horríveis. Mas o mais horrível é... é o que não aconteceu, o que nunca existiu.

- O quê? - perguntei com voz fraca. Ele sacudiu a cabeça.

- Um homem normal... - respondeu. - O que é um homem normal? Alguém que nunca cometeu um ato abominável? Mas ele nunca teve pensamentos incontroláveis? Talvez nunca tenha tido mesmo... Alguma coisa, um fantasma, surgiu dentro dele, há dez ou trinta anos, algo de que se defendeu e que esqueceu, e que não temia, pois sabia que nunca deixaria aquela coisa se expandir e que

nunca ela o arrastaria a nenhuma ação. E, agora, imagina que, de repente, em pleno dia, encontra esse... aquele pensamento, encarnado, soldado nele, indestrutível! Ele se pergunta onde está. Você sabe onde ele está?

- Onde?

- Aqui - sussurrou Snow - na estação *Solaris*.

Hesitei.

- De que se trata? Afinal de contas, vocês não são criminosos, nem você nem Sartorius...

Ele me interrompeu com impaciência.

- E você, Kelvin, você é psicólogo! Quem nunca teve um certo sonho acordado, um certo desvario? Pense num... num maníaco que se apaixona por - sei lá - um pedaço de roupa suja, que à força de implorar, de ameaçar, e sem temer os perigos obtém aquele miserável farrapo adorado! História maluca, não é? Um homem que, simultaneamente, tem vergonha do objeto de sua adoração e o adora cada vez mais, um homem prestes a sacrificar sua vida por aquele amor, pois tem, talvez, sentimentos tão vivos quanto os de Romeu por Julieta... Esses casos existem, não? Portanto, você compreende que devem existir coisas... situações que ninguém ousa materializar e que o pensamento engendrou de maneira acidental, num momento de loucura, de alucinações, chame como quiser. Na etapa seguinte, a idéia se materializa. É isso.

Estupefato, com a garganta seca, repeti:

- É isso? - Minha cabeça estourava. - E a estação? Qual a ligação com a estação?

- Parece que você finge não acreditar - rosnou ele, penetrando-me com o olhar. - Não parei de falar de *Solaris*, unicamente de *Solaris* e nada mais. Se a realidade o decepciona tão brutalmente, não tenho culpa. Aliás, considerando o que já sofreu, você pode me ouvir até o fim! Nós voamos através do cosmo preparados para tudo, isto é, a solidão, a luta, a fadiga e a morte. O

pudor nos impede de proclamar isto, mas, em certos instantes, julgamo-nos admiráveis. No entanto, olhado com calma, nosso entusiasmo não passa de blefe. Não queremos conquistar o cosmo, queremos apenas levar a Terra às fronteiras dele. Tal planeta será árido como o Saara, outro tão glacial como nossas regiões polares, outro tão luxuriante como a Amazônia. Somos humanitários e cavalheirescos, não queremos escravizar outras raças, queremos apenas transmitir-lhes nossos valores e, em troca, nos apoderarmos de seu patrimônio. Consideramo-nos os Cavalheiros do Santo Contato. É outra mentira. Só nos interessa o homem. Não precisamos de outros mundos. Precisamos de espelhos. Não sabemos o que fazer dos outros mundos. Um único mundo, o nosso mundo, nos é suficiente, mas não o aceitamos como ele é. Procuramos uma imagem ideal do nosso próprio mundo. Saímos à procura de um planeta, de uma civilização superior à nossa, mas desenvolvida na base do protótipo do nosso passado primitivo. Por outro lado, existe em nós algo que recusamos, do qual nos defendemos e que, no entanto, persiste, pois não tiramos à Terra o estado de essência de todas as virtudes, não é apenas uma estátua do homem que voa! Pousamos aqui tal como somos na realidade e quando a página é virada e nos revela essa realidade, essa parece crer nossa realidade que preferimos deixar em silêncio, não estamos mais de acordo!

Eu o estava ouvindo com toda paciência.

- Mas do que você está falando?

- Do que nós queríamos: o contato com uma outra civilização. Esse contato foi estabelecido! E podemos contemplar no microscópio nossa monstruosa feiúra, nossa loucura, nossa vergonha!

A voz dele tremia de raiva.

- Então você crê que é... o oceano? Que o oceano provoca... isto? Mas por que? Ainda não quero saber como, pergunto por quê! Você acredita seriamente que ele está procurando brincar conosco? Ou castigar-nos, numa demonomania primária! O planeta dominado por um enorme diabo, que satisfaz as exigências do seu humor

satânico enviando súcubos para junto dos membros de uma expedição científica... Snow, você de fato acredita em tais absurdos!

Ele resmungou, entredentes:

- Esse diabo não é tão burro...

Olhei-o com espanto. Talvez os acontecimentos - admitindo-se que nós os havíamos vivido com mente sã e lúcida - tivessem, afinal, abalado seus nervos. Psicose de reação?

Snow estava rindo silenciosamente.

- Está tentando um diagnóstico? Não se apresse! Você só passou por uma prova e muito benigna.

- Ah, o diabo teve pena de mim!

A conversa estava começando a me cansar.

- Que é que você quer mesmo? Que eu lhe revele que malandragem esta massa metamórfica está projetando em nossa intenção, estes trilhões de toneladas de plasma metamórfico? Talvez nenhuma.

- Como nenhuma?

Snow sorria.

- Você devia saber que a ciência se ocupa apenas dos fenômenos e não das causas. Os fenômenos? Começaram a se manifestar oito ou nove dias depois da nossa experiência com os raios-x. Talvez o oceano tenha reagido à radiação com alguma outra radiação, talvez tenha sondado nossos cérebros e atingido certos quistos psíquicos.

Meu interesse despertou.

- Quistos?

- Sim, processos psíquicos isolados do resto, fechados, abafados, enquistados; brasa adormecida sob a cinza da memória! Ele os decifrou e utilizou, como nos utilizamos de uma receita ou de uma planta de arquitetura... Você sabe como se parecem as

estruturas cristalinas assimétricas do cromossoma e as estruturas cristalinas assimétricas da molécula do ácido desoxirribonucleico que entram na composição dos cerebrosídeos, que constituem o substrato do processo da memória... Essa matéria genética é um plasma "que se lembra". Assim, o oceano leu em nós, gravou os menores detalhes e a seguir... você conhece a seqüência. Mas, por que motivo? Ora! Seja como for, não era para nos destruir. Aparentemente, considerando seus recursos tecnológicos, ele teria podido fazer qualquer coisa, pôr à minha frente um sócio de você ou fazer você enfrentar o meu, por exemplo.

- Ah, foi por isso que você teve medo na primeira noite, quando cheguei! - exclamei.

- Foi. Aliás - acrescentou -, quem diz que ele não o fez? Como sabe você se sou mesmo o Rato-Velho que pousou aqui há dois anos...

Recomeçou a rir silenciosamente, gozando com meu embaraço, e depois rosnou:

- Não, não, assim já é bastante! Somos, nós dois, felizes mortais... poderei matá-lo e você poderá me matar...

- E os outros, não podemos matá-los?

- Não aconselho a tentar, será um espetáculo horrível!

- Não pode matá-los?

- Não sei. Em todo caso, nenhum veneno, nenhuma faca, nenhuma injeção...

- Nem a pistola radioativa?

- Você se arriscaria?

- Uma vez que sabemos que não são humanos...

- Num certo sentido, de forma subjetiva, são humanos. Ignoram totalmente sua origem. Você constatou isso, sem dúvida.

- Sim. Então... como é que isso acontece?

- Eles... tudo se regenera com uma rapidez inconcebível, com uma velocidade impossível... a nossa vista. E eles recomeçam a se comportar como...

- O quê?

- Como nós os imaginamos, como ficaram gravados nas recordações, baseadas nas quais...

Sem me importar com a pomada que me escorria pelo rosto e pingava em minhas mãos, perguntei bruscamente:

- Gibarian sabia?

- Você quer dizer... sabia tanto quanto nós?

- Sim.

- Muito provavelmente.

- Ele disse alguma coisa a você?

- Não. Achei um livro nos aposentos dele...

Levantei-me de um pulo.

- O Pequeno apócrifo!

- Sim. - Olhou-me com um ar desconfiado e acrescentou:

- Quem lhe falou nele?

Sacudi a cabeça num gesto negativo.

- Não, fique tranqüilo. Você pode ver que estou com a pele queimada e que ela não está se regenerando! Gibarian deixou um carta para mim no quarto dele.

- Uma carta? Dizendo o quê?

- Pouca coisa. Mais um bilhete que uma carta. Referências bibliográficas, alusões ao suplemento do anuário e ao Apócrifo. O que é esse Apócrifo!

- Um documento antigo que parece ter relação com nossa situação... olhe!

Tirou do bolso um livrinho encadernado em couro, que me estendeu. Peguei-o pelos cantos gastos pelo uso.

- E Sartorius?

- Que é que tem Sartorius? Cada um se vira como pode. Sartorius está lutando para continuar normal, isto é, para preservar sua dignidade de enviado em missão oficial.

- Você está brincando!

- Não, não estou. Já estive com ele uma vez (vou passar por cima de minúcias). Em resumo, éramos oito e não tínhamos mais de quinhentos quilos de oxigênio. Um após outro, abandonamos nossas ocupações e acabamos por nos transformar num grupo de barbudos. Só ele fazia a barba e engraxava os sapatos. Sartorius é assim. Atualmente, é claro, ele só pode fingir, representar ou cometer um crime.

- Um crime?

- Você tem razão. A palavra não se aplica exatamente. "Divórcio por ejeção." Soa melhor?

- Muito divertido.

- Se não lhe agrada, proponha outra!

- Ah, deixe-me em paz!

- Não, vamos falar sério! Você agora sabe quase tanto quanto eu. Tem algum plano?

- Nenhum. Não tenho a menor idéia do que farei quando... quando ela voltar. Se não estou enganado, ela deverá voltar.

- E de prever.

- Por onde eles entram? A cobertura da estação é hermética. Talvez a blindagem...

Snow sacudiu a cabeça.

- A blindagem está em perfeito estado. Não sei por onde eles entram. Geralmente, a gente os vê quando acorda e precisamos

dormir de vez em quando!

- Podemos fazer barricadas nos nossos aposentos, não?

- As barricadas não agüentam muito tempo. Só há uma escapatória e você já adivinhou qual é.

Levantou-se e eu também.

- Que é isso, Snow!... Você está sugerindo liquidar a estação e está esperando que eu tome a iniciativa?

- Não é tão simples assim. Podemos fugir, é evidente, nem que seja até o satelóide e de lá enviar um SOS. Seremos considerados loucos, sem dúvida, e encerrados num hospício na Terra, a menos que sejamos desmentidos polidamente. Um planeta longínquo, o isolamento, manifestação de loucura coletiva, nosso caso não parecerá excepcional. E depois, mesmo num hospício, estaríamos melhor que aqui. Um jardim, a tranqüilidade, os quatinhos brancos, enfermeiros, passeio acompanhado...

Com as mãos nos bolsos, olhando fixamente para um canto do quarto, Snow falava com a maior seriedade.

O sol vermelho havia desaparecido no horizonte e o oceano era um deserto escuro, matizado de relâmpagos agonizantes, últimos reflexos perdidos dentro da longa cabeleira das ondas. O céu chamejava. Nuvens de franjas violáceas atravessavam aquele mundo vermelho e negro, indizivelmente lúgubre.

- Então, você quer fugir ou não? Ainda não? - perguntei por fim.

Snow sorriu.

- Lutador incansável... se você percebesse totalmente a pergunta que acaba de fazer, não insistiria tanto. Não se trata do que eu quero, trata-se do que é possível.

- Como o quê?

- De fato, não sei.

- Então ficaremos aqui? Você acha que encontraremos um meio...

Magro, enfermigo, com o rosto pelado e coberto de rugas, Snow encarou-me.

- Talvez valha a pena ficar. Nada aprenderemos a respeito dele, sem dúvida, mas sobre nós...

Virou-se, apanhou os papéis e saiu. Abri a boca para chamá-lo, mas nenhum som escapou dos meus lábios.

Só me restava esperar. Aproximei-me da janela. Meu olhar passeou distraidamente pelas ondas escarlates do oceano escuro. Veio-me a idéia de ir me encerrar num dos foguetes do espaçoporto, idéia estúpida que logo abandonei. Cedo ou tarde teria de sair da nave!

Sentei-me ao lado da janela. Comecei a folhear o livro que Snow me dera. A luz do crepúsculo incendiava o quarto e coloria as páginas do livrinho. Era uma coletânea de artigos e ensaios de um valor que, em geral, não podia enganar, apresentados por um tal Othon Ravintzer, doutor em filosofia. Toda ciência engendra alguma pseudociência e inspira digressões às mentes estranhas. A astronomia encontra seus caricaturistas na astrologia, a química, antigamente, na alquimia. Não era, portanto, surpreendente que a solarística, no começo, tenha provocado uma explosão de cogitações marginais. O livro de Ravintzer dava exatamente direito de asilo a essas espécies de especulações intelectuais, precedidas - devo acrescentar com honestidade de uma introdução onde o autor mantinha distância dos textos reproduzidos. Ele considerava, não sem razão, que tal coletânea podia oferecer um precioso documento da época, tanto para o historiador como para o psicólogo da ciência.

O relatório de Berton - dividido em duas partes e completado por um apanhado do livro de bordo - ocupava um lugar importante no livrinho.

Das quatorze às dezesseis horas e quarenta, tempo local estabelecido pela expedição, as inscrições do livro de bordo eram

lacônicas e negativas.

Altitude 1.000 - ou 1.200 - ou 800 metros - nada à vista - oceano deserto.

Essas mesmas anotações constavam várias vezes. Depois:

16H40: uma névoa vermelha se ergue. Visibilidade: 700 metros. Oceano deserto.

17 horas: a névoa se torna mais espessa - silêncio - visibilidade: 400 metros com relâmpagos. Desço a 200 metros.

17h20: entro na névoa. Altitude: 200. Visibilidade: 20-40 metros. Subo a 400.

17h45: altitude: 500 metros. Mar de névoa até o horizonte. Na névoa, aberturas em forma de funil, pelas quais vejo a superfície do oceano. Tento entrar num desses funis, onde há qualquer coisa se mexendo.

17h52: vejo uma espécie de redemoinho - ele expele espuma amarela. Estou envolto por uma parede de névoa. Altitude: 100. Desço a 20.

Assim terminava o apanhado do livro de bordo de Berton. Seguia-se a história de sua doença ou, mais exatamente, o depoimento feito por Berton e interrompido por perguntas dos membros da comissão.

BERTON: Quando descii a trinta metros, tornou-se difícil manter a altitude. Sopravam ventos violentos naqueles poços. Tive de me agarrar aos comandos e, durante certo tempo, dez ou quinze minutos, não olhei para fora. Reparei muito tarde que um forte turbilhão me arrastava para a névoa. Esta não era uma névoa comum, era uma matéria espessa, coloidal, que cobriu todas as vidraças. Custei a limpá-la. Aquela névoa - aquela gosma - era tenaz. Além disso, em virtude da resistência que a névoa opunha à hélice, a velocidade de rotação fora reduzida em cerca de trinta por cento e eu comecei a perder altura. Como eu havia descido muito e temia mergulhar nas ondas, soltei gás em abundância. O aparelho

manteve a altitude, mas não tornou a subir. Restavam-me ainda quatro cartuchos de aceleradores de foguetes. Não os utilizei, pois achava que a situação, todavia não era desesperadora. O aparelho era sacudido por vibrações cada vez mais fortes. Pensei que uma camada daquela gosma havia envolvido a hélice. Mas o marcador de sobrecargas continuava no zero e eu não entendia nada. Depois que entrei na névoa, deixei de ver o sol - via apenas uma claridade vermelha. Continuei a me deslocar, com a esperança de atingir finalmente um daqueles poços e foi exatamente o que aconteceu ao cabo de meia hora. Encontrei-me numa outra fissura, um cilindro quase perfeito, com um diâmetro de algumas centenas de metros. A parede do cilindro era um gigantesco turbilhão de névoa, que subia em espiral. Lutei para ficar no centro do "poço", onde o vento era menos violento. Então notei uma mudança na superfície do oceano. As ondas haviam desaparecido quase inteiramente e a camada superior daquele fluido - que compõe o oceano - tornou-se transparente, com rastros trêmulos aqui e ali, que se dissipavam e em pouco tempo ficou tudo limpo. Eu podia ver claramente até vários metros de profundidade. Vi uma espécie de lodo, de lama amarela, que projetava filamentos verticais. Quando aqueles filamentos atingiam a superfície, adquiriam um brilho vítreo, depois começavam a desprender espuma - ficavam cremosos - e em seguida aquela espuma se solidificava. Ficava parecida com uma calda queimada, muito espessa. Aqueles filamentos viscosos misturavam-se, emaranhavam-se. Protuberâncias inchavam sobre o oceano e pouco a pouco adquiriam formas variadas. Percebi, subitamente, que meu aparelho fora arrastado para a parede de névoa e tive de lutar contra o vento. Quando pude olhar novamente para baixo, vi alguma coisa que lembrava um jardim.

Sim, jardim, com árvores, sebes, caminhos, mas não era um verdadeiro jardim. Tudo era feito com a mesma substância, que havia agora endurecido completamente e se assemelhava a gesso amarelo. O oceano brilhava sob o jardim. Desci o mais baixo possível para observá-lo de perto.

PERGUNTA: As árvores e plantas que você viu tinham folhas?

BERTON: Não, eram formas aproximadas, como a maquete de um jardim. Sim, uma maquete! Era exatamente isso. Uma maquete de tamanho natural. Um instante depois ela começou a estalar, a se desfazer, a se fender em rachaduras escuras, de onde saía um espesso líquido seroso, que escorria ou se amontoava no local. As sacudidas aumentaram, houve um borbulhar formidável e foi tudo sepultado pela espuma. Ao mesmo tempo, as paredes da névoa se estreitaram. Aumentei a velocidade de rotação e saí a trezentos metros.

PERGUNTA: Você tem certeza de ter visto alguma coisa parecida com um jardim - jardim, sem margem a qualquer outra interpretação?

BERTON: Tenho. Notei vários detalhes. Lembro-me, por exemplo, de que havia caixas arrumadas num canto. Compreendi mais tarde que eram, provavelmente, colméias.

PERGUNTA: Mais tarde? Mas na hora, quando você as viu?

BERTON: Na hora não, pois tudo era modelado como em gesso. Mas vi outra coisa.

PERGUNTA: O quê?

BERTON: Vi objetos aos quais não posso dar um nome exato porque não tive tempo de observá-los bem. Penso ter distinguido, sob algumas sebes, instrumentos de trabalho, objetos alongados, dentados. Pareciam modelagem em gesso das nossas ferramentas de jardim. Mas não tenho certeza absoluta. Mas tenho certeza de haver reconhecido a colméia.

PERGUNTA: Você não pensou que poderia ser uma alucinação?

BERTON: Não. Pensei numa miragem. Não acreditei que fosse alucinação porque me sentia muito bem e antes nunca vira nada semelhante. Quando subi a trezentos metros e olhei a névoa outra vez, ela estava cheia de buracos irregulares - se vocês quiserem, podem imaginar uma fatia de queijo. Alguns daqueles buracos estavam completamente vazios e pude ver as ondas do oceano. Outros não passavam de amplas reentrâncias onde alguma coisa

borbulhava. Desci num daqueles poços e - o altímetro estava marcando quarenta - vi uma parede que se apoiava na superfície do oceano - não muito fundo - a parede de um edifício imenso. Vi-o claramente através das ondas.

Tinha várias fileiras de orifícios retangulares, como janelas. Pareceu-me que qualquer coisa se mexia por trás de algumas daquelas janelas. Mas não tenho certeza.

A parede havia se erguido lentamente de dentro do oceano. Um líquido gosmento, cheio de bolhas compactas, jorrava com abundância e escorria pela parede. Subitamente a parede dividiu-se em duas, mergulhou nas profundezas do oceano e desapareceu.

Tornei a subir e continuei a voar sobre a névoa, que eu quase roçava com o aparelho. Descobri outro poço, muito mais vasto que o precedente.

Notei, de longe, uma forma clara, quase branca, que flutuava. Pensei de imediato que era o escafandro de Fechner, tanto mais que percebi vagamente uma forma humana, e fiz uma volta brusca, temendo me perder e não achar mais o lugar. Aquela forma, aquele corpo, se mexia. Num instante parecia nadar e no outro parecia estar de pé, no meio de uma onda. Apressei-me. Desci tão baixo que meu aparelho ricocheteou de leve. Ele provavelmente tocara a crista da grande onda que eu sobrevoava. Aquele corpo - sim, era um corpo humano, sem escafandro - aquele corpo se mexia.

PERGUNTA: Viu o rosto dele?

BERTON: Vi.

PERGUNTA: Quem era?

BERTON: Era uma criança.

PERGUNTA: Que criança? Você já a havia visto?

BERTON: Não. Nunca. Enfim, não me lembro de tê-la visto. Aliás, quando me aproximei, quando cheguei a quarenta metros ou menos, verifiquei que não era uma criança comum.

PERGUNTA: Que é que você quer dizer com isso?

BERTON: vou explicar. Não compreendi a princípio o que me perturbava. Só vim a compreender um momento depois. Aquela criança era extraordinariamente grande. Enorme não exprime a verdade. Estendido na horizontal, seu corpo se elevava quatro metros acima do oceano. Lembro-me de que, quando bati na onda, seu rosto estava ligeiramente acima do meu e, no entanto, minha cabina dominava o oceano de uma altura de, pelo menos, três metros.

PERGUNTA: Se era tão grande, por que você acha que se tratava de uma criança?

BERTON: Porque era um bebê.

PERGUNTA: Você não percebe que falta lógica à sua resposta?

BERTON: De jeito nenhum. Vi o rosto dele, era o de uma criancinha. Aliás, suas proporções eram as de um corpo de criança. Era um... lactente. Não, estou exagerando.

Tinha talvez dois ou três anos, cabelos pretos e olhos azuis enormes! Estava nu, completamente nu, como um recém-nascido. Estava molhado ou, melhor, vitrificado.

Sua pele brilhava.

Fiquei tremendamente abalado. Já não acreditava em miragem. Estava vendo aquela criança com nitidez. Ela subia e descia, ao sabor das ondas. Mas, independentemente desse movimento, aquele corpo se mexia. Era horrível!

PERGUNTA: Por quê? Que ele fazia?

BERTON: Parecia um boneco de museu, mas vivo. Abria e fechava a boca, fazia vários gestos. Gestos horríveis, porque não eram os dele mesmo.

PERGUNTA: Você quer dizer o quê?

BERTON: Olhei-o a vinte metros de distância. Acho que não cheguei mais perto. Mas, como disse, era enorme. Vi-o nitidamente. Seus olhos brilhavam e poderia parecer uma criança viva se não fossem aqueles gestos, semelhantes a alguém ensaiando... Fazia

pensar que outra pessoa tentava executar os gestos usando a criança...

PERGUNTA: Procure precisar seu pensamento!

BERTON: E difícil. Estou me referindo a uma impressão, a uma intuição. Eu não raciocinava, mas sabia que aqueles gestos não eram naturais.

PERGUNTA: Você acha, por exemplo, que as mãos não se mexiam como mãos humanas, em virtude da leveza limitada das articulações?

BERTON: De jeito nenhum. Mas... aqueles movimentos eram sem sentido. Cada um dos nossos movimentos significa quase sempre alguma coisa, serve para alguma, coisa...

PERGUNTA: Você acha? Os movimentos de um lactente não têm nenhuma significação.

BERTON: Eu sei. Mas os movimentos de um lactante são desordenados, confusos, embrulhados. Os movimentos que eu estava observando... ah! Sim, eram movimentos metódicos.

Eram feitos sucessivamente, agrupados em séries. Como se alguém tivesse querido estudar o que a criança seria capaz de fazer com as mãos, o torso, a boca. O rosto era mais terrível que o resto, pois que o rosto tem uma expressão e aquele lá... não sei me exprimir. Estava vivo, sem dúvida, mas não era humano. Ou melhor, os traços, em conjunto, os olhos, a tez, o eram, mas a expressão e os movimentos do rosto, não!

PERGUNTA: Eram caretas? Você sabe em que se transforma o rosto de um homem durante uma crise de epilepsia?

BERTON: Sei. Já assisti a uma. Estou compreendendo. Não.

Era diferente. A epilepsia provoca espasmos, convulsões. Os movimentos de que falo eram fluidos, contínuos, graciosos - melódiosos, se podemos dizer isto de um movimento.

Esta definição é mais precisa. Mas aquele rosto... Um rosto não pode se dividir em dois, uma metade alegre, a outra triste, uma

metade ameaçadora, a outra amável, uma metade amedrontada, a outra triunfante. Naquela criança era assim. Além disso, todos os movimentos e mudanças de expressão sucediam-se com uma rapidez inconcebível.

Fiquei pouco tempo embaixo. Talvez dez segundos, talvez menos.

PERGUNTA: E pretende ter visto tudo isso num tempo tão curto? Aliás, como sabe quanto tempo ficou? Você olhou o cronômetro?

BERTON: Não, não olhei, mas vôo há dezesseis anos. Na minha profissão, mede-se instintivamente a duração do que chamamos um instante, com a aproximação de um segundo. É uma faculdade que adquirimos e que é indispensável para uma navegação correta. Um piloto nunca valerá grande coisa se não souber, independente das circunstâncias, quando um fenômeno dura cinco ou dez segundos. Acontece o mesmo com a observação. Aprendemos, com os anos, a ver tudo no menor lapso de tempo.

PERGUNTA: E isso foi tudo o que viu?

BERTON: Não, mas não me lembro do resto tão bem. Acho que já havia visto muita coisa e minha atenção enfraqueceu. A névoa começava a se tornar espessa à minha volta e fui obrigado a subir. Subi e, pela primeira vez na minha vida, quase capotei. Minhas mãos tremiam tanto que mal pude segurar os comandos. Acho que gritei qualquer coisa, que chamei a base e, no entanto eu sabia que estávamos em contato através do rádio.

PERGUNTA: Aí você tentou voltar?

BERTON: Não. Quando cheguei ao alto, pensei que Fechner poderia estar no fundo de um daqueles buracos. Sei que isso pode parecer loucura. Mas foi o que pensei. Pensei que tudo era possível e que seria possível achar Fechner. Decidi descer em todos os buracos que encontrasse no caminho. Renunciei na terceira tentativa. Quando subi, compreendi que era inútil insistir depois do que acabara de ver naquela terceira vez. Não podia mais continuar. Devo

acrescentar - e isso não é segredo - que eu estava nauseado e vomitei na cabina. Eu não estava entendendo nada. Nunca havia tido qualquer doença.

COMENTÁRIO: Era uma sintoma de intoxicação, Berton.

BERTON: Talvez. Não sei. Mas o que vi naquela terceira vez era impossível de imaginar. Não era fruto de intoxicação.

PERGUNTA: Como você pode saber?

BERTON: Não era alucinação. Uma alucinação sem. Criação do meu próprio cérebro, não é?

COMENTÁRIO: É.

BERTON: Ora, meu cérebro não quis acreditar no que eu vi. Jamais acreditaria. Meu cérebro teria sido incapaz.

COMENTÁRIO: É melhor você explicar!

BERTON: Antes desejo saber como serão interpretadas as declarações que já fiz.

PERGUNTA: Que importância tem isso?

BERTON: Para mim, uma importância capital. Eu disse que vi coisas que nunca esquecerei. Se a comissão reconhecer, mesmo com reservas, que meu testemunho é verossímil e que convém estudar o oceano - quero dizer, orientando as pesquisas de acordo com minhas declarações -, então direi tudo. Mas se a comissão considerar que se trata de delírio, então não direi mais nada.

PERGUNTA: Por quê?

BERTON: Porque o conteúdo das minhas alucinações me pertence e não tenho que prestar contas dele. Em compensação, devo prestar contas do que observei em *Solaris*.

PERGUNTA: Você quer dizer que se recusa a responder a outras perguntas até que o órgão competente da expedição tenha se manifestado? Você sabe que a comissão não tem condições de tomar uma decisão imediata?

BERTON: Sei.

Assim terminava o primeiro interrogatório. Seguia-se um fragmento do segundo, redigido onze dias depois.

O PRESIDENTE:... após deliberação, a comissão, composta de três médicos, três biólogos, um físico, um engenheiro mecânico e do substituto do chefe da expedição, chegou à conclusão de que o relatório de Berton apresenta uma síndrome alucinatória de intoxicação provocada pela atmosfera do planeta, síndrome mórbida caracterizada, consecutiva a uma irritação da zona associativa do cérebro e que as declarações de Berton não refletem nenhum aspecto ou, pelo menos, nenhum aspecto apreciável da realidade.

BERTON: Desculpem, mas que significa nenhum aspecto ou, pelo menos, "nenhum aspecto apreciável"? Em que proporções a realidade é apreciável ou não?

PRESIDENTE: Ainda não terminei. Afora essas conclusões, a comissão registrou devidamente um *votum separatum* do senhor Archibald Messenger, doutor em física, que considera objetivamente possível os fenômenos descritos por Berton e declara-se favorável a uma rigorosa verificação. É tudo.

BERTON: Repito a pergunta.

PRESIDENTE: A resposta é simples. "Nenhum aspecto apreciável" significa que fenômenos de fato observados podem ter servido de suporte às suas alucinações. Durante um passeio noturno, um homem de mente perfeitamente sã pode imaginar haver um ser vivo numa moita agitada pelo vento. Com muito mais razão, quais serão as ilusões do explorador perdido num planeta estranho e exposto a respirar uma atmosfera tóxica? Este julgamento em nada o prejudica, Berton. Poderia, agora, fazer-nos o obséquio de nos informar da sua decisão?

BERTON: Queria primeiro, saber que conseqüências traz esse *votum separatum* do doutor Messenger.

PRESIDENTE: Na realidade, nenhuma. Continuaremos o trabalho, de acordo com a linha estabelecida primitivamente.

BERTON: Nossa entrevista está sendo gravada?

PRESIDENTE: Está.

BERTON: Então direi que a comissão não me prejudica, mas prejudica ao próprio espírito da expedição. Por conseqüência, como já declarei, não responderei a mais perguntas.

PRESIDENTE: Terminou?

BERTON: Terminei. Mas desejo encontrar o doutor Messenger. É possível?

PRESIDENTE: Naturalmente!

Assim terminava o segundo interrogatório.

Havia, ao pé da página, uma nota em letras minúsculas:

Na manhã seguinte, o doutor Messenger conversou durante três horas com Berton. Após essa conversa, Messenger pediu novamente ao conselho da expedição para iniciar pesquisas no sentido de verificar as declarações do piloto. Este havia revelado fatos novos, extremamente convincentes, que Messenger não podia divulgar enquanto o conselho não houvesse tomado uma decisão positiva. O conselho Shannahan, Timolis e Trahier rejeitou a moção e o assunto foi arquivado.

O livro reproduzia ainda a fotocópia da última página de uma carta - do rascunho de uma carta -, página encontrada pelo executor testamentário, depois da morte de Messenger. Ravintzer, não obstante suas pesquisas, ignorava se aquela carta havia sido enviada ou não.

... mentes obtusas, pirâmides de asneiras. (Assim começava o texto.)

Preocupado em preservar sua autoridade, o conselho mais precisamente Shannahan e Timolis (a opinião de Trahier não conta) - rejeitou minhas recomendações. Agora estou me dirigindo diretamente ao Instituto. Mas, como você pode imaginar sem dificuldade, meus protestos não convencerão ninguém. Preso pela palavra dada, não posso infelizmente lhe revelar o que Berton me disse. Se o conselho desprezou o testemunho de Berton foi, sobretudo porque este não tem nenhuma formação científica. No entanto, qualquer cientista pode invejar a presença de espírito e os dons de observação desse piloto. Peço-lhe que me envie as seguintes informações:

- 1) Biografia de Fechner, em especial detalhes de sua infância.
- 2) Tudo o que você souber da família dele, acontecimentos e datas (ele provavelmente perdeu os pais quando criança).
- 3) Topografia da localidade onde foi educado.

Quero ainda dizer-lhe o que penso de tudo isso. Como sabe, algum tempo depois da partida de Fechner e Carucci, apareceu uma mancha no centro do sol vermelho. Essa erupção cromosférica projetou uma chuva de partículas energéticas sobretudo - segundo as informações do satelóide - no hemisfério austral, onde estava nossa base, e a ligação pelo rádio foi interrompida. Enquanto as outras equipes exploravam a superfície do planeta num raio relativamente restrito, Fechner e Carucci afastaram-se da base de forma considerável.

Nunca, desde nossa chegada ao planeta e até aquele dia de tristeza, havíamos observado uma névoa tão constante e um tal silêncio.

Suponho que Berton viu algumas fases da "Operação Homem", empreendida por aquele monstro viscoso. Fechner está na origem de todas as formas percebidas por Berton, ou melhor, o cérebro de Fechner, submetido a uma inconcebível "dissecação psíquica", como divertimento, como reconstrução experimental, a partir das

impressões (certamente entre as mais duráveis) gravadas em sua memória.

Sei que isso parece fantástico, sei que posso me enganar. Ajude-me por favor! Estou no momento a bordo da *Alaric*, onde aguardo sua resposta.

" Sempre seu,

A.

Havia escurecido e eu lia com dificuldade o texto impresso, que se tornava mais fraco no alto da página cinzenta - a última referente à aventura do piloto Berton.

Minha própria experiência me levava a considerar Berton como uma testemunha digna de fé.

Virei-me para a janela. Meu olhar mergulhou no abismo violeta. Algumas nuvens ainda refletiam a vermelhidão que vinha do horizonte. Eu não via mais o oceano, coberto de sombras.

As tiras de papel ondulavam preguiçosamente sob as grades dos ventiladores. O ar morno, imóvel e silencioso tinha um leve gosto de ozônio.

Nossa decisão de continuar na estação nada tinha de heróica. O tempo dos heróis havia passado, o tempo das grandes vitórias interplanetárias, o tempo das expedições temerárias, o tempo dos sacrifícios. Fechner, primeira vítima do oceano, pertencia a um passado longínquo. Eu quase não me preocupava mais em saber quem era o "visitante" de Snow ou de Sartorius. "Breve", pensava, "deixaremos de ter vergonha, de nos isolar. Se não pudermos nos livrar dos nossos Visitantes', nos habituaremos à companhia deles, viveremos com eles. Se o criador deles modificar as regras do jogo, nos adaptaremos às novas regras. Mesmo se a princípio protestarmos, nos revoltarmos. Mesmo se um de nós ceder ao desânimo e se matar. No fim, o equilíbrio será estabelecido."

A noite caíra, semelhante a tantas noites da Terra. Eu só distinguia os contornos claros da pia e a superfície lisa do espelho.

Levantei-me. Remexi, meio às cegas, nos objetos existentes na prateleira da pia. Achei o pacote de algodão. Limpei o rosto com um chumaço úmido e me deitei na cama...

Uma mariposa batia as asas... não, era a tira do ventilador. O zumbido parou e recomeçou. Eu não via mais a janela, pois tudo se confundia na escuridão. Um traço luminoso, caindo não sei de onde, atravessou o espaço e parou à minha frente. Na parede ou no céu escuro? Lembrei-me de quanto o olhar vazio da noite me havia apavorado na véspera. Sorri do meu medo. Não temia mais aquele olhar. Não temia nada. Levantei o braço e consultei a coroa de números fosforescentes.

Mais uma hora e chegaria a aurora do dia azul.

Respirei profundamente. Saboreei a escuridão. Eu estava vazio, livre dos pensamentos.

Ao me mexer, senti contra a coxa a forma achatada do gravador. Gibarian... sua voz imortalizada na fita magnética. Eu esquecera de o ressuscitar, de o ouvir. Isso era a única coisa que podia fazer por ele naquele momento! Tirei o gravador do bolso, a fim de escondê-lo sob a cama.

Ouvi um ruído e a porta se abriu.

- Kris? - Uma voz preocupada sussurrava meu nome. - Kris, você está aí? Está tão escuro...

- Estou aqui, não tenha medo, venha! - respondi.

A conferência

EU ESTAVA deitado de costas, com a cabeça de Rheyra aninhada no meu ombro, sem pensar em nada.

A escuridão começou a ser povoada. Ouvi passos. Alguma coisa se amontoava em cima de mim, cada vez mais alta, até o infinito. A noite, a noite me trespassava, a noite se apoderava de mim, me envolvia e me penetrava, impalpável, inconsistente. Petrificado, eu já nem respirava mais, não havia ar para respirar. Ouvi o bater longínquo do meu coração. Juntei o restante das forças, toda minha atenção e esperei a agonia. Esperei... eu me encolhia e o céu invisível, sem horizonte, o espaço informe, sem nuvens, sem estrelas, recuava, estendia-se e caía à minha volta. Tentei rastejar sobre a cama, mas não havia mais cama. A escuridão não cobria mais nada. Apertei o rosto com as mãos. Eu não tinha mais dedos nem mãos. Quis gritar, urrar...

O quarto flutuava numa penumbra azul, que envolvia os móveis, as prateleiras cheias de livros, que apagava a cor das paredes e de todos os objetos. Um clarão nacarado irisou a janela.

Eu estava alagado de suor. Olhei para o lado. Rheyra me observava.

Ela levantou a cabeça.

- Você está com o braço dormente?

A cor dos seus olhos também estava apagada. Eles eram cinzentos, luminosos, apesar de tudo, sob os cílios pretos.

- O quê? - Senti seu murmúrio como uma carícia, antes de compreender o sentido das palavras. - Não. Ah, sim!

Coloquei a mão no ombro dela. Meus dedos formigavam. Rheyra perguntou:

- Teve um sonho ruim?

Puxei-a com a outra mão.

- Sonho? Tive. E você, não dormiu?

- Não sei. Acho que não. Não tenho sono. Mas não quero que isso o impeça de dormir... Por que está me olhando assim?

Fechei os olhos. Seu coração batia contra o meu. Seu coração? Um simples acessório! - pensei. Nada mais me espantava, nem minha própria indiferença. Eu franqueara as fronteiras do medo e do desespero. Havia ido muito longe, ninguém ainda havia ido tão longe! Meus lábios pousaram em sua garganta. Fui baixando até a cavidade entre os tendões, O sangue batia na parede da concha de carne sedosa.

Apoiei-me no cotovelo. Aurora, suavidade de alvorada? Uma tempestade silenciosa incendiava o horizonte sem nuvens. Um clarão, o primeiro raio de sol azul, atravessou o quarto e quebrou-se em reflexos acerados. Houve um fogo cruzado de fagulhas, jorradadas do espelho, das maçanetas das portas, dos canos niquelados. A luz se espalhava, atirava-se sobre as superfícies polidas e parecia querer conquistar um espaço mais vasto, fazer explodir o quarto. Olhei para Rheyra. As pupilas dos seus olhos cinzentos estavam contraídas.

Ela perguntou com voz abafada:

- A noite já acabou?

- Aqui a noite não dura muito.

- E nós?

- Nós o quê?

- Ficaremos aqui muito tempo?

Vinda da parte dela, aquela pergunta não deixava de ter um sabor cômico. Mas quando respondi, minha voz não revelou qualquer traço de alegria.

- Provavelmente bastante. Você não tem vontade de ficar? - Rheyra não pestanejou. Olhou-me atentamente. Teria pestanejado

agora? Eu não tinha certeza. Ela puxou a coberta e vi o pequeno triângulo rosado no seu braço.

- Por que me olha assim?

- Por que você é muito bonita.

Rheya sorriu, sem malícia. Era uma forma discreta de agradecer o elogio.

- É por isso? Pensei que... é como se...

- O quê?

- Como se você desconfiasse de alguma coisa.

- Que idéia!

- Como se você desconfiasse de mim, como se eu estivesse escondendo alguma coisa...

- Que absurdo!

- Por sua maneira de negar, sei que não me engano.

A luz tornou-se cegante. Com a mão protegendo os olhos, procurei meus óculos. Estavam sobre a mesa. Ajoelhei-me, estendi o braço e coloquei as lentes escuras.

Quando voltei a me deitar ao lado dela, Rheya sorriu.

- E eu?

Compreendi de súbito.

- Óculos?

Levantei e comecei a procurar. Abri gavetas. Tirei livros e instrumentos do lugar... Achei dois pares de óculos, que dei a ela. Rheya experimentou-os, um par após o outro. Eram grandes demais. Caíam quase até o meio do nariz.

Os protetores da janela deslizavam rangendo. Ficou tudo escuro outra vez. Ajudei Rheya a tirar os óculos e os coloquei sob a cama, junto com os meus.

- Vamos fazer o quê? - ela perguntou.

- De noite a gente dorme!
- Kris...
- Hein?
- Você quer uma compressa na testa?
- Não, obrigado... minha querida.

Não sei por que acrescentei aquelas duas palavras. No escuro, peguei seus ombros graciosos e os senti fremir. Tive a certeza de que era Rheyra que estava em meus braços. Ou melhor, compreendi que ela não tentava me enganar. Eu é que a enganava, pois ela pensava sinceramente ser Rheyra.

Cochilei várias vezes e, de cada vez, acordei sobressaltado e angustiado. Arquejante, esgotado, apertei-me contra Rheyra. Meu coração voltou lentamente ao normal.

Com cuidado, ela tocou minhas faces e a testa com a ponta dos dedos, para ver se eu tinha febre. Era Rheyra. A única, a verdadeira Rheyra.

Alguma coisa mudou em mim. Parei de lutar e dormi quase imediatamente.

Fui acordado por uma agradável sensação de frescor. Meu rosto estava coberto por um tecido úmido, que retirei com facilidade. Vi Rheyra debruçada sobre mim. Sorriu-me.

Estava espremendo com as duas mãos um pedaço de gaze, que pingava dentro de uma bacia de porcelana. Ao lado desta, havia um vidro de loção cicatrizante.

- Que sono! - disse Rheyra, aplicando-me sobre a testa a compressa que acabara de preparar. - Está doendo?

- Não.

Franzi a testa. A pele readquiriu a maciez. Rheyra estava sentada na beira da cama, com os cabelos espalhados sobre a gola do roupão de banho, um roupão de homem, com listras brancas e alaranjadas, cujas mangas ela enrolara até os cotovelos.

Eu estava morrendo de fome. Haviam decorrido no mínimo vinte horas desde que comera pela última vez. Quando Rheya terminou seu trabalho de enfermeira, levantei-me.

Meu olhar caiu sobre dois vestidos, estendidos no espaldar de uma poltrona. Eram dois vestidos brancos, absolutamente idênticos, ambos ornados com uma fileira de botões vermelhos. Eu havia rasgado um daqueles vestidos, quando ajudara Rheya a despi-lo. E Rheya havia voltado na noite anterior com o segundo!

Ela acompanhou meu olhar.

- Fui obrigada a abrir a costura com a tesoura - disse Rheya. - Acho que o fecho emperrou.

A visão daqueles dois vestidos idênticos ultrapassava em horror tudo o que eu vivera até ali. Rheya se apressara em arrumar o conteúdo da pequena farmácia. Virei-me e mordi a mão. Sem deixar de olhar para aqueles dois vestidos, ou melhor, para aquele único vestido duplicado, caminhei para a porta. A água caía ruidosamente da torneira. Abri a porta, deslizei para fora do quarto e fechei-a com precaução. Agora ouvia o tênue barulho da água e o tilintar dos frascos. De repente o barulho cessou. Com os maxilares contraídos, aguardei. A almofada da porta refletia um dos tubos luminosos que cercavam o teto do átrio. Agarrei a maçaneta, sem grande esperança de poder mantê-la firme. Uma brutal sacudida quase me arrancou a mão. Mas a porta não se abriu. Começou a vibrar e a tremer de alto a baixo.

Espantado, larguei a maçaneta e recuei. A almofada de matéria plástica começou a ficar abaulada, como se alguém invisível a meu lado tentasse afundar a porta para entrar no quarto! A moldura de aço da almofada se deformava cada vez mais e o esmalte começou a estalar. De repente compreendi: em vez de empurrar a porta, que abria para o exterior, Rheya tentava abri-la puxando-a para dentro. O reflexo do tubo luminoso começou a se arquear no espelho deformante da almofada branca. Houve um tremendo estalo e a almofada, sob a formidável pressão, arrebitou. Simultaneamente, a maçaneta desapareceu, arrancada do encaixe.

Mãos ensangüentadas passaram através da fenda e avançaram, deixando marcas vermelhas na pintura leitosa. A porta partiu-se em dois pedaços, que ficaram pendurados nos gonzos. Um rosto lívido surgiu. Uma criatura apavorada, vestida com um roupão de banho branco e alaranjado, atirou-se nos meus braços, soluçando.

Eu queria fugir, apesar de ser tarde demais, mas fui incapaz de me mexer. Rheya respirava convulsivamente. Sua cabeça martelava meu ombro. Quando procurei acalmá-la, desmaiou.

Evitando me ferir na almofada quebrada, carreguei-a para o quarto e a estendi na cama. Rheya estava com a ponta dos dedos em carne viva e tinha as unhas quebradas.

Quando virou a mão, vi que os ossos da palma estavam à mostra. Olhei seu rosto. Seus olhos, desprovidos de expressão, não me viam.

-Rheya!

Ela respondeu com um resmungo inarticulado.

Aproximei um dedo do olho dela. A pálpebra se fechou.

Dirigi-me à farmácia. A cama rangeu. Virei-me. Rheya estava sentada e olhava apavorada para as mãos ensangüentadas.

- Kris - gemeu - eu... eu... que me aconteceu?

- Você se feriu ao arrebentar a porta - respondi secamente.

Senti uma estranha coceira nos lábios, principalmente no inferior, que eu apertava entre os dentes.

Rheya encarou, por um momento, os destroços das almofadas de plástico, que pendiam das molduras de aço, e depois tornou a me olhar. Tentou dissimular o terror que a invadia, mas vi seu queixo tremer.

Cortei pedaços de gaze, apanhei um vidro de pó anti-séptico e voltei até a cama. O vidro escapou da minha mão e caiu, quebrando-se. Mas eu não precisava mais dele.

Ergui a mão de Rheyra. As unhas, ainda orladas de sangue coagulado, haviam crescido. Uma cicatriz rosada assinalava o lugar do corte na palma da mão e aquela cicatriz diminuía, desaparecia a olhos vistos.

Sentei-me, acariciei-lhe o rosto e procurei sorrir, sem grande esforço.

- Por que você fez aquilo, Rheyra?

- Fui... eu?

- Foi... você não se lembra?

- Não... quer dizer, lembro de que você não estava aqui, tive muito medo e...

- E o quê?

- Procurei você, pensei que estivesse no banheiro...

Só então vi que o armário correção, que ocultava a entrada do banheiro, estava afastado...

- E então?

- Corri para a porta.

- Esqueci... acho que aconteceu alguma coisa...

- O quê?

- Não sei.

- Você se lembra do que aconteceu depois?

- Eu aqui, sentada na cama.

- Se lembra de que eu a trouxe para cá?

Com os cantos dos lábios caídos, o rosto preocupado, Rheyra hesitava.

- Parece... é possível... não sei.

Pôs as pernas para fora da cama, levantou-se e foi até a porta quebrada.

- Kris!

Aproximei-me por trás dela e peguei-lhe os ombros. Rheya estava tremendo. Voltou-se de repente para mim e murmurou:

- Kris, Kris...

- Fique calma!

- Kris, se fui eu... Kris, serei epilética?

Epilética, meu Deus! Decididamente, Rheya fazia perguntas engraçadas!

- Que idéia, minha querida! As portas, você sabe, as portas aqui são muito gozadas...

Saímos do quarto no momento em que o postigo da janela subia, rangendo. O sol azul estava mergulhando no oceano.

Guiei Rheya até a pequena cozinha, do outro lado do vestíbulo. Juntos, pilhamos os armários e geladeiras. Verifiquei logo que Rheya não era mais dotada que eu para a cozinha ou para abrir latas de conserva. Devorei o conteúdo de duas latas e bebi um número incalculável de xícaras de café. Rheya também comeu, mas como comem às vezes crianças que não têm fome e que não querem aborrecer os pais. Ou melhor, não, pois ela não fazia esforço para comer. Absorvia o alimento automaticamente, com indiferença.

Depois da refeição, fomos para a sala de operações, contígua à do rádio. Eu tinha um plano. Disse a Rheya que queria fazer-lhe um exame médico - um simples controle do seu estado geral - e a instalei numa poltrona mecânica. Tirei uma seringa e agulhas do esterilizador. Sabia onde se encontrava cada objeto. Os instrutores não haviam esquecido nenhum detalhe durante o período de treinamento no interior do modelo da estação. Rheya estendeu os dedos para mim. Retirei uma gota de sangue e coloquei-a sobre uma placa de vidro, que introduzi numa campânula de vácuo e ataquei com uma chuva de íons de prata.

Senti-me mais bem-disposto. A rotina de trabalho familiar tinha um efeito tranqüilizador. Estendida nas almofadas da poltrona

mecânica, Rheya examinava os aparelhos da sala de operações.

O ruído do telefone quebrou o silêncio. Levantei o fone.

- Kelvin falando.

Fiquei vigiando Rheya. Ela continuou imóvel. Parecia arrasada pela aventura recente. Ouvi um suspiro de alívio.

- Finalmente!

Era Snow. Fiquei escutando, com o fone colado ao ouvido.

-Você está com uma "visita", não é?

- Estou.

- Ocupado?

- Estou.

- Um pequeno exame, não?

- Você se incomoda? Quer jogar xadrez?

- Não fique irritado, Kelvin! Sartorius quer vê-lo. Pediu que nos encontrássemos, os três.

Surpreso, respondi:

- Muito amável da parte dele! Mas... - Interrompi-me e depois continuei:

- Ele está só?

- Não. Me expressei mal. Ele quer falar conosco. Vamos interligar os três videofones. As lentes de transmissão de imagens serão cobertas.

- Ah! Por que ele não me chamou pessoalmente? Eu o intimido?

- É possível - rosnou Snow. - Então?

- Uma conferência... dentro de uma hora está bem?

- Muito bem.

Eu o via na tela - só o rosto, não maior que um punho fechado. Olhou-me atentamente durante um momento. Eu ouvia a estática da corrente elétrica. Depois Snow falou, com certa hesitação:

- Está indo bem?
- Mais ou menos. E você?
- Menos que você, suponho... eu poderia...
- Quer vir aqui?

Olhei para Rheya por cima do ombro. Estava deitada, com as pernas cruzadas e a cabeça estendida para a frente, com ar sombrio. Brincava maquinalmente com uma bolinha cromada que pendia de uma correntinha presa ao braço da poltrona.

A voz de Snow vibrou.

- Largue isso, ouviu? Já lhe disse para largar!

Vi seu rosto de perfil na tela. Não ouvi mais nada porque ele havia coberto o microfone com a mão, mas seus lábios continuavam a se mexer.

- Não, não posso ir - respondeu ele, rapidamente. - Talvez mais tarde. Tornarei a chamá-lo daqui a uma hora.

A tela escureceu. Coloquei o fone no lugar.

- Quem era? - perguntou Rheya, sem muita curiosidade.
- Snow, o cibernético... Você não o conhece.
- Isto aqui ainda vai demorar?
- Você está se aborrecendo?

Coloquei a primeira placa da série no microscópio neutrínico e, um após outro, torci os interruptores de diversas cores. Os campos magnéticos zumbiram surdamente.

- Não há muitas distrações aqui e se minha modesta companhia não lhe basta...

Falei distraidamente, prolongando as pausas entre as palavras.

Puxei para mim o espesso cone preto que se alargava em torno da lente do microscópio e apoiei a testa no forro macio do visor. Ouvi a voz de Rheyra, mas não entendi o que ela estava dizendo. Meu olhar abrangeu, de forma abrupta, um enorme deserto inundado de luz prateada, semeado de placas rochosas arredondadas - glóbulos vermelhos - que freiriam e se agitavam atrás de um véu nevoento. Ajustei o foco e penetrei mais profundamente na paisagem ardente. Sem tirar os olhos do visor, rodei a manivela de orientação. Quando um pedaço de rocha, glóbulo isolado, ficou dentro das linhas pretas cruzadas, aumentei a imagem. A objetiva havia, aparentemente, encontrado um heritrócito deformado, afundado no centro, cujos bordos acidentados projetavam sombras pretas recortadas nitidamente nas profundezas de uma cratera circular.

A cratera, erigida de partículas de íons de prata, espriava-se além do campo de visão do microscópio. Os contornos nebulosos de elos de albumina, atrofiados e distorcidos, apareceram no meio de um líquido opalino. Uma serpentina de albumina enroscava-se no cruzamento das linhas pretas da lente. Devagar, progressivamente, movi a alavanca de aumento. Eu devia chegar, de um momento para outro, ao termo daquela exploração de abismos. A sombra de uma molécula ocupou o espaço. Depois a imagem se tornou vaga...

No entanto, nada apareceu. Eu devia ter visto vibrar a nuvem trepidante de átomos e nada via. A tela flamejava, imaculada. Empurrei a alavanca até o fundo. O zumbido irritante ampliou-se. Eu continuava sem ver nada. Um sinal de alarme soou repetidas vezes. O circuito estava excessivamente carregado. Contemplei, ainda uma vez, o deserto prateado e cortei a corrente.

Olhei para Rheyra. Ela esboçou um bocejo, que transformou imediatamente num sorriso...

- Estou bem de saúde? - Rheyra perguntou.

- Ótima. Você vai bem... não pode ir melhor.

Continuei a olhar para ela e senti novamente um inseto percorrer meu lábio inferior. Que teria acontecido? Que seria aquilo? Aquele corpo, magro e de aparência frágil - mas indestrutível na realidade - revelava afinal ser composto de nada? Bati com o dedo no tubo do microscópio. O aparelho estaria defeituoso? Haveria má concentração dos campos magnéticos? Não, eu sabia que o aparelho estava funcionando perfeitamente. Eu passara todas as etapas - as células, os conglomerados de albumina, as moléculas - e tudo era semelhante ao que eu já havia observado em milhares de exames. Mas o último passo em direção ao seio da matéria não me havia levado a lugar nenhum.

Fiz um garrote em Rheyra. Retirei sangue de uma veia média e o despejei num recipiente de vidro graduado. Depois, dividi-o por várias provetas e comecei a análise.

O trabalho me tomou mais tempo do que eu previra. Faltava-me um pouco de prática. As reações eram normais, todas as reações...

Deixei cair uma gota de ácido gelado sobre uma pérola de coral. Fumaça. O sangue tornou-se cinzento e cobriu-se de uma camada de espuma suja. Desagregação, decomposição e mais ainda! Virei-me para apanhar outra proveta. Quando fixei o olhar na nova experiência, quase deixo o frágil tubo de vidro cair.

Sob a camada de espuma suja, crescia um coral escuro. O sangue, destruído pelo ácido, tornava a se criar. Era absurdo, impossível!

- Kris! - Meu nome soava a uma distância enorme. - Kris, telefone!

- O quê? Ah, obrigado.

O telefone estava tocando havia algum tempo, mas só naquele instante tive consciência disso. Peguei o fone.

- Kelvin falando.

- Snow. Estamos os três na mesma linha.

A voz de falsete de Sartorius vibrou no aparelho.

- Saudações, doutor Kelvin!

Era a voz prudente, falsamente segura, do conferencista que se aventurara em terreno movediço. Respondi:

- Meus respeitos, doutor Sartorius!

Eu tinha vontade de rir. Mas não sabia se podia me permitir ceder a uma alegria cujas causas continuavam confusas.

Afinal de contas, rir de quem? Tinha na mão uma proveta contendo sangue. Sacudi-a. O sangue havia coagulado. Talvez, pouco antes, eu tivesse sido vítima de uma ilusão? Talvez tivesse me enganado?

- Quero expor-lhes, caros colegas, alguns dados concernentes aos... aos fantasmas.

Eu estava ouvindo Sartorius e, no entanto, minha mente se recusava a receber suas palavras. Contemplando o sangue coagulado no fundo da proveta, eu me defendia daquela voz que tentava forçar minha atenção.

- Vamos chamá-los de criações F - disse rapidamente Snow.

- Ah, perfeitamente.

Uma linha vertical, apenas perceptível no meio da tela, indicava que eu estava ligado a dois canais. Eu deveria ver, separadas por aquela linha, duas imagens: as de Sartorius e Snow. Mas a tela, cercada por um halo luminoso, continuava escura. Cada um dos meus interlocutores havia coberto a objetiva do respectivo aparelho.

- Cada um de nós efetuou diversas experiências. Sempre a mesma prudência na voz anasalada. - Houve uma pausa. - Sugiro primeiro uma troca dos conhecimentos adquiridos - continuou Sartorius. - Depois me arriscarei a dar as conclusões a que cheguei pessoalmente. Se quiser ter a gentileza de começar, doutor Kelvin...

-Eu?

Senti subitamente que Rheyra estava me olhando. Coloquei a mão na mesa e fiz a proveta rolar para baixo da prateleira cheia de objetos. Depois empoleirei-me num tamborete alto que eu havia puxado com o pé. Estava disposto a recusar quando, para meu próprio espanto, comecei a responder.

- Muito bem. Uma ligeira exposição? Não fiz muita coisa, mas posso dizer algumas palavras. Realizei uma preparação histológica e algumas reações. Microrreações. Tenho a impressão de que...

Eu não sabia o que dizer. Bruscamente abriu-se uma comporta e eu continuei:

- Está tudo normal, mas é uma camuflagem. Uma máscara. Num certo sentido, é uma supercópia, uma reprodução superior ao original. Explico-me: enquanto existe, no homem, um limite fundamental, um termo à divisibilidade estrutural, as fronteiras, aqui, são dilatadas. Estamos tratando com uma ossatura infra-atômica!

- Um instante, um instante! Pode dar mais detalhes? - pediu Sartorius.

Snow ficou calado. Seria o eco de sua respiração agitada o que eu estava ouvindo? Rheyra olhou-me novamente. Percebi que, excitado como estava, eu havia quase gritado aquelas últimas palavras. Mais calmo, acomodei-me no meu inconfortável poleiro e fechei os olhos. Como detalhar meu pensamento?

- O átomo é o último elemento constitutivo do nosso corpo. Suponho que as criações F são constituídas de unidades ainda menores que os átomos comuns, muito menores.

- Mésons - insinuou Sartorius, que não demonstrou a menor surpresa.

- Não, nada de mésons... Eu os teria percebido. O poder do meu aparelho, aqui embaixo, vai de um décimo a um vigésimo de angstròm, não é? Mas não se vê nada, absolutamente nada. Portanto, não se trata de mésons. Talvez neutrinos.

- Essa suposição é fundada em quê? Os conglomerados de neutrinos são estáveis...

- Não sei. Não sou físico. Talvez um campo magnético possa estabilizá-los. Não conheço o assunto. Em todo caso, se minhas observações estão corretas, o edifício é constituído por partículas dez mil vezes menores que o átomo. Esperem, ainda não acabei! Se as moléculas de albumina e as células forem constituídas diretamente a partir desses "microátomos", deverão ser proporcionalmente menores. Também os glóbulos, os fermentos, tudo. Ora, as dimensões são as das estruturas de átomos. Por conseqüência, albumina, célula, núcleo de célula, tudo não passa de camuflagem! A estrutura real, que determina o funcionamento do "visitante", continua escondida mais profundamente!

- Kelvin!

Snow acabara de abafar um grito. Interrompi-me, apavorado. Eu havia dito "visitante".

Rheya não me ouvira. Aliás, ela não teria compreendido. Com a cabeça apoiada na palma da mão, olhava pela janela e a aurora púrpura aureolava seu perfil delicado.

Meus distantes interlocutores continuavam calados. Eu só ouvia-lhes a respiração.

- Há qualquer coisa a ser levada em conta nisso - resmungou Snow.

- E verdade - frisou Sartorius. - Mas uma constatação nos tolhe: as hipotéticas partículas de Kelvin não constituem a estrutura do oceano. O oceano é uma estrutura de átomos.

- Talvez ele seja capaz de produzir neutrinos... - respondi. Subitamente desinteressei-me de suas palavras. Aquela conversa era inútil e nem sequer divertida.

- A hipótese de Kelvin explicaria essa resistência extraordinária e a velocidade de regeneração - resmungou Snow. - Além disso, eles

provavelmente carregam uma fonte de energia. Não precisam comer...

- Peço a palavra - cortou Sartorius.

O horripilante presidente do debate mantinha firme o papel que se atribuía.

- Quero levantar o problema da motivação da aparição das criações F. Apresentarei o problema da seguinte maneira: O que são as criações F? Não são indivíduos autônomos, nem cópias de determinados indivíduos. São projeções materializadas do conteúdo do nosso cérebro, sobre o tema de um indivíduo dado.

A exatidão dessa definição me atingiu. Sartorius não era simpático, mas também não era burro. Voltei a participar da conversa.

- Creio que você tem razão. Sua definição explicaria por que talvez uma criação apareceu e não outra. A materialização tem por origem as impressões mais duráveis da memória, impressões particularmente diferenciadas. Nenhuma impressão, no entanto, pôde ser completamente isolada. No decorrer da "reprodução", fragmentos de impressões contíguas foram absorvidos. Por conseqüência, a criação chega a revelar, às vezes, conhecimentos mais extensos que os do indivíduo autêntico do qual é a cópia...

- Kelvin! - gritou Snow outra vez.

Só Snow reagia aos meus deslizes vocabulares. Sartorius não parecia se incomodar. Isso quereria dizer que o "visitante" de Sartorius era menos perspicaz que o de Snow? Por um momento, imaginei o sábio doutor Sartorius tendo ao lado um rematado cretino.

- De fato isso corresponde às nossas observações! - disse Sartorius.

- Agora consideremos o motivo das aparições! É bastante natural supor, em primeiro lugar, que somos objeto de uma experiência. Se examino esta tese, a experiência me parece

conduzida de forma medíocre. Quando efetuamos uma experiência, tiramos vantagens dos resultados obtidos, e principalmente, registramos com cuidado as falhas do nosso sistema experimental. Por conseqüência, introduzimos a seguir modificações em nossa maneira de proceder. Ora, no caso do qual nos ocupamos, nenhuma modificação interveio. As criações F tomam a surgir idênticas ao que eram, sem a menor correção... tão desarmadas quanto antes, cada vez que tentarmos... nos livrar... - bom - atalhei -, um tiro pela culatra sem dispositivo de correção, como diria o doutor Snow. Conclusão?

- Simplesmente que a tese de experiência se acomoda mal dentro desta incrível confusão. O oceano é... preciso. A estrutura de nível duplo das criações F confirma essa precisão. Dentro de limites determinados, as criações F comportam-se da mesma maneira que os verdadeiros... os...

Ele não conseguia se exprimir!

- Os originais - sussurrou vivamente Snow.

- Sim, os originais. Mas, quando a situação não corresponde mais às faculdades normais do... hum... do original, a criação F sofre, de alguma forma, um "desligamento da consciência", seguido imediatamente de manifestações diferentes, não humanas...

- É verdade - disse eu - e podemos nos divertir organizando um manual do comportamento de... dessas criações, o que seria uma ocupação perfeitamente estéril!

- Não tenho tanta certeza - protestou Sartorius. Compreendi de imediato por que ele me irritava tanto. Ele não falava, discorria como se estivesse numa sessão do Instituto. Aparentemente, Sartorius não podia se exprimir de outra maneira. - Aqui entra em jogo um problema de individualidade - continuou - do qual o oceano não tem qualquer noção, tenho certeza. Creio que o aspecto... hum... delicado, o aspecto chocante da nossa condição atual escapa completamente à compreensão dele.

- Você acha que os atos dele não são premeditados?

O ponto de vista de Sartorius me deixara um tanto perturbado. Pensando bem, reconheci que não era conveniente desprezá-lo.

- Não, ao contrário do nosso colega Snow, não creio em nenhuma perfídia, malícia ou qualquer intenção cruel.

Snow ergueu a voz.

- Não atribuo a ele sentimentos humanos. Tento apenas explicar esses retornos contínuos!

Com um secreto desejo de agredir Sartorius, eu disse:

- "Eles" talvez estejam ligados a um dispositivo que funciona em círculo e se repete, como um disco.

- Por favor, caros colegas, não divaguemos! Ainda não terminei. Em circunstâncias normais, eu teria julgado prematuro apresentar um relatório, mesmo provisório, do estado dos meus trabalhos. Mas em consideração a esta situação especial, posso me permitir falar. Tenho a impressão - apenas uma impressão, quero frisar - de que não falta exatidão à hipótese do doutor Kelvin. Estou aludindo à hipótese de uma estrutura de neutrinos... Nossos conhecimentos nesse terreno são puramente teóricos. Ignorávamos que havia uma possibilidade de estabilizar tais estruturas. A partir disso, temos uma abertura bem definida. Os meios de neutralizar o campo magnético que assegura a estabilidade da estrutura...

Havia alguns instantes que eu começara a notar a presença de raios luminosos na tela. Uma grande fenda iluminou, de alto a baixo, a metade esquerda do receptor e vi um objeto rosado que se deslocava com lentidão. A cobertura da lente havia deslizado completamente.

Sartorius deu um berro lancinante.

- Vai embora! Vai embora!

Vi as mãos e os antebraços de Sartorius, protegidos por amplas luvas de laboratório, se agitarem e lutarem. Um disco dourado brilhou de repente e depois sumiu. Só então percebi que aquele disco amarelo era um chapéu de palha...

Respirei profundamente.

- Snow?

Respondeu-me uma voz cansada.

- O que é, Kelvin?...

Ao ouvi-lo, descobri que gostava muito dele e que preferia não saber quem lhe fazia companhia.

- Por hoje chega, não? - perguntou ele.

- Acho que sim. - Antes que ele desligasse, acrescentei precipitadamente: - Ouça, se puder, venha me ver na sala de operações ou em meus aposentos, sim?

- Está bem, mas não sei quando.

Assim terminou a conferência.

Os monstros

A LUZ acordou-me no meio da noite. com a mão sobre os olhos, levantei-me apoiado num cotovelo. Enrolada num lençol, com os cabelos caindo no rosto, Rheya estava agachada aos pés da cama. Seus ombros tremiam. Ela estava chorando em silêncio.

- Rheya! - Encolheu-se ainda mais. - Rheya, que foi?

Sentei-me, meio dormindo, ainda arrasado pelo pesadelo que tivera havia pouco. Rheya continuava a tremer. Estendi os braços e toquei-lhe o rosto.

- Rheya, meu amor...

- Cale a boca!

- Rheya, que é que há?

Ergueu o rosto úmido e fremente. Lágrimas enormes, lágrimas de criança, escorriam-lhe pela face, faiscando na covinha sobre o queixo, e pingavam no lençol.

- Você não gosta de mim.

- Porque diz isso?

- Eu ouvi.

Senti os lados do rosto se contraírem.

- Você não compreende.

- Ouviu o que?

- Compreendi, compreendi muito bem. Você disse que eu não era eu. Você quer que eu vá embora. Irei, juro por Deus! Irei, mas não posso. Não sei por quê. Tentei ir. Não posso. Sou tão covarde!

- Vamos, que é isso!

Agarrei-a e apertei-a fortemente contra mim. Só ela me importava. O resto que se danasse. Beije-lhe as mãos e os dedos

molhados de lágrimas. Falei-lhe, intimei-a a me ouvir, pedi que me perdoasse, repeti as juras, disse-lhe que ela tivera um sonho estúpido, horrível. Rheya acalmou-se pouco a pouco. Parou de chorar. Seus olhos estavam escancarados como olhos de sonâmbulo. Virou a cabeça.

- Não - disse ela - cale a boca, não fale assim, nunca! Você não é mais o mesmo para mim.

Deixei escapar um gemido.

- Não, você não gosta de mim - ela prosseguiu. - Sei há muito tempo. Eu fingia não notar. Pensei estar imaginando coisas. Mas não... Você não é mais o mesmo. Você não me leva a sério. Um sonho? Isso mesmo, mas era você quem sonhava e sonhava comigo. Você disse meu nome com nojo. Por quê? Por quê?...

Ajoelhei-me e abracei-lhe as pernas.

- Minha garotinha...

- Não fale assim comigo! Não quero, ouviu? Não sou garotinha, não sou criança. Sou...

Começou a soluçar e enfiou o rosto no travesseiro. Levantei-me. Os ventiladores zumbiam suavemente. Eu estava sentindo frio. Atirei sobre os ombros o roupão de banho e sentei-me ao lado de Rheya. Peguei seu braço.

- Ouça, Rheya! vou lhe dizer uma coisa. Vou lhe falar a verdade.

Rheya virou-se. Eu via suas veias pulsarem sob a pele do pescoço. Senti os músculos do meu rosto se contraírem outra vez. Já não sentia mais frio. Minha cabeça estava completamente vazia.

-A verdade? - perguntou Rheya. - Palavra de honra?

Com a garganta embargada, não pude responder logo. Palavra de honra era a nossa fórmula sagrada, nossa velha maneira de jurar! Quando jurávamos dessa maneira, nenhum de nós tinha coragem de mentir nem de esconder nada. Lembro-me do tempo em que nos

atormetávamos, por excesso de sinceridade, convencidos de que aquela procura ingênua da verdade manteria a nossa união.

Respondi, sério:

- Palavra de honra. Rheyá...

Ela ficou esperando.

- Você também mudou, Rheyá. Todos mudamos. Mas não era isso o que eu queria dizer. Por um motivo que não conhecemos exatamente, parece que... que você não pode me abandonar. Isso é bom porque eu também não posso abandoná-la...

- Kris!

Levantei-a, sempre enrolada no lençol. Uma ponta deste, molhada de lágrimas, roçou minha nuca. Caminhei de um lado para o outro, ninando Rheyá. Ela me acariciava o rosto.

- Não, você não mudou. Eu sim - sussurrou ela ao meu ouvido.

- Alguma coisa está errada. Talvez desde o acidente?

Rheyá estava olhando para o retângulo escuro e vazio da porta. Eu levava, na véspera à noite, os destroços para o depósito. Era preciso colocar outra no lugar. Deitei Rheyá na cama.

Inclinando sobre ela, perguntei:

- Você consegue dormir?

- Não sei.

- Como não sabe?

- Eu sonho... Não sei se é sonho mesmo. Talvez eu esteja doente. Fico deitada, pensando, e...

Rheyá estremeceu.

- E o quê? - perguntei baixinho.

- Tenho pensamentos esquisitos. Não sei de onde vem.

- Por exemplo? - perguntei ainda.

E pensei: "Seja o que for que ela diga, fiquei calmo!" Preparei-me para a resposta, como nos preparamos para receber uma pancada.

Indefesa, ela sacudiu a cabeça.

- São pensamentos... à minha volta...

- Não compreendo.

-Tenho a impressão de que eles não estão só dentro de mim, mas por aí. Não sei explicar, não acho as palavras...

Atalhei, quase sem querer:

- Certamente são sonhos... - Depois respirei fundo e prossegui: - Agora vamos apagar a luz e, até de manhã, adeus às tristezas! Amanhã de manhã, se você quiser, inventaremos outras, não é?

Ela torceu o comutador. A escuridão nos separou. Deitei-me. Um bafo morno foi se aproximando de mim. Apertei-a nos braços.

- Mais forte! - ela murmurou. E, depois de um longo silêncio: - Kris!

- Hein?

- Amo você. - Quase urrei.

A manhã era vermelha. O disco redondo do sol subia no horizonte,

Havia uma carta para mim na soleira da porta. Rasguei o envelope. Rheyra estava cantando no banheiro. De vez em quando, ela passava a cabeça pela porta e me mostrava o rosto coberto de cabelos molhados.

Fui até a janela e li:

Kelvin, a coisa vai. Sartorius decidiu-se por um tratamento enérgico. Ele acha que conseguirá desestabilizar as estruturas dos

neutrinos. Quer examinar uma certa quantidade de plasma F, submetido ao transporte periférico. Ele propõe que você saia para fazer um reconhecimento e que volte trazendo algum plasma na cápsula. Você decidirá, mas peço-lhe que me comunique o que decidir. Não tenho opinião. Acho que não tenho mais nada. Se prefiro que você aceite, é porque teremos pelo menos a impressão de dar um passo à frente. Se não, só nos resta invejar G.

Seu Rato-Velho.

P S. - Não entre na sala do rádio, é só o que lhe peço. Você pode telefonar.

Meu coração se confrangeu à leitura daquela carta. Reli-a cuidadosamente, depois rasguei-a e joguei os pedaços na lata do lixo.

Escolhi um macacão para Rheya. Estava repetindo os gestos da comédia abominável que imaginara no outro dia. Mas Rheya de nada sabia. Quando lhe disse eu ia sair para fazer um reconhecimento e lhe propus acompanhar-me, ela vibrou com a idéia. Paramos na cozinha. Preparamos juntos o café. Rheya comeu pouquíssimo. Acabada a refeição, fui até a biblioteca e Rheya me acompanhou.

Antes de cumprir a missão desejada por Sartorius, quis dar uma olhada na literatura sobre campos magnéticos e estruturas de neutrinos. Sem saber ainda como proceder, decidi exercer algum controle sobre o trabalho do eminente físico. "Evidentemente", pensei, "quando o aniquilador estiver pronto não poderei evitar que Snow e Sartorius 'se libertem'." Eu poderia levar Rheya e, dentro de um veículo voador, esperaríamos o fim da operação em qualquer lugar fora da estação. Suei no grande computador. Umás vezes respondia ao que eu programava cuspidando fichas onde se lia laconicamente "Falta no catálogo" e outras sugeria uma tal catarata de obras sobre física superior, que eu hesitava em seguir seus

conselhos. Apesar disso, eu não tinha vontade de sair da vasta sala circular.

Sentia-me bem ali, cercado de filas de gavetas atulhadas de microfilmes e gravações elétricas. Situada bem no centro da estação, a biblioteca não tinha janelas.

Era o lugar mais bem isolado no interior da carapaça de aço. Era por isso, talvez, que eu sentia uma sensação tão agradável apesar do evidente fracasso das minhas pesquisas. Errando através da sala imensa, cheguei até uma estante que atingia o teto e cujas prateleiras continham cerca de seiscentos volumes, todos os clássicos concorrentes à história de *Solaris*, a começar pelos nove volumes da monumental monografia, embora um tanto superada, de Giese. Não se tratava de exibicionismo, bastante improvável naquele local, mas uma respeitosa homenagem à memória dos pioneiros. Apanhei os pesados volumes de Giese e, sentando-me no braço da poltrona, comecei a folheá-los. Também Rheyta havia encontrado o que ler, como pude ver por cima do ombro dela. Tinha escolhido um dos numerosos livros trazidos pela primeira expedição.

O cozinheiro interplanetário, volume que talvez tivesse pertencido ao próprio Giese. Rheyta lia com atenção as receitas adaptadas às severas condições da cosmonáutica.

Fiquei quieto e voltei à obra séria que tinha sobre os joelhos: *Solaris* - Dez anos de exploração, que havia aparecido na coleção solariana, tomos de 4 a 13, enquanto a numeração das últimas obras publicadas na mesma coleção tinha quatro algarismos.

Faltava lirismo a Giese. Mas, no estudo de *Solaris*, um ponto de vista lírico só pode atrapalhar o explorador. Imaginação e hipóteses prematuras são especialmente nefastas quando se trata de um planeta onde, afinal de contas, tudo parece possível. É muitíssimo provável que as descrições inverossímeis das metamorfoses "plasmáticas" do oceano traduzam fielmente os fenômenos observados, embora essas descrições sejam incontrolláveis, pois o oceano raramente se repete. O caráter estranho, o gigantismo daqueles fenômenos enchiam de pavor a

quem os contemplava pela primeira vez e a quem considerava fenômenos análogos como simples "caprichos da natureza" - uma manifestação acidental de forças cegas -, quando observados em escala reduzida, em qualquer buraco enlameado.

Em suma, o gênio e o espírito medíocre ficavam igualmente perplexos diante da inesgotável variedade das formações solaristas. Nenhum homem se familiarizou realmente com os fenômenos do oceano vivo. Giese não era um espírito medíocre, mas também não era gênio. Era um classificador pedante, dos que uma incansável dedicação ao trabalho absorve inteiramente e preserva dos tumultos da vida. Empregava uma linguagem descritiva relativamente banal, que completava com termos de sua invenção, insuficientes, para não dizer mal escolhidos. Mas, reconhecamo-lo com honestidade, nenhuma terminologia poderia exprimir o que acontecia em *Solaris*. As "árvores-montanhas", os "longus", as "fungosidades", os "mimóides", "simetriádes" e "assimetriádes", os "vertebrídeos", e os "ágilus" têm uma fisionomia lingüística terrivelmente artificial. Essas expressões bastardas dão, não obstante, uma idéia de *Solaris* a quem só viu o planeta em fotografias desfocadas e filmes bastante imperfeitos. Na realidade, malgrado sua circunspeção, nosso classificador escrupuloso pecou mais de uma vez por imprudência. O homem não cessa de formular hipóteses, mesmo quando desconfia e se crê ao abrigo da tentação. Giese achava que os longus constituíam uma categoria de formas fundamentais. Comparava-os a acumulações de ondas gigantescas e fazia um paralelo entre a formação dos longus e os movimentos de fluxo dos nossos oceanos terrestres. Basta, aliás, consultar a primeira edição da sua obra para verificar que ele os havia, a princípio, chamado "fluxos", inspirado por um geocentrismo que eu poderia considerar divertido, se não revelasse que ele traía explicitamente a perplexidade do cientista.

A partir do momento em que se procura estabelecer comparações com a Terra, toma-se necessário explicar que os longus são formações cujas dimensões ultrapassam as do *Grand Canyon* do Colorado; que são compostos de uma matéria que, na superfície, tem uma aparência de colóide espumoso (no decorrer

desse "trabalho" fantástico, a espuma endurece em festões de renda gomada, de malhas enormes; alguns cientistas falam de cancos ossificados), enquanto no fundo a substância se toma cada vez mais firme, como um músculo retesado, um músculo que, a quinze metros da superfície, é duro como pedra e conserva ao mesmo tempo sua leveza. Os longus propriamente ditos, criações aparentemente independentes, espalham-se por quilômetros - entre paredes membranosas esticadas, às quais agarram-se as "excrecências ossificadas" -, píton colossal que teria devorado montanhas e que digeriria silenciosamente, imprimindo ao corpo rastejante, de tempos em tempos, um lento movimento vibratório.

O longus apresenta essa aparência de réptil passivo somente quando é sobrevoado muito alto. Quando nos aproximamos, as duas "paredes da ravina" sobrepassam o aparelho voador de algumas centenas de metros e vemos que aquele cilindro inflado, estendido até o horizonte, é animado por um movimento vertiginoso. Nota-se, em primeiro lugar, o movimento de rotação contínuo de uma espécie de graxa cinza esverdeada, que reverbera violentamente aos raios do sol. Mas se o aparelho desce ainda mais até tocar o "dorso da píton" nas anfractuosidades da "ravina" que abriga o longus, ficam, então, semelhantes às cristas que marcam um desmoronamento geológico. Constata-se que se trata de um movimento muito mais complicado, feito de redemoinhos concêntricos, onde se cruzam correntes mais escuras. Em certos momentos, aquela "capa" toma-se uma crosta luzidia, refletindo o céu e as nuvens, logo esburacada pelas barulhentas detonações dos gases e fluidos internos. Pouco a pouco vamos compreendendo que ali se localiza o centro das forças que separam e elevam para o céu as duas encostas gelatinosas, que começam a se cristalizar lentamente. Mas a ciência não aceita tais evidências sem maiores provas. Explodiram discussões virulentas pelos anos afora sobre um tema prioritário: que acontece exatamente no interior dos longus, que sulcam aos milhões a imensidade do oceano vivo? Atribuíam funções orgânicas a esses longus. Segundo alguns, eles usavam processos de transformação da matéria. Processos respiratórios, sugeriam outros. Ou ainda,

teriam eles por função o transporte de matérias alimentares. A poeira das bibliotecas sepultou o catálogo infinito das suposições. Experiências cansativas, às vezes perigosas, eliminaram todas essas hipóteses. Hoje só se fala dos longus, formações relativamente simples e estáveis, cujo tempo de vida se mede em semanas - particularidade excepcional entre os fenômenos observados no planeta.

Os mimóides são formações notavelmente mais complexas, mais bizarras, e provocam no observador uma reação mais ardorosa, instintiva, diga-se de passagem. Pode-se afirmar, sem exagerar, que Giese apaixonou-se pelos mimóides, aos quais não tardou a consagrar a totalidade do seu tempo. Estudou-os, descreveu-os e se dedicou a definir-lhes a natureza até o fim de sua vida. Pelo nome que deu àqueles fenômenos, quis exprimir sua característica mais perturbadora: a imitação dos objetos, próximos ou distantes, fora do oceano.

Um belo dia vemos, enfumado no oceano, um grande disco achatado, cheio de franjas e como que coberto de piche. Ao cabo de algumas horas, o disco começa a se decompor em folhas, que sobem uma a uma. Os observadores pensam, então, assistir a uma luta furiosa. Em filas cerradas, acorrem de todas as direções ondas fortíssimas, qual lábios convulsos, maxilares carnudos, que se abrem, ávidos, sobre essas folhas rasgadas e ondulantes e depois mergulham na profundidade. Cada vez que uma cratera de ondas desmorona e soçobra, a queda daquela massa de centenas de milhares de toneladas é acompanhada, durante um segundo, de um ronco viscoso, de um trovão monstruoso.

A folhagem betuminosa é empurrada para baixo, sacudida, desmembrada. A cada novo assalto, películas arredondadas espalham-se e planam, como asas ondulantes e preguiçosas, abaixo da superfície do oceano. Transformam-se em cachos piriformes, em longos colares, fundem-se umas nas outras e sobem, arrastando nas dobras fragmentos grumosos da base do disco primitivo, enquanto que, em volta, as ondas continuam a arrebentar nos flancos de uma

cratera que vai aumentando. O fenômeno pode durar um dia ou um mês. Às vezes não tem continuação. Giese, o consciencioso, chamava a essa primeira variante de "mimóide abortado", pois estava convencido de que cada um desses cataclismos visava a um fim definitivo, o "mimóide maior", colônia de pólipos (cujo conjunto ultrapassava o tamanho de uma cidade), pálidas excrescências destinadas à imitação das formas existentes fora do oceano. Uyvens, em compensação, considerava essa última fase como uma degenerescência, uma necrose.

Segundo ele, a aparição das "cópias" correspondia a um desperdício localizado das próprias forças do oceano, que não mais controlava as formas originais que havia criado. Giese, no entanto, insistia em ver nas diversas fases do processo uma contínua marcha em direção à perfeição. Adotava uma segurança tanto mais surpreendente quanto era de hábito exageradamente comedido e prudente quando formulava com a intrepidez de uma formiga andando sobre uma cascata gelada - a menor hipótese concernente às outras criaturas do oceano. Visto do alto, o mimóide parece uma cidade. E, no entanto, é apenas uma ilusão provocada por nossa necessidade de estabelecer analogias com o que conhecemos. Quando o céu está claro, uma massa de ar superaquecido cobre com um envoltório vibrante as estruturas flexíveis das colônias de pólipos, amontoadas umas sobre as outras e dominadas por paliçadas membranosas. A primeira nuvem que atravessa o azul (disse "azul" mas aqui o céu é púrpura ou de um branco sinistro durante o dia "azul"), a primeira nuvem que passa acorda o mimóide. Todas as excrescências desenvolvem novos brotos, de repente. Depois, a totalidade das colônias de pólipos projeta para o alto um amplo tegumento, que se dilata, incha, tumefica-se, descolora e, ao fim de alguns minutos, imita erradamente as volutas de uma nuvem. O enorme "objeto" projeta uma sombra avermelhada

sobre o mimóide, cujas extremidades inclinam-se umas para as outras, movimento esse sempre efetuado no sentido oposto ao do movimento da nuvem real. Se seu sacrifício lhe proporcionasse saber por que isso acontecia dessa maneira, suponho que Giese teria

cortado de bom grado uma das mãos. Mas aquelas produções "isoladas" do mimóide nada são se comparadas com a atividade impetuosa que ele manifesta quando é "estimulado" por objetos de origem humana.

O processo de reprodução abrange todos os objetos que se encontram num raio de oito a nove milhas, A reprodução é, mais freqüentemente, uma ampliação do original, cujas formas são copiadas às vezes de modo bastante aproximado. A reprodução das máquinas, sobretudo, dá lugar a simplificações que podem ser consideradas grotescas, para não dizer caricaturais. A cópia do objeto é sempre moldada naquele tegumento incolor, que plana acima das protuberâncias, ligado à base apenas por frágeis cordões umbilicais, que desliza e rasteja, dobra-se, estica-se ou incha e toma, enfim, as formas mais complicadas. Um aparelho voador, uma tela de arame ou um mastro são reproduzidos com a mesma presteza. O homem, no entanto, não estimula o mimóide. Mais precisamente, o mimóide não reage a nenhuma matéria viva e nunca copiou, por exemplo, as plantas que os pesquisadores haviam trazido com fins experimentais. Em troca, o mimóide reproduz imediatamente um manequim, um boneco com forma humana, uma estatueta representando um cão, ou uma árvore esculpida num material qualquer.

Devemos assinalar aqui, entre parênteses, que a "obediência" do mimóide aos experimentadores solaristas não é um testemunho de "boa vontade", pois não é constante.

O mimóide mais evoluído tem seus dias de lazer, com uma "vida" retardada, onde sua pulsação enfraquece. Essa "pulsação" não é, aliás, discernível a olho nu e só foi descoberta com a ajuda de filmagens, pois cada movimento de fluxo e refluxo leva duas horas.

Durante esses "dias de lazer", o mimóide pode ser facilmente explorado, sobretudo se é velho, pois tanto a base assentada no oceano como as protuberâncias dela têm uma firmeza relativa, que permite ao homem pousar sem perigo no mimóide.

Pode-se de fato demorar igualmente no interior do mimóide durante seus "dias de atividade", mas aí a visibilidade é quase nula em consequência de uma poeira coloidal esbranquiçada, que se espalha continuamente pelos rasgões do tegumento suspenso sobre as protuberâncias. É, aliás, impossível distinguir de perto as formas que aquele tegumento reproduz, em razão do seu tamanho gigantesco. As dimensões da menor cópia são do tamanho de montanhas. Além disso, uma espessa camada de neve coloidal cobre com rapidez a base do mimóide. Esse tapete lodoso só endurece depois de horas (a crosta "gelada" suporta o peso de um homem, embora seja uma matéria muito mais leve que a pedra-pomes). Em suma, sem equipamento apropriado há o perigo de alguém se perder no labirinto das estruturas nodosas e cheias de fendas, que lembram tanto colunatas destruídas, como gêiseres petrificados. Há mesmo o perigo de alguém se perder em pleno dia, pois os raios do sol não atravessam o teto branco projetado na atmosfera pelas "explosões imitativas".

Nos dias felizes (felizes tanto para o cientista como para o mimóide), o observador contempla um espetáculo inesquecível. Nesses dias de superprodução, o mimóide se entrega a extraordinários "esforços criativos". Entrega-se a variantes do tema dos objetos exteriores, que ele se compraz em complicar e a partir dos quais desenvolve "prolongamentos formais". Diverte-se, assim, durante horas, para alegria do pintor não figurativo e desespero do cientista, que se esforça em vão para compreender alguma coisa do processo em curso. Se, às vezes, o mimóide faz simplificações "pueris", faz também seus "desvios barrocos" e tem magníficas crises de extravagância.

Os velhos mimóides, em especial, fabricam formas muito cômicas. Apesar disso, ao olhar as fotografias, nunca tive acessos de riso, pois ficava sempre perturbado por seu mistério.

Durante os primeiros anos de exploração todos se atiraram literalmente sobre os mimóides, janelas abertas no oceano, diziam, que facilitaria o contato ardentemente esperado de duas civilizações.

Tiveram de confessar, dentro de muito pouco tempo, que esse famoso contato estava longe de acontecer, que tudo se limitava a uma reprodução de formas e que estavam marcando passo num beco sem saída.

Inúmeros cientistas, cedendo à tentação de um antropomorfismo ou zoomorfismo latentes, viam nas diversas formações do oceano vivo "órgãos sensoriais" ou mesmo "membros" - foi assim que eruditos (como Maartens e Ekkonai) definiram durante certo tempo os vertebrídeos e os ágilus de Giese. Se alguém se arrisca a declarar que aquelas protuberâncias do oceano, que se elevam até duas milhas na atmosfera, são "membros", pode-se também pretender que os sismos são a "ginástica" da crosta terrestre!

Trezentos capítulos constituem o catálogo das formações que se produzem regularmente na superfície do oceano vivo e que podem ser observadas às dezenas, talvez centenas, em vinte e quatro horas. As simetriades - segundo a terminologia e definição da escola de Giese - são as formações menos "humanas", isto é, não têm qualquer semelhança com coisa alguma que o homem possa ver sobre a Terra. Na época em que começaram a estudar as simetriades, já se sabia que o oceano não era agressivo e que seus turbilhões plasmáticos não submergiriam ninguém, a não ser um indivíduo notavelmente imprudente e irrefletido (não falo, evidentemente, dos acidentes decorrentes de falha do sistema de oxigênio, ou dos climatizadores, por exemplo). Pode-se de fato, sem o menor perigo, atravessar com um veículo, de lado a lado, o corpo cilíndrico dos longus ou a fantástica coluna de vertebrídeos que oscila entre as nuvens, pois o plasma afasta-se com a velocidade do som na atmosfera solarista e abre passagem para o corpo estranho. Túneis profundos se abrem, mesmo sob o oceano (a energia instantaneamente desprendida para isso é prodigiosa; Skriabin estimou-a em cerca de 10¹⁹ ergs). Não obstante, começou-se, com enorme prudência, a exploração das simetriades, evitando-se qualquer incursão temerária e multiplicando-se as precauções, estas amiúde ilusórias. Todas as crianças da Terra sabem os nomes dos

primeiros homens que se aventuraram nos abismos de uma simetriadade.

O perigo dessas formações gigantescas não reside no seu aspecto, embora este possa produzir pesadelos. O perigo se deve, antes, ao fato de que, no interior de uma simetriadade, nada se encontra que seja estável ou garantido. Mesmo as leis físicas foram abolidas. Os exploradores das simetriadades - convém frisar sustentavam com mais ardor que os outros cientistas a tese segundo a qual o oceano vivo era dotado de inteligência.

As simetriadades aparecem de repente. O nascimento de uma simetriadade assemelha-se a uma erupção. Uma hora antes da "erupção", o oceano adquire um aspecto vítreo num espaço de algumas dezenas de quilômetros quadrados e começa a brilhar. Apesar disso, conserva sua fluidez e o ritmo das ondas não muda. Às vezes, mas não necessariamente, esse fenômeno de vitrificação produz-se nos arredores de um funil deixado por um ágilus. Ao cabo de uma hora, o envoltório brilhante do oceano se eleva e forma uma bolha monstruosa, que reflete o firmamento, o sol, as nuvens e o horizonte inteiro, feixe de imagens cambiantes e multicores. Os raios luminosos, quebrados e desviados, criam um jogo de cores fulgurante.

Os efeitos da luz sobre uma simetriadade são particularmente surpreendentes durante o dia azul e ao pôr-do-sol vermelho. Tem-se, então, a impressão de que o planeta dá à luz um duplo que, de instante a instante, aumenta de volume. E, de repente, o imenso globo flamejante, mal chegando acima do oceano, explode no cimo e fende-se verticalmente. No entanto, não se trata de uma desagregação. Essa segunda fase, muito impropriamente chamada "fase do cálice floral", dura alguns segundos. As curvaturas membranosas erguidas para o céu se recolhem ao interior da simetriadade e se fundem num torso maciço, no seio do qual prossegue uma quantidade de fenômenos. No centro desse torso - explorado pela primeira vez pelos setenta membros da expedição Hamalei - um processo gigantesco de policristalização ergue um

eixo, chamado comumente "coluna vertebral", expressão que não é do meu agrado. A arquitetura vertiginosa desse pilar central é sustida *in statu nascendi* por hastes verticais, de uma consistência gelatinosa quase líquida, que surgem continuamente de orifícios desmesurados. Durante esse processo, o colosso - rodeado por um cinto de espuma cor de neve, cujas enormes bolhas agitam-se com violência - emite um rugido surdo e contínuo. Partindo do centro para a periferia, desenrolam-se a seguir as complicadas revoluções de pesadas asas, sobre as quais se acumulam pencaas de matérias dúcteis, subidas das profundezas. Simultaneamente, os gêiseres gelatinosos se transformam em colunas móveis que estendem tentáculos. Esses feixes de antenas, que são orientados para pontos da estrutura rigorosamente determinados pela dinâmica de conjunto, lembram as brânquias de um embrião e giram com uma velocidade fabulosa, inundadas por filetes de sangue rosa e por uma secreção verde-escura, quase preta. A partir desse momento, a simetria começa a revelar sua particularidade mais extraordinária: a faculdade de "modelar" ou mesmo negar certas leis físicas. Digamos antes de mais nada, que não existem duas simetrias idênticas e que a geometria de cada uma delas é sempre uma "invenção" diferente do oceano vivo. O interior da simetria transforma-se numa usina fabricando "máquinas monumentais", como são freqüentemente designadas essas criações, embora em nada lembrem as máquinas construídas pelo homem. Trata-se aqui de uma atividade com fins limitados e, por conseqüência, de certa forma "mecânica".

Quando os gêiseres jorram do abismo, imobilizam-se as colunas ou galerias e corredores, espalhando-se em todas as direções. Quando as "membranas" se fixam num dispositivo inextricável de planos, de painéis e de abóbadas, a simetria justifica seu nome, pois o conjunto da estrutura se divide em duas partes iguais, compostas de maneira absolutamente semelhantes.

Ao fim de vinte a trinta minutos, tendo o eixo, às vezes, se inclinando num ângulo de oito a doze graus, o gigante começa a descer devagar. (Existem simetrias maiores e menores, mas

mesmo as menores, embora com a base submersa, atingem mais ou menos oitocentos metros de altura e são visíveis a muitas milhas de distância.)

Depois, o corpo maciço se estabiliza progressivamente - o eixo inclinado volta à vertical - e a simetriadade, parcialmente submersa, acaba por se imobilizar. É, então, possível explorá-la sem perigo, penetrando por um dos inúmeros sifões que perfuram a calota perto do cimo, orifícios pertencentes a diversos condutos e canais. A simetriadade apresenta no seu todo, o desenvolvimento tridimensional de qualquer equação transcendente.

Todos sabemos que se pode exprimir qualquer equação na linguagem figurada da geometria superior e construir sua representação espacial. A simetriadade, encarada dessa maneira, é parente dos cones de Lobatchevski e das curvas negativas de Riemann, mas parente extremamente afastada por causa da sua inimaginável complexidade. Ela oferece, sob a forma de um volume de algumas milhas cúbicas, um desenvolvimento de todo o sistema matemático e, na verdade, um desenvolvimento em quatro dimensões, pois os termos fundamentais das equações exprimem-se igualmente no tempo, nas transformações que este opera.

Seria muito natural, evidentemente, supor que a simetriadade é uma "máquina matemática" do oceano vivo, uma representação espacial - à escala do oceano - dos cálculos que ele faz, com objetivos desconhecidos para nós. Mas ninguém, hoje, admite mais essa idéia de Fermont. A hipótese, sem dúvida, era tentadora. Todavia, revela-se impossível de ser sustentado o conceito do oceano se dedicando a examinar os problemas da matéria, do cosmo e da existência, à força de erupções titânicas, cuja substância participaria, com cada fragmento, da expressão infinitamente complexa de uma análise superior. De fato, fenômenos múltiplos contradizem aquela concepção demasiadamente simples (de uma ingenuidade infantil - segundo alguns).

Não deixaram também de tentar transpor a simetriadade, de "ilustrá-la". A demonstração de Awerian teve um sucesso não

desprezível. Imaginemos, dizia ele, um edifício datando do esplendor da Babilônia, mas construído de uma substância viva, sensível e capaz de evoluir. A arquitetura desse edifício passa por uma série de fases e toma diante de nós as formas de uma construção grega e depois romana. As colunas, qual hastes vegetais, tomam-se em seguida mais finas e a abóbada, mais leve, eleva-se, encurva-se, o arco descreve uma parábola abrupta e se rompe em flecha. O gótico nasce, atinge a maturidade, o tempo corre e novas formas se esboçam. Desaparece a austeridade da linha sob as explosões de uma exuberância orgânica e o barroco se expande sem entraves. Se a progressão continua, levando-se sempre em conta que consideramos as sucessivas mutações como etapas de uma vida evolutiva, atingimos enfim a arquitetura da época cósmica e chegamos talvez a compreender o que é uma simetriadade. Mas, quaisquer que sejam os desenvolvimentos e as melhorias acrescentadas à demonstração (tentaram visualizá-la com a ajuda de maquetes e de filmes), a comparação continua fraca. Não passa de fato, de uma escapatória, para não dizer tapeação, uma vez que a simetriadade em nada se parece com qualquer coisa existente na Terra...

O homem só pode apreender pouca coisa de cada vez. Vemos somente o que acontece na nossa frente, aqui e agora.

Não podemos imaginar simultaneamente uma sucessão de processos, por mais ligados que estejam ente si, por mais complementares que sejam uns dos outros. Nossas faculdades de percepção são, portando, limitadas, mesmo no que concerne a fenômenos relativamente simples. O destino de um só homem pode ser rico de significação. Só fazemos uma idéia vaga do destino de algumas centenas de homens. Mas a história de milhares, de milhões de homens, para falar a verdade, não significa absolutamente nada.

A simetriadade é um milhão, não, um bilhão elevado à x potência - é o incompreensível. Que compreenderíamos, portanto, daquelas naves inumeráveis - cada uma da capacidade de dez unidades de Kronecker - que exploramos, como formigas, agarrados às

reentrâncias das abóbadas que respiram e contemplam o vôo de arcos gigantescos, opalescências cinzentas na luz dos nossos projetos, cúpulas leves que se interpenetram e se equilibram infalivelmente, perfeição de um momento, pois tudo aqui passa e escorre, o movimento é a essência da arquitetura, um movimento concentrado e orientado no sentido de uma finalidade precisa? Só observamos um fragmento do processo, a vibração de uma só corda de uma orquestra sinfônica de supergigantes, embora saibamos - sabemos sem admitir - que acima e abaixo de nós, nos abismos vertiginosos, além dos limites de percepção dos olhos e da imaginação, milhares e milhões de transformações são simultaneamente realizadas, ligadas entre si como uma partitura por um contraponto matemático. Alguém falou de sinfonia geométrica - nós ficamos surdos a esse concerto.

Para alguém ver de fato alguma coisa, será preciso que fique afastado, que tome uma distância considerável. Mas tudo acontece no interior da simetriadade - matriz colossal e prolífica, onde a criação é incessante, onde a criatura toma-se imediatamente criadora e onde "gêmeos" perfeitamente idênticos nascem nas antípodas, separados por andaimes babélicos e milhas de distância. Na simetriadade, cada construção monumental, de uma beleza monumental, cuja realização escapa à nossa vista, é o executante e o maestro, as formas colaboram entre si e influem, ordenadamente, umas sobre as outras. Uma sinfonia. Sim, uma sinfonia que cria a si mesma e pára espontaneamente.

O fim da simetriadade é horrível. Todas as testemunhas têm o sentimento de assistir a uma tragédia, a um crime. Ao cabo de duas ou três horas - o processo de reprodução espontânea, de proliferação explosiva não dura mais que isso - o oceano vivo parte para o ataque. A superfície lisa do oceano se anima e ondula, a espuma ressecada toma-se fluida e começa a borbulhar. Acorrem, de todos os lados, ondas em filas concêntricas, maxilares carnudos, incomparavelmente maiores que os enormes lábios que cercam o mimóide ao nascer. A parte imersa da simetriadade é comprimida e o colosso se eleva, como se estivesse sendo atirado para fora da zona

de atração do planeta. As camadas superiores do oceano redobram de atividade, as ondas crescem cada vez mais, lambem os flancos da simetriadade, a envolvem, endurecem e arrolham os orifícios. E tudo isso não é nada comparado com o que acontece no interior da simetriadade. Primeiro, o processo de criação - a arquitetura evolutiva - estaciona por um momento e depois começa a "loucura". O leve movimento de interpenetração das formas, o jogo harmonioso dos planos e das linhas se precipitam. Temos a impressão arrasadora de que o colosso, em face do perigo ameaçador, procura apressar a realização de alguma coisa. Mais o movimento de transformação se acelera, maior se toma o horror que inspira a metamorfose da simetriadade e de sua dinâmica. A projeção admirável das cúpulas amolece, as abóbadas racham e pendem, as "desafinações" começam a aparecer: formas inacabadas, grotescas, estropiadas. Das invisíveis profundezas escapa-se um tremendo ruído, um mugido - uma golfada de ar, suspiro de agonia, debate-se nos canais que começam a estreitar, ronca e troa e os domos desmoronados rosnam como gargantas monstruosas, eriçadas de estalactites de muco, cordas vocais inertes. Então o espectador, apesar do movimento que se desencadeia com extrema violência - movimento manifesto de destruição - é tomado por um invencível torpor. Sozinho, o furacão surge dos abismos e, inflando as milhares de galerias, ergue novamente a alta estrutura. Imediatamente ela torna a cair e começa a fundir. Testemunhamos, então, convulsões, sobressaltos cegos e desordenados, derradeiras palpitações. Atacado, roído, desvairado, o gigante submerge lentamente e desaparece, coberto de turbilhões de espuma.

E que significa tudo isso? Sim, que significa?

Lembrei-me de um incidente que datava da época em que eu era assistente de Gibarian. Um grupo de estudantes visitava o Instituto Solarista, em Adem. Os adolescentes, depois de terem atravessado um gabinete, chegaram à sala principal da biblioteca e olharam, à direita de quem entra, os escaninhos dos microfilmes, que ocupavam a metade da enorme sala. Havia, ali, explicaram a eles, entre outros fenômenos imortalizados pela imagem, ínfimos

fragmentos de simetriadés desaparecidas havia muito tempo - não fotografamas isolados, mas rolos inteiros, totalizando mais de noventa mil!

Uma mocinha gordinha, de seus quinze anos, de óculos, olhar vivo e decidido, perguntou de repente:

- E isso serve para quê?

No silêncio embaraçoso que se seguiu, a professora contentou-se em atirar um olhar severo sobre sua indisciplinada aluna. Entre os solaristas encarregados de guiar os estudantes (eu era um deles), ninguém pôde responder. Pois não existem duas simetriadés semelhantes e os fenômenos que acontecem no seio de uma delas são, em geral, imprevisíveis. Às vezes não há nenhum som. Às vezes o índice de refração aumenta ou diminui. Às vezes pulsações rítmicas provocam uma mudança local da gravitação, como se a simetriadé tivesse um coração que batesse em harmonia com ela. Às vezes as bússolas dos observadores começavam a girar. Camadas ionizadas surgiam e desapareciam...

Poderíamos continuar indefinidamente a dar exemplos. Aliás, se chegarmos um dia a penetrar no segredo das simetriadés, ainda nos restarão as assimetriadés!

As assimetriadés nascem da mesma maneira que as simetriadés, mas seu fim é diferente e só distinguimos nelas tremores, vibrações e cintilações. Sabemos, porém, que no interior de uma assimetriadé realizam-se operações atordoantes, a uma velocidade que desafia as leis da física, denominadas "fenômenos quânticos gigantes". A analogia matemática de tais fenômenos com certos modelos tridimensionais do átomo é tão instável e fugaz que certos observadores só vêem nessa semelhança um interesse secundário ou mesmo a julgam puramente acidental. As assimetriadés têm uma existência curtíssima - quinze a vinte minutos - e o seu fim é ainda mais horrível que o de uma simetriadé. com o sopro tempestuoso, uivante, que invade a assimetriadé, jorra um fluído que gorgoleja pavorosamente e submerge tudo num borbulhar de espuma suja. Depois, uma explosão, acompanhada

de uma erupção de lama, projeta uma coluna de destroços, que torna a cair longamente, numa chuva imunda, sobre o oceano agitado. Esses destroços levados pelo vento, ressecados, amarelos, achatados e semelhantes a estilhaços cartilagosos, chegam a ser descobertos num raio de muitas dezenas de quilômetros em torno do local da explosão.

Muito mais raras, difíceis de observar e com uma duração muito variável, certas criações destacam-se completamente do oceano. Os primeiros vestígios dessas "independentes" foram identificados - de maneira errada, como ficou demonstrado mais tarde - como os restos de criaturas que viviam nas profundezas do oceano. As formas autônomas fazem lembrar, em geral, pássaros de muitas asas, que fogem das trompas móveis dos ágilus. Mas as noções importadas da Terra não ajudam a penetrar nos mistérios deste planeta. Algumas vezes, aparição excepcional na margem rochosa de uma ilha, distinguimos corpos estranhos, parecidos com focas, estendidos ao sol ou se arrastando preguiçosamente na direção do oceano, onde se integram.

Não se saia das noções concebidas pelo homem da Terra. Quanto a um primeiro contato...

Os exploradores percorriam centenas de quilômetros nas profundezas das simetriades, colocavam aparelhos de gravação e filmadoras automáticas. Os satélites artificiais televisavam o brotar dos mimóides e longus, transmitindo imagens fiéis da maturação e do aniquilamento. As bibliotecas transbordavam, os arquivos não paravam de crescer e o preço a pagar por toda aquela documentação foi, freqüentemente, muito caro. Cataclismos mataram um total de setecentos e dezoito homens, que não haviam deixado a tempo os colossos condenados a desaparecer. Uma catástrofe tristemente célebre custou a vida de cento e seis pessoas, inclusive a do próprio Giese, então com setenta anos. A expedição estudava uma simetriade bem definida, que foi bruscamente destruída por um processo de extinção peculiar às assimetriades. Em dois segundos, uma erupção de lama pegajosa

submergiu setenta e nove homens com máquinas e aparelhos. Outros vinte e sete observadores, que sobrevoavam a zona em aviões e helicópteros, foram também arrastados para o abismo. O local da catástrofe, na interseção do quadragésimo segundo paralelo com o octogésimo nono meridiano, passou a ser chamado, depois disso, de Erupção dos Cento e Seis. Mas só os mapas conservam a lembrança daquele cataclismo, do qual o oceano não guardou qualquer traço.

Em seguida à Erupção dos Cento e Seis, e pela primeira vez na história dos estudos solaristas, foram feitos requerimentos exigindo um ataque termonuclear contra o oceano. Essa represália teria sido mais cruel que uma vingança, pois significava destruir o que não compreendíamos. Embora nunca tivesse sido reconhecido oficialmente, é provável que o ultimato de Tsanken houvesse influído no resultado negativo da votação. Tsanken comandava o grupo de reserva de Giese e um erro de transmissão lhe salvara a vida. Ficara errando acima do oceano e chegou nas proximidades do local da catástrofe alguns minutos depois da explosão, da qual ainda viu um cogumelo escuro. Quando soube do projeto nuclear, ameaçou fazer explodir a estação com os dezenove sobreviventes que haviam se refugiado nela.

Hoje somos apenas três na estação... Controlada por satélites, a edificação da estação foi uma operação técnica que deixou os homens orgulhosos. Mas o oceano, em poucos segundos, constrói estruturas infinitamente mais consideráveis. A estação é um disco com um raio de cem metros. Tem quatro pavimentos no centro e dois na periferia. É mantida numa posição entre quinhentos e cinco mil metros acima do oceano, por gravitadores encarregados de compensar as forças de atração. Além de todos os aparelhos que as estações comuns e os grandes satelóides dos outros planetas dispõem, a estação *Solaris* está equipada com radares especiais, sensíveis à primeira mudança da superfície do oceano, que desencadeiam uma energia suplementar, permitindo ao disco de aço elevar-se até a estratosfera assim que surgem os sinais denunciadores de nova construção plasmática.

Sim, hoje, apesar da presença dos nossos fiéis "visitantes", a estação está singularmente despovoada. Desde que os robôs foram encerrados no pavimento inferior, nos depósitos, por um motivo que ainda ignoro, pode-se circular sem encontrar ninguém, como nos tombadilhos de um navio fantasma, abandonado pela tripulação e cujas máquinas continuassem a funcionar.

Quando coloquei na prateleira o novo volume da monografia de Giese, pareceu-me que o chão de aço, revestido de espuma plástica, havia vibrado sob meus pés. Prestei atenção, mas a vibração não se repetiu. A biblioteca estava completamente isolada das outras salas e aquela vibração só poderia ter uma origem: um foguete partira da estação. Esse pensamento fez-me voltar à realidade. Eu ainda não havia me decidido a sair, como Sartorius desejava. Fingindo aprovar inteiramente o projeto, eu no mínimo retardei o início das hostilidades, pois estava decidido a salvar Rheyra. Mas que chance teria Sartorius de conseguir? Em todo caso, ele tinha grandes vantagens sobre mim: era físico e conhecia o problema muito melhor que eu. Eu só podia contar (situação paradoxal) com a superioridade do oceano. Durante uma hora, entreguei-me ao estudo dos microfimes, tentando penetrar na física dos neutrinos através de uma linguagem matemática na qual eu não reconhecia nenhum elemento familiar. No começo, a empreitada me pareceu sem esperança. Não havia menos de cinco teorias sobre os campos de neutrinos, sinal evidente de que nenhuma entre elas era decisiva. Apesar disso, consegui finalmente arar uma parcela de terreno bastante prometedora. Eu estava começando a copiar umas fórmulas quando ouvi baterem à porta.

Levantei-me depressa e fui abrir. Snow ergueu para mim o rosto brilhante de suor. O corredor, atrás dele, estava deserto.

- Ah, é você... - escancarei a porta. - Entre!

- Sim, sou eu.

Falou com voz rouca. Havia bolsas sob seus olhos injetados de sangue. Usava um avental anti-radiação de borracha brilhante e suspensórios elásticos seguravam suas calças imundas.

Percorreu com o olhar a sala circular, iluminada por igual, e se deteve em Rheya. Ela estava em pé, no fundo, ao lado de uma poltrona. Snow voltou-se para mim e eu baixei imperceptivelmente as pálpebras. Ele inclinou-se e eu disse, num tom natural: :

- Rheya, olhe o doutor Snow!... Snow, esta é minha mulher.

- Sou apenas... sou apenas um membro muito retraído da equipe e pouco apareço. Por isso... - Sua hesitação se prolongou por um espaço de tempo perigosamente grande, mas Snow conseguiu terminar a frase: - ...por isso não tive o prazer de a encontrar antes...

Rheya sorriu e estendeu-lhe a mão, que ele segurou com certo espanto. Piscou repetidamente os olhos e ficou olhando para ela sem nada dizer.

Toquei no ombro dele.

- Desculpe - disse Snow para Rheya. - Quero falar com você, Kelvin...

Com grande naturalidade, respondi:

- Claro, estou à sua disposição.

Eu estava representando uma comédia sinistra, mas que poderia fazer?

- Rheya, minha querida, fique aí. Snow e eu precisamos discutir coisas de trabalho muito cacetes...

Peguei Snow pelo braço e levei-o para as cadeiras no outro lado da sala. Rheya sentou na poltrona onde eu estivera antes. Virou-a de tal forma que podia ver-nos por cima do livro.

- Que é que há? - perguntei, em voz baixa.

Snow murmurou entredentes:

- Me divorciei.

Se, alguns dias antes, me contassem tal início de conversa, eu teria achado graça. Mas, na estação, meu senso de humor ficara

embotado.

- Desde ontem à noite - continuou - estou vivendo horas que valem por anos. Anos inolvidáveis. E você?

Demorei um instante e respondi:

-Nada...

Snow, repetiu:

- Nada? Você devia...

Fingi não ter compreendido.

- Eu o quê?

Com os olhos semicerrados, Snow inclinou-se para mim e ficou tão perto que senti sua respiração morna.

- Nós estamos enrolados nesta história, Kelvin. Não consigo mais falar com Sartorius. Só sei o que escrevi a você e que me foi contado por ele depois de nossa breve conferência...

- Ele desligou o telefone?

- Não, houve um curto-circuito nos aposentos dele. Talvez Sartorius o tenha provocado deliberadamente, a menos que...

Fechou a mão e esboçou o gesto de arrebentar um objeto. Um sorriso desagradável ergueu os cantos da sua boca. Olhei-o sem dizer nada.

- Kelvin, eu vim para... que é que você pensa fazer?

Respondi pausadamente:

- Você veio pegar minha resposta à carta? Vou dar uma volta lá fora, pois não tenho motivo para recusar. Eu estava exatamente preparando essa ida...

Snow me interrompeu:

- Não, não se trata disso!

Fingi surpresa.

- Não? Então o que é? Diga!

Ele resmungou.

- Sartorius... acha que está na pista...

Snow não tirava os olhos de mim. Eu continuava imóvel, procurando adotar um ar indiferente.

- Primeiro foi aquela operação de raios-x, que ele organizou com Gibarian, como você deve estar lembrado. Isso pode ter provocado uma certa modificação...

- Que modificação?

- Eles dirigiram um feixe de raio diretamente para o oceano, apenas modulando a intensidade de acordo com um programa.

- Sei. Niline e muitos outros já o haviam feito.

- Já, mas os outros usaram uma radiação fraca. Dessa vez, foi uma radiação potente. Aplicaram no oceano toda a energia de que dispunham.

- Isso pode ter conseqüências desagradáveis... violação da Convenção dos Quatro e da ONU...

- Kelvin! Você sabe muito bem que isso agora não tem nenhuma importância. Gibarian está morto.

- Ah! Sartorius vai atirar toda a culpa nele?

- Não sei. Não falamos nisso. Não tem importância. Sartorius está impressionado pelo fato de os "visitantes" chegarem sempre quando acordamos. Ele deduziu que o oceano se interessa principalmente pelo nosso sono e tira de nós suas receitas de produção enquanto dormimos. Agora Sartorius gostaria de enviar a ele nosso "estado de vigília", nossos pensamentos acordados, você compreende?

- Pelo correio?

- Guarde suas piadas para rir sozinho! Um feixe de raios será modulado pelas correntes cerebrais de um de nós.

Comecei a ver claro.

- Ah! E esse um de nós sou eu?

- É. Sartorius pensou em você.

-Agradeça a ele de minha parte.

- Então?

Fiquei calado. Snow olhou para Rheyra, que lia com ar atento, e depois voltou a me encarar. Fiquei pálido.

- Então? - repetiu ele.

Sacudi os ombros.

- A idéia de transmitir esses sermões sobre a grandeza do homem por intermédio dos raios-x parece-me absolutamente ridícula. A você também, não?

- Mesmo?

- Mesmo.

- Muito bem - disse ele, sorrindo como se eu tivesse concordado. - Então você é contra o projeto de Sartorius?

Não sei como foi que a coisa aconteceu, mas pela expressão de Snow, vi que ele me manejava como quisera.

- Muito bem - continuou. - Há um segundo projeto: construir um aparelho Roche.

- Um aniquilador?

- Isso. Sartorius já fez os cálculos preliminares. E possível e não necessita uma grande utilização de energia. O aparelho produzirá anticampos magnéticos vinte quatro horas por dia durante um tempo indeterminado.

- Como é que a coisa age?

- É muito simples. Trata-se de anticampos de neutrinos. A matéria comum não sofrerá alteração. Só as... estruturas de neutrinos serão destruídas. Compreende?

Snow sorria, satisfeito. Fiquei imóvel, com a boca entreaberta. O sorriso dele desapareceu. com a testa franzida, olhava-me atentamente e esperou um momento antes de continuar.

- Bom, vamos abandonar o primeiro projeto, o projeto "Pensamento"? Quanto ao segundo, Sartorius está trabalhando nele ativamente. Iremos chamá-lo projeto "Libertação"!

Fechei os olhos por um momento.

Bruscamente, decidi-me. Snow não era físico. Sartorius havia desligado ou destruído o próprio telefone. Perfeito!

Então respondi:

- Eu chamaria esse segundo projeto, de preferência, "Operação Matadouro".

- Você também andou matando, não me venha com essa! Desta vez trata-se de coisa muito diferente. Não mais "visitantes", criações F... nada! A desagregação sucede instantaneamente à materialização.

Sacudi a cabeça, com um sorriso que me esforcei por tornar tão natural quanto possível.

- Está havendo um mal-entendido. Não estou me referindo a escrúpulos morais, mas a instinto de conservação. Meu caro Snow, não tenho vontade de morrer.

- O quê?

Tirei do bolso um papel cheio de fórmulas.

-Também eu pensei nessa "experiência". Você se espanta? No entanto fui eu que lancei a hipótese dos neutrinos, lembra? Olhe! Podemos fazer nascerem anticampos. De fato, são inofensivos para a matéria comum. Mas, no momento da desestabilização, quando a estrutura dos neutrinos se desintegra, liberamos a energia que mantém a estrutura e um considerável excesso dela escapa. Se admitirmos, para um quilo de substância em repouso 108 ergs, obteremos, para uma criação F, 57 multiplicado por 108. Você sabe o

que isso significa?... O equivalente a uma pequena carga de urânio explodindo dentro da estação.

- Puxa vida! Mas... Sartorius certamente levou isso em consideração.

Dei-lhe um sorriso malicioso.

- Não sei por quê! Veja, Sartorius pertence à escola de Prazer e Cajolla. Segundo as teorias deles, no momento da desagregação toda a energia latente é liberada sob a forma de um raio luminoso - uma luz poderosa, talvez não sem perigo, mas sem poder de destruição. Não obstante, existem outras hipóteses, outras teorias, a respeito dos campos de neutrinos. Segundo Cayatte, Awallow, Sion, a extensão da emissão é muito maior. Quando está no máximo, a liberação de energia torna-se uma poderosa emissão de raios gama. Sartorius acredita em seus mestres e nas teorias deles, o que é muito bonito, mas existem outros mestres e outras teorias. E você sabe, Snow - continuei, vendo que minhas palavras o haviam impressionado -, é preciso também levar em conta o oceano! Para executar suas criações, ele certamente seguiu o melhor método. Em outras palavras, a maneira de agir do oceano parece-me um argumento a favor da outra escola e contra Sartorius.

- Dê-me esse papel, Kelvin...

Dei-lhe a folha. Snow tentou decifrar meus rabiscos. Mostrou alguma coisa com a ponta do dedo.

- O que é isto? Peguei o papel de volta.

- Isto? O tensor de transmutação do campo magnético.

- Mede ...

- Por quê?

Eu sabia o que ele ia responder.

- Quero mostrar esses cálculos a Sartorius.

- Como queira... - meu tom era indiferente. - Posso dar-lhe esta folha, evidentemente. Apenas, ninguém ainda confirmou

experimentalmente estas teorias. Não conhecemos ainda tais estruturas. Sartorius confia em Prazer e eu em Sion. Sartorius lhe dirá que eu não sou físico e que Sion também não o é. Ou, pelo menos, não segundo o ponto de vista dele. Irá discutir. Não tenho vontade de discutir, o que me levaria a me retratar, para maior glória de Sartorius. A você eu posso convencer, mas não tenho força para convencer Sartorius e nem mesmo tentarei.

- Então, que é que você quer fazer? Ele já está agindo...

Respondi, baixinho:

- Que quero fazer? O que faz um homem a quem querem matar.

- Vou me comunicar com Sartorius. Talvez ele tenha previsto precauções... - resmungou Snow. - Ouça! E se... e o primeiro projeto? Você o aceitaria? Sartorius estaria de acordo. com certeza. É... em todo caso é uma chance a ser usada.

- Você crê nisso? '

- Não - respondeu ele, imediatamente. - Mas nada temos a perder.

Eu não queria concordar logo. Estava tentando ganhar tempo e Snow podia me ajudar a prolongar a decisão.

- Pensarei a respeito.

- Bom, vou embora - disse Snow. Quando levantou, seus ossos estalaram.

- Será necessário começar por um encefalograma - disse ele, esfregando o avental, como se tentasse limpar uma mancha invisível.

- Está bem.

Sem se despedir de Rheya, Snow caminhou para a porta. com o livro sobre os joelhos, Rheya olhou-o sair. Quando a porta se fechou, levantei-me. Desamassei a folha de papel. As fórmulas

estavam corretas. Eu não as havia falsificado. Mas Sion as teria aprovado? Provavelmente não.

Estremeci. Rheyra havia se aproximado e pusera a mão no meu ombro.

-Kris!

- O que é, minha querida?

- Quem é ele?

- O doutor Snow, já disse a você.

- Que espécie de gente é ele?

- Conheço-o mal... por quê?

- Ele me olhou de um modo tão estranho...

- Gostou de você.

Rheyra sacudiu a cabeça.

- Não, ele me olhou de outro jeito... como... como se...

Estremeceu, ergueu os olhos para mim, mas baixou-os logo.

- Vamos embora...

O oxigênio líquido

EU ESTAVA deitado no quarto escuro. Sonolento, olhava fixamente - havia quanto tempo? - o mostrador luminoso do meu relógio de pulso. Podia ouvir minha respiração e sentia um vago espanto. Na realidade, estava pouco me incomodando com aquele círculo de números fosforescentes e mesmo com meu espanto. Atribuía tudo aquilo à fadiga: o torpor, o espanto, a indiferença. Virei-me de lado. A cama me pareceu estranhamente larga. Prendi a respiração. Nenhum ruído perturbava o silêncio. Rheyra!

Por que eu não estava ouvindo a respiração dela? Estendi o braço por toda a superfície da cama. Eu estava só.

Ia gritar por Rheyra quando ouvi passos. Um homem grande e pesado se aproximava...

- Gibarian? - perguntei tranqüilamente.

- Sim, sou eu. Não acenda a luz!

- Por quê?

- Não é preciso. É melhor ficarmos no escuro.

- Mas você está morto?

- Não se preocupe com isso! Você reconheceu minha voz, não é?

- Reconheci. Por que você se matou?

- Não tinha outra solução. Você chegou com um atraso de quatro dias. Se tivesse chegado mais cedo, talvez eu não tivesse sido obrigado a me matar. Mas, não se aflija. Não me arrependo.

- Você está mesmo aí? Não estou sonhando?

- Ah, você pensa estar sonhando comigo, como julgou sonhar com Rheyra?

- Onde está ela?

- Por que devo saber onde ela está?

- Tenho a impressão de que você sabe.

- Fique com as suas impressões. Digamos que eu a estou substituindo.

- Queria que ela também estivesse aqui!

- É impossível.

- Por quê? Você sabe muito bem que, na realidade, não está aqui, que sou eu que...

- Não. Sou eu mesmo. Sou eu outra vez. Mas não vamos perder tempo com conversas inúteis!

- Você vai embora?

- Vou.
- E então ela voltará?
- Você insiste? Ela é o quê, para você?
- Ela me pertence.
- Você tem medo dela.
- Não.
- Ela lhe inspira repulsa...
- Que é que você sabe de mim?
- Você tem o direito de se lamentar da sorte, mas não da dela. Ela terá sempre vinte anos. Você sabe muito bem!

De súbito, sem motivo preciso, fiquei calmo. Ouvia-o tranqüilamente. Pareceu-me que ele havia se aproximado e estava agora junto à cama. Eu não o estava vendo. A escuridão continuava impenetrável.

- Que é que você quer? - murmurei.
- Ele demorou um instante a responder.
- Sartorius convenceu Snow de que você o enganou. Agora são eles que estão querendo enganar você. Sob o pretexto de montar um aparelho emissor de raios-x, estão construindo um aniquilador de campo magnético.
- Onde está Rheyra?
- Não está me ouvindo? Vim avisá-lo!
- Onde está ela?
- Não sei. Tome cuidado! Você vai precisar de uma arma. Não poderá confiar em ninguém.
- Tenho confiança em Rheyra.

Ouvi um som abafado. Gibarian estava rindo.

- Evidentemente, você pode contar com ela até um certo ponto. E, afinal de contas, sempre pode recorrer ao mesmo

expediente que eu.

- Você não é Gibarian.
- Ah, não? Quem sou eu? Um personagem de sonho?
- Não. Apenas um fantoche. Mas não tem consciência disso.
- E como você sabe quem é você?

Quis me levantar, mas não pude me mexer. Gibarian continuava a falar. Eu não entendia o que ele dizia. Ouvia apenas o som de sua voz. Lutei desesperadamente, tentando vencer a inércia do meu corpo. Uma sacudidela e... eu acordaria. Sorvi o ar com avidez. Era noite. Eu havia sonhado, tivera um pesadelo. E então ouvi uma voz longínqua, monótona:

- ...um dilema do qual somos incapazes de sair. Nós nos perseguimos. Os polípteros servem-se unicamente de uma espécie de ampliador seletivo dos nossos pensamentos. Assim que tentamos encontrar a motivação desses fenômenos, caímos no antropomorfismo. Onde não há homens, não pode haver motivos acessíveis ao homem. Para poderem continuar as pesquisas, é preciso destruir os próprios pensamentos, ou seja, sua forma materializada. Não temos o poder de destruir nossos pensamentos. Quanto a destruir sua forma materializada, isso seria uma espécie de assassinato.

Reconheci imediatamente a voz de Gibarian. Apalpei o lençol ao meu lado. Estava sozinho na cama. Voltara a dormir e estava sonhando...

Interpelei-o.

- Gibarian?

A voz se interrompeu no meio de uma palavra. Ouvi um débil som e senti uma corrente de ar no rosto. Bocejei.

- Poxa, Gibarian, você me persegue de um sonho para outro...

Ouvi um barulho bem junto de mim. Elevei a voz?

- Gibarian?

As molas da cama rangeram. Uma voz murmurou no meu ouvido:

- Kris... sou eu.

- É você, Rheyra? E Gibarian?

- Kris... Kris... mas ele... você me disse que ele morreu!

Respondi, com voz arrastada:

- Ele pode viver num sonho.

Apesar disso, eu não tinha certeza absoluta de que se tratava de um sonho.

- Ele me falou, esteve aqui...

Eu estava morrendo de sono. "Se eu estou com sono", pensei, "é melhor dormir." Rocei os lábios no braço macio de Rheyra e me aconcheguei no travesseiro. Rheyra ainda falou qualquer coisa, mas eu já estava meio adormecido.

À luz vermelha da manhã, lembrei-me dos acontecimentos da noite. Eu havia sonhado que tinha falado com Gibarian. Mas depois... Eu ouvira a voz dele, era capaz de jurar. Não me lembrava direito do que ele dissera. Não fora exatamente uma conversa, parecera mais um monólogo. Um monólogo?...

Rheyra estava se aprontando. Havia água correndo no banheiro. Olhei debaixo da cama, onde havia escondido o gravador. Não estava mais lá.

- Rheyra! - Ela mostrou o rosto molhado. - Você não viu um gravador debaixo da cama, um pequeno, de bolso?

- Havia muita coisa debaixo da cama. Pus lá!

Ela apontou para uma prateleira ao lado do armário da farmácia e sumiu no banheiro. Pulei da cama.

Não tive nenhum sucesso na busca. Quando Rheyra saiu do banheiro, disse-lhe:

- Você naturalmente reparou no gravador...

Ela começou a se pentear defronte do espelho e não respondeu. Só então reparei que Rheyra estava pálida e seu olhar, quando encarou-me através do espelho, exprimia uma curiosidade desconfiada.

Teimoso, insisti:

- Rheyra, o gravador não está na prateleira!

- Você não tem nada mais importante para falar?

- Desculpe - resmunguei. - Você tem razão, sou um idiota por criar tanto caso por um gravador. Não, principalmente nada de brigas!

Fomos tomar o café da manhã. Rheyra não se comportava como nos outros dias. Mas eu não conseguia definir a diferença.

Ela olhava em volta. Inúmeras vezes, absorta, não ouvia o que eu dizia. E uma vez, quando tornou a erguer a cabeça, vi que seus olhos estavam úmidos.

- Que é que você tem? Por que está chorando? - murmurei. Rheyra balbuciou:

- Oh, me deixe em paz! Não são lágrimas de verdade.

Talvez não me contestasse com aquela resposta se não temesse tanto as "conversas francas". Eu estava, aliás, preocupado com outras coisas. Sonhara que Snow e Sartorius conspiravam contra mim e, não obstante estar certo de ter apenas sonhado, fiquei pensando se encontraria alguma arma defensiva na estação. Só me preocupei em arranjar uma arma, sem procurar pensar o que iria fazer com ela. Disse a Rheyra que tinha de ir verificar os estoques no almoxarifado. Ela me acompanhou em silêncio.

Revirei as caixas, remexi nas cápsulas e, quando cheguei bem embaixo, não consegui deixar de dar uma olhada na sala de refrigeração. Não quis deixar Rheyra entrar.

Entreabri a porta e percorri o local com os olhos. A mortalha escura cobria uma forma estendida. Da porta, fui incapaz de ver se a

negra continuava a dormir ao lado do cadáver de Gibarian. Pareceu-me que ela não estava mais lá.

Não encontrei nada que me fosse útil. Andei de um depósito para outro e meu humor piorava cada vez mais. Subitamente, verifiquei que Rheyra havia desaparecido. Ela, porém, reapareceu logo - havia demorado no corredor. Então, por mais penoso que fosse me perder de vista, mesmo por um instante, ela havia tentado afastar-se de mim! Era surpreendente. Apesar disso, continuei a adotar uma atitude ofendida - mas quem, no entanto, me ofenderia? - e a me portar, de fato, como um cretino.

Eu estava com uma dor de cabeça terrível. Irritado, esvaziei toda a farmácia. Não havia analgésicos! Eu não tinha vontade de ir de novo à sala de operações. Não tinha vontade de nada. Nunca estivera com tanto mau humor.

Rheyra deslizava pelo armazém como uma sombra. De vez em quando sumia - não sei para onde, nem lhe prestava atenção - e depois voltava.

À tarde, na cozinha (acabávamos de almoçar, mas Rheyra não havia comido absolutamente nada. Sofrendo com minha dor de cabeça, eu também, sem apetite, não fiz qualquer esforço para que ela comesse), Rheyra levantou-se e veio sentar perto de mim. Puxou a manga da minha blusa.

- O que é? - resmunguei.

Eu tinha a intenção de subir, pois os canos ressoavam cheios de crepitações. Ao que parecia, Sartorius estava fazendo uso de um aparelho de alta voltagem. Mas eu teria de levar Rheyra comigo. Sua presença, já difícil de justificar na biblioteca, iria provocar lá, junto das máquinas, algum comentário inoportuno de Sartorius. Desisti de ir.

- Kris - murmurou ela -, que é que há entre nós?

Suspirei sem querer. Decididamente, aquele não era meu dia.

- Vai tudo bem, por quê?

- Eu queria lhe falar.

- Bem, fale.

- Não assim.

- Como? Estou com dor de cabeça e você sabe que tenho uma porção de problemas...

- Um pouco de boa vontade, Kris!

Forcei um sorriso. Foi, certamente, um sorriso deplorável.

- Fale, minha querida, estou ouvindo.

- Você me dirá a verdade?

Franzi a testa. Aquele começo não estava me agradando.

- Por que iria mentir?

- Talvez você tenha algum motivo, motivo sério. Mas se você quer que... olhe, não minta para mim!

Eu continuava calado.

- Vou lhe dizer uma coisa e depois você me dirá também. Está bem? Mas prometa responder a verdade, sem desvios!

Evitei seus olhos, que procuravam os meus.

- Já disse a você que não sei como cheguei aqui. Talvez você saiba. Espere! Talvez não saiba. Mas se sabe e não pode dizer agora, você me dirá um dia, mais tarde? Eu estou bem agora, e você, em todo caso, me dará uma chance.

Um sangue gelado corria em minhas veias.

- Que é isso? Que chance? - gaguejei.

- Kris, quem quer que eu seja, não sou criança. Você prometeu responder.

"Quem quer que eu seja!" Minha garganta estava apertada. Fiquei olhando Rheyra e sacudindo estupidamente a cabeça, como se estivesse evitando ouvir mais.

- Não estou pedindo explicações. Basta que você me diga que não está autorizado a falar.

- Não estou escondendo nada... - respondi, com voz rouca.

Rheya levantou-se:

- Muito bem.

Eu quis dizer alguma coisa. Não podíamos continuar assim. Mas as palavras não saíam.

- Rheya...

Em pé diante da janela, Rheya estava de costas para mim. O oceano azul-escuro estendia-se sob um céu limpo.

- Rheya, se você acredita que... Rheya, você sabe muito bem que eu a amo...

-Eu?

Cheguei para perto dela. Queria abraçá-la. Ela se esquivou e empurrou minha mão.

- Você é bom demais - disse ela. - Você me ama? Preferia que me batesse!

- Rheya, meu amor!

- Não, não, cale a boca!

Ela voltou para a mesa e empilhou os pratos. Fiquei olhando o oceano. O sol declinava. A sombra da estação se alongava, ondulando com o movimento do oceano. Rheya deixou um prato cair. A água corria na pia. Um arco de ouro fosco cingia o firmamento avermelhado. Se pelo menos eu soubesse o que fazer! Oh, se eu soubesse... De repente, fez-se silêncio. Rheya estava atrás de mim.

- Não, não se vire - disse ela, em voz baixa. - Você não tem culpa de nada, Kris, eu sei. Não se atormente.

Estendi o braço para pegá-la. Ela correu para o fundo da cozinha e levantou uma pilha de pratos.

- Que pena serem inquebráveis! Eu os quebraria, arrebentaria todos!

Pensei, por um momento, que ela ia mesmo atirar os pratos no chão. Mas Rheya olhou-me e sorriu.

- Não tenha medo, não vou fazer cenas.

Com os sentidos alertas, acordei no meio da noite e sentei-me na cama. O quarto estava escuro, vendo-se apenas através da porta entreaberta uma pálida claridade vinda do átrio. Ouvei um sinistro siflar, acompanhado de pancadas pesadas, amortecidas, como se algum corpo maciço batesse furiosamente contra uma parede. Um meteoro havia se chocado com a carapaça da estação! Não, não era um meteoro e sim um foguete, pois eu estava ouvindo uma terrível respiração ofegante, arrastada...

Sacudi-me. Não havia mais foguete nem meteoro. Alguém ofegava no fim do corredor!

Corri na direção do banheiro. Vi um retângulo luminoso. A porta da pequena oficina estava aberta. Entrei.

Fui envolvido por um vapor gelado. Minha respiração saía em forma de neve. Flocos brancos dançavam sobre um roupão de banho e, dentro do roupão, havia um corpo que se erguia com esforço e batia no chão. A nuvem de geada não me deixava ver claro. Atirei-me sobre Rheya e segurei-a pelo meio do corpo. O roupão me queimava a pele.

Rheya continuava a arquejar. Corri pelo corredor, passei por várias portas e deixei de sentir frio. Sentia apenas uma respiração que queimava minha nuca como uma chama.

Coloquei Rheya na mesa de operações e abri o roupão. Rheya! Um rosto sofredor agitado por tremores. Os lábios estavam cobertos por uma espessa e negra camada de sangue gelado. A língua brilhava, eriçada de cristais de gelo.

Oxigênio líquido... As garrafas cilíndricas, empilhadas na oficina, continham oxigênio. Pedacos de vidro haviam estalado sob meus pés quando me aproximei de Rheyra.

Que quantidade ela teria bebido? Pouco importa. A traquéia-artéria, a garganta, os pulmões, estava tudo queimado. O oxigênio líquido rói a carne mais seguramente que os ácidos concentrados. Sua respiração começava a enfraquecer - era apenas um rangido, um barulho seco de papel rasgado. Tinha os olhos fechados. Começava a agonizar.

Examinei os grandes armários envidraçados, cheios de instrumentos e medicamentos. Uma traqueotomia? Uma incubação? Ela não tinha mais pulmões! Remédios? Havia tantos!

Filas de frascos de cor e caixas se alinhavam nas prateleiras. Ela ainda ofegava e um filete de névoa escapava dos seus lábios entreabertos.

Os térmicos...

Comecei a procurá-los e depois mudei de idéia. Corri para um outro armário e remexi nas caixas de injeções. E então uma seringa - onde estavam as seringas? Ali estava uma, mas precisava ser esterilizada. Lutei em vão com a tampa da autoclave. Meus dedos dormentes, insensíveis, não se dobravam.

O som da respiração ofegante de Rheyra aumentou. Pulei para junto dela. Rheyra havia aberto os olhos.

-Rheyra!

Não chegava a ser um murmúrio. Eu estava sem voz. Meu rosto não me pertencia mais, meus lábios não me obedeciam. Meu rosto era uma máscara de gesso. Olhei para Rheyra.

As costelas arquejavam sob sua pele branca. A neve havia derretido e seus cabelos úmidos estavam espalhados no travesseiro. E Rheyra me olhava.

- Rheyra!

Eu era incapaz de dizer qualquer outra coisa. Estava ali parado, ereto, e minhas mãos caíam ao lado do meu corpo, como elementos estranhos. Comecei a ter uma sensação de queimadura, que começava nos pés e foi subindo, atingindo meus lábios e olhos.

Uma gota de sangue fundiu-se e escorreu ao longo do rosto de Rheyra, deixando um traço oblíquo. A língua tremeu e desapareceu. Rheyra continuava a arquejar.

Peguei seu pulso e não percebi nenhuma batida. Colei o ouvido sob seu seio esquerdo, contra seu corpo gelado. Ouvi o barulho de uma tempestade e, ao longe, um galope - as batidas do coração - tão acelerado que eu não podia contá-las. Fiquei assim, inclinado, com os olhos fechados, quando senti que algo me tocava a cabeça. Rheyra havia passado os dedos nos meus cabelos. Ergui-me.

Ela gemeu:

- Kris!

Peguei-lhe a mão e Rheyra respondeu meu gesto com uma pressão que me esmagou os ossos. Depois seu rosto se contraiu de maneira atroz e ela desmaiou outra vez. Eu só via o branco de seus olhos. Um ronco estridente rasgou sua garganta e seu corpo inteiro foi sacudido por estertores. Custou-me mantê-la em cima da mesa de operações.

Escapou de minhas mãos e sua cabeça foi se chocar com uma bacia de porcelana. Tornei a agarrá-la e tentei dominá-la mas, a cada instante, um violento espasmo a sacudia e ela se libertava do meu abraço. Eu estava empapado de suor e minhas pernas fraquejavam. Quando as convulsões diminuíram, tentei fazê-la deitar-se. Ela arqueou o torso e aspirou profundamente o ar. De repente, os olhos, os olhos de Rheyra, iluminaram aquele horrível rosto ensangüentado.

- Kris... desde quando... desde quando, Kris?

Sufocou-se e uma espuma rosada subiu-lhe aos lábios. As convulsões recomeçaram. Com o resto de minhas forças, agarrei

seus ombros. Ela caiu de costas e seus dentes entrechocaram-se. Estava arquejante.

- Não, não, não - suspirou ela e pensei que o fim se aproximava.

As convulsões mais uma vez recomeçaram. E, novamente, apertei-a nos meus braços. De vez em quando ela sorvia o ar com dificuldade e suas costelas desenhavam-se.

Depois, suas pálpebras semicerraram-se sobre os olhos cegos. Inteiriçou-se. Agora era o fim. Nem tentei limpar a espuma dos seus lábios. Ouvi uma campainha ao longe.

Eu estava esperando seu último suspiro. Então minhas forças me abandonaram completamente e desabei no chão.

Ela continuou a respirar. O arquejar não passava de um leve siflar. O peito, que nenhum tremor agitava mais, recomeçou a se animar ao ritmo rápido das batidas do coração. Suas faces começaram a ficar coradas. Curvado, fiquei olhando para ela, ainda sem compreender. Minhas mãos estavam úmidas e uma matéria macia e leve tapava meus ouvidos. Apesar disso, continuava ouvindo aquela persistente campainha.

Rheya ergueu as pálpebras e nossos olhos se encontraram. Eu quis pronunciar o nome dela e nenhum som atravessou meus lábios. Meu rosto estava como morto, ainda sob aquela máscara opressora. Só pude olhar para ela.

Rheya mexeu a cabeça e examinou a sala. Em algum lugar, por trás de mim, num outro mundo, a água caía gota a gota de uma torneira mal fechada. Rheya apoiou-se num cotovelo e depois sentou-se. Recuei, sob seu olhar observador.

- Que foi? - disse ela. - Que é que há? Não deu certo? Por que... por que você me olha assim?

E, subitamente, num grito atroz:

- Por que você me olha assim?

Silêncio. Ela ficou olhando para as mãos e mexeu os dedos.

- Sou eu? - perguntou.

Deixei cair, num murmúrio:

-Rheya...

- Rheya? - ela repetiu.

Tropeçou, recuperou o equilíbrio e deu alguns passos. Agia num estado de estupor e me olhava sem parecer me ver.

-Rheya? - tornou a repetir.- Mas... não sou Rheya. Quem... sou eu? Rheya? E você, você?

Seus olhos se arregalaram, brilharam e um sorriso espantado iluminou seu rosto.

- E você, Kris? Talvez você também...

Calei-me. Eu havia recuado até a parede e me apoiava na porta de um armário.

O sorriso esfumou-se.

- Não - disse ela. - Não, você está com medo. Não posso mais suportar essa situação. É impossível. Eu não sabia nada. Mesmo agora não estou compreendendo nada. Não, é impossível! Eu...

Cerrou os punhos brancos e bateu no peito.

- Eu não sabia nada a não ser... a não ser que eu era Rheya! Você talvez ache que estou fingindo, mas não estou, juro, não estou!

Gemeu as últimas palavras e caiu no chão, soluçando. Qualquer coisa cedeu dentro de mim. De um pulo, cheguei ao lado dela e a envolvi com os braços. Ela reagiu, me repelindo ao mesmo tempo que soluçava sem lágrimas e gritava:

- Me deixe, me deixe! Eu enojo você, eu sei! Não quero, não quero! Você bem sabe que eu não sou eu, não sou eu, não SOU EU...

Comecei a sacudi-la e a berrar.

- Cale-se!

Ajoelhados um em frente ao outro, estávamos ambos berrando. A cabeça de Rheyra caiu sobre meu ombro. Apertei-a contra mim com toda força. Arquejantes, ficamos imóveis.

A água caía, gota a gota, da torneira. Ela murmurou, com o rosto escondido no meu ombro:

- Kris... me diga o que devo fazer para sumir! Kris...

Ela ergueu a cabeça e me olhou.

- Como? Você também não sabe? Não se pode fazer nada, nada?

- Rheyra... por favor?

- Tentei... Não, não, me deixe, não quero que você me toque! Eu enojo você.

- Não é verdade!

- Você está mentindo... enojo, sim... e eu também sinto nojo de mim... Oh! Se eu pudesse... se eu pudesse...

- Você se mataria?

- Mataria.

- Mas eu não admito! Você compreendeu? Não admito que você morra. Quero que você fique aqui, comigo, é só o que quero!

Seus enormes olhos cinzentos fixaram-se em mim.

- Você está mentindo - disse ela, baixinho. Larguei-a e me levantei, deixando-a sentada no chão.

- Diga o que devo fazer para que você acredite em mim! Juro que não estou mentindo. Só você existe, só você tem importância para mim.

- É impossível que você esteja falando a verdade, uma vez que eu não sou Rheyra.

- Então, quem é você?

Ela ficou calada muito tempo. Seu queixo tremeu várias vezes. Finalmente, baixou a cabeça e murmurou:

- Rheya... mas... não sei se é verdade. Não fui eu... a quem você amou antigamente. Está entendendo?

Ela sacudiu a cabeça.

- Você é bom. Não pense que não aprecio tudo o que você fez. Agiu como achou que era melhor, fez tudo o que pôde. Mas não há nada a fazer. Na primeira manhã, quando esperei, ao lado da sua cama, que você acordasse, eu não sabia nada. Só se passaram três dias, mas me parece que foi há muito tempo. Me comportei como uma doida. Estava atordoada. Não me lembrava de nada, não me espantava com coisa alguma, sentia-me como alguém depois de uma narcose ou de uma longa doença. Cheguei mesmo a pensar que talvez tivesse estado muito doente e que você não quisesse me dizer. Depois, certos fatos me fizeram refletir. Você sabe a que estou me referindo. Em seguida, você teve aquela conversa na biblioteca com aquele homem como é o nome dele? Ah, Snow. Você se recusou a me explicar as coisas e então me levantei no meio da noite e fui escutar a fita. Essa foi a única vez em que menti, Kris. Quando você procurou o gravador, eu sabia onde ele estava e o escondi. O homem que fez a gravação... como se chama?

- Gibarian.

- É, Gibarian. Ouvindo a fita, compreendi tudo. Embora, na verdade, continue sem nada compreender. Eu ignorava, apenas, que não posso me... que não sou... que não há fim. Ele nada disse a esse respeito. Talvez tenha dito, mas você acordou e parei o gravador. Eu havia escutado o suficiente para saber que não sou um ser humano, mas um instrumento.

- Que diabo de história é essa?

- E isso mesmo. Para estudar as suas reações, ou qualquer coisa assim. Cada um de vocês tem um... instrumento igual a mim. Nós saímos das recordações ou da imaginação de vocês, não sei direito. Aliás, você sabe melhor que eu. Ele fala de coisas tão

terríveis, tão incríveis... Se não combinassem com o resto, eu não teria acreditado!

- O resto?

- Oh, com o fato de eu não ter necessidade de dormir e ter de seguir você para todos os lados. Ainda ontem eu pensava que você me detestava e isso me deixava infeliz. Que idiota! Mas como eu podia adivinhar a verdade? Ele, Gibarian, absolutamente não odiava aquela mulher que estava ao lado dele, mas fala a seu respeito de uma forma tão... tão espantosa! Só então compreendi que nada dependia de mim, que podia fazer isto ou aquilo, pouco importa, e que isso seria sempre uma tortura para você. Pior que uma tortura, porque os instrumentos da tortura são passivos e inocentes, tão inocentes quanto a telha que cai e mata. Que um instrumento de tortura o ame e deseje seu bem, é coisa acima da minha compreensão. Quis contar-lhe tudo isso, comunicar-lhe o pouco que compreendi. Pensava que isso lhe poderia ser útil. Tentei mesmo tomar algumas notas...

Pigarreei e perguntei, com dificuldade:

- Foi por isso que você acendeu a luz?

- Foi. Mas não pude escrever nada. Eu procurava em mim essa... você sabe, essa "influência"... estava meio louca. Me parecia que eu não tinha corpo sob a pele, que havia em mim qualquer coisa de... de diferente, que eu só era aparência, destinada a enganá-lo. Sabe?

- Sei...

- Quando não se dorme de noite e se fica pensando durante horas, a imaginação nos leva muito longe e por caminhos estranhos...

- É, eu sei.

- Mas eu sentia meu coração bater. E lembrei-me de que você analisou meu sangue. Como é meu sangue? Diga a verdade! Agora você pode falar sempre a verdade.

- Seu sangue é igual ao meu.

- Mesmo?

- Juro.

- Isso quer dizer o quê? Eu pensava que esse... essa coisa desconhecida talvez estivesse escondida em algum lugar dentro de mim, talvez ocupasse um lugar muito pequeno. Mas eu não sabia onde ela se escondia. Agora acho que estava tentando encontrar um subterfúgio, porque não tinha coragem de me decidir. Eu tinha medo, procurava outra saída. Mas, Kris, se tenho o sangue igual ao seu... se, de fato... Não, é impossível. Eu já estaria morta, não é? Isso quer dizer que há, de fato, alguma diferença. E onde está ela? Na cabeça? Suponho, porém, que penso igual a qualquer outro ser humano... e, eu não sei nada! Se essa coisa desconhecida pensasse dentro da minha cabeça, eu saberia tudo. E não amaria você. Fingiria, teria consciência do fingimento... Kris, por favor, me conte tudo o que você sabe. Talvez consigamos descobrir uma solução!

- Que solução?

Ela ficou calada.

- Você queria morrer?

-Acho que sim.

Outra vez o silêncio. Rheya continuava sentada. Olhei a sala, os móveis esmaltados de branco, os instrumentos reluzentes. Meu olhar procurava desesperadamente agarrar-se a algum apoio até então insuspeitado e que tivesse subitamente se revelado.

- Rheya, posso também dizer alguma coisa? Ela aguardou em silêncio.

- De fato, você não é exatamente igual a mim. Mas não há nada de mau nisso. Pelo contrário. Seja qual for a opinião que tenha a esse respeito, é graças a essa... diferença que você não morreu.

Rheya deixou aparecer um ligeiro sorriso, doloroso, um sorriso de criança triste.

- Quer dizer que eu sou... imortal?

- Não sei. Em todo caso, você é muito menos vulnerável que eu.

- É terrível... - Rheyra murmurou.

- Talvez menos do que você pensa.

de dessas intenções e eu não contradirei isso. Também eu não posso prever o futuro. Nem mesmo posso garantir que a amarei sempre. Considerando o acontecido, devemos estar preparados para tudo. Quem sabe não serei, amanhã, transformado numa medusa verde? Nada depende de nós. Mas, já que depende de nós tomar hoje uma decisão, decidamos ficar juntos! O que você acha?

- Olhe, quero perguntar ainda... eu... eu pareço muito com ela?

- Você parecia demais. Agora, já não sei.

- Não estou compreendendo...

Rheyra levantou e ficou me olhando com seus olhos imensos.

- Agora só há você.

- E tem certeza de que não é ela, mas eu somente, eu que...

- Sim, você. Se você fosse de fato ela, eu talvez não pudesse amá-la...

- Por quê?

- Porque cometi algo horrível.

- Você foi... mau com ela?

- Fui, quando nós...

- Não fale!

- Por quê?

- Para que você não esqueça que sou eu que estou aqui e não ela.

Conversa

No DIA seguinte, na hora do almoço, encontrei sobre a mesa um bilhete de Snow. Sartorius havia adiado a construção do aniquilador e estava se preparando para lançar pela última vez um poderoso feixe de raios no oceano.

- Rheyra, minha querida, tenho de ir ver Snow.

A aurora vermelha incendiava a janela e dividia o quarto em dois. Nós estávamos na região da sombra azul. Para além dessa zona escura, tudo estava acobreado. Se um livro caísse da prateleira, meu ouvido esperaria instintivamente ouvir um som metálico. - Trata-se da tal experiência. Só que eu não sei como fazer. Você sabe, eu preferiria...

Interrompi-me.

- Kris, não precisa se justificar! Eu gostaria tanto... se isso não durar muito tempo.

-Vai durar algum tempo. Olhe, você acha que pode esperar no corredor?

- Vou tentar. E se não conseguir me controlar?

- Você sente exatamente o quê? - Acrescentei, apressadamente: - Não estou querendo ser indiscreto, me entenda, mas se aprofundarmos um pouco o assunto, você talvez consiga se controlar.

- Tenho medo - respondeu ela, empalidecendo. - E nem mesmo posso explicar do que tenho medo, porque na realidade não há alguém ou alguma coisa me assustando. Eu... eu me sinto perdida. E tenho uma enorme vergonha disso. Mas assim que você volta, tudo passa. Foi por isso que pensei que se tratava de doença...

Rheyra falava em voz baixa e trêmula.

- Talvez seja só dentro desta maldita estação que você fique aterrorizada. Vou dar um jeito de irmos embora logo.

Ela franziu os olhos.

- Você acha que pode?

- Por que não? Não estou preso aqui. Vou discutir o assunto com Snow. Acha que pode ficar só durante quanto tempo?

- Depende... - respondeu, baixando a cabeça. - Se eu ouvir sua voz, acho que conseguirei ficar sem me mexer.

- Prefiro que você não nos ouça. Não tenho nada a esconder, mas não sei nem posso saber o que Snow dirá.

- Chega, já entendi. Ficarei longe, pois me basta reconhecer o som da sua voz.

- Vou à oficina telefonar para ele. Deixarei as portas abertas. Rhea concordou com a cabeça.

Atravessei a zona vermelha. Por contraste, e apesar das lâmpadas, o corredor me pareceu escuro. A porta da oficina estava aberta. Últimos traços deixados pelos acontecimentos da noite, os estilhaços da garrafa Deware brilhavam sob uma fileira de reservatórios de oxigênio líquido. Quando peguei no fone, a pequena tela se iluminou. Disquei o número da sala de rádio. Por trás do vidro fosco, a película de luz azulada brilhou. Inclinado para o lado, sobre o braço da poltrona, Snow me encarava.

- Viva! - disse ele.

- Encontrei seu bilhete. Quero falar com você. Posso ir aí?

- Pode. Já?

- Já.

- Desculpe, mas você vem só ou... acompanhado?

- Só.

Inclinado para frente, a testa sulcada de rugas profundas, as faces magras e crestadas, ele me examinava através do vidro abaulado - estranho peixe num estranho aquário.

Snow adotou um ar despreocupado.

- Está bem, venha.

Quando voltei aos meus alojamentos, percebi vagamente a silhueta de Rheyra por trás da cortina de raios vermelhos.

- Podemos ir, minha querida?

Senti minha voz faltar. Rheyra estava sentada numa poltrona, com os braços dobrados. Teria eu demorado? No espaço de um segundo, eu a vi lutar contra a força incompreensível que a habitava, vencer aquela horrível contração de todo o seu corpo e, por fim, relaxar. Eu estava sufocado por um furor cego misturado de piedade.

Seguimos em silêncio, pelo corredor de paredes policrônicas. A diversidade de cores, segundo os arquitetos, devia facilitar nossa vida no interior da carapaça blindada.

Vi, de longe, que a porta da sala de rádio estava entreaberta e deixava passar uma réstia de luz vermelha. Olhei para Rheyra, que nem mesmo procurou sorrir. Ela havia se preparado, durante todo o trajeto, para uma luta com ela mesma e agora que o momento se aproximava, tinha o rosto pálido e confrangido. A quinze passos da porta, Rheyra deteve-se. Virei-me e ela empurrou-me com a ponta dos dedos. Imediatamente Snow, meus projetos, a experiência, a estação, tudo me pareceu irrelevante comparado com o suplício a que ela ia ser submetida. Eu não tinha a menor vocação para ajudante de carrasco e por isso quis recuar. Mas uma sombra expulsou da parede o reflexo do sol e eu me apressei a entrar na sala.

Snow caminhara para a porta, como se tivesse a intenção de sair ao meu encontro. O disco solar o aureolava com um clarão púrpura, que parecia ser irradiado por seus cabelos grisalhos. Olhamo-nos em silêncio durante um momento. Se ele podia me

examinar à vontade, o mesmo não me acontecia, pois eu não via Snow em virtude da reverberação da janela.

Passei ao lado dele e fui me apoiar numa mesa alta da qual emergiam as hastes flexíveis dos microfones. Snow fez meia-volta lentamente e continuou a me olhar, com seu sorriso habitual, que não exprimia alegria e traía muito amiúde um cansaço mortal. Com os olhos sempre pregados em mim, abriu caminho entre os inúmeros objetos amontoados de forma desordenada acumuladores térmicos, instrumentos e sobressalentes da aparelhagem do rádio. Aproximou-se de um armário metálico, pôs de pé um tamborete e sentou-se, com as costas apoiadas na porta do armário.

Agucei os ouvidos, preocupado, mas nenhum som vinha do corredor onde Rheyra ficara. Por que Snow não falava? Nosso silêncio tornara-se incômodo para ambos.

Pigarreei.

- Vocês ficam prontos quando?

- Podemos começar hoje, mas a gravação demora algum tempo.

- A gravação? Você quer dizer o encefalograma?

- Sim, você está de acordo... que é que há?

- Não, nada.

Com o silêncio ameaçando se prolongar outra vez, Snow prosseguiu:

- Você tinha alguma coisa a dizer?

- Ela sabe... - murmurei.

Snow franziu as sobrancelhas.

-Ah?

Tive a impressão de que ele estava realmente surpreso. Então por que fingia? Perdi toda a vontade de confiar nele. Apesar disso, para ser honesto, forcei-me a falar:

- Ela começou a suspeitar depois de nossa conversa na biblioteca. Passou a me espionar, somou os indícios, depois achou o gravador de Gibarian e ouviu a fita...

Com as costas apoiadas no armário, Snow continuava imóvel, mas uma fagulha longínqua animava seus olhos. De pé ao lado da mesa, eu tinha à minha frente a porta entreaberta do corredor.

Baixei mais a voz:

- Esta noite, quando eu estava dormindo, Rheyra tentou se matar. Bebeu oxigênio líquido...

Houve um ruído de papéis levados por uma corrente de ar. Parei de falar, atento ao que acontecia no corredor. O barulho não vinha do corredor, mas do quarto. Um rato! Absurdo. Ali não havia ratos! Olhei de soslaio para Snow.

- Continue - disse ele, tranqüilamente.

- Não consegui, é claro... mas agora sabe quem ela é.

- Por que você me diz isso?

De imediato, não soube o que responder, mas murmurei:

- Para informar... pô-lo a par da situação...

- Eu lhe avisei.

Ergui a voz sem querer.

- Você quer dizer que sabia...

- O que você acaba de contar? Claro que não. Mas lhe expliquei a situação. Quando chega, o "visitante" é quase vazio, não passa de um fantasma alimentado por recordações e imagens confusas extraídas do seu... Adão. Quanto mais tempo fica com você, mais se humaniza. Torna-se também mais independente, mas só até certo ponto. E quanto mais tempo durar, mais difícil se torna... - Snow parou, olhou-me de alto a baixo e acrescentou, contra a vontade: - Ela sabe tudo?

- Sabe, já disse.

- Tudo? Sabe que veio antes e que você...

- Não!

Snow sorriu.

- Olhe, Kelvin, já que você está aqui... Que é que você vai fazer? Ir embora?

- Sim.

- Com ela?

- Com ela.

Snow ficou calado, meditando uma resposta, porém seu silêncio também significava outra coisa... Mas o quê? Ouvi novamente junto a mim - sem poder situá-lo e parecendo vir de trás de uma fina parede - o ruído de uma corrente de ar que não era sentida no quarto.

Snow mudou de posição no tamborete.

- Muito bem - disse ele. - Por que você fica me olhando? Pensou que eu ia lhe criar dificuldades? Meu caro Kelvin, você fará o que quiser. Já nos basta os aborrecimentos que estamos tendo, para ainda ficarmos brigando uns com os outros! Embora sem esperança de convencê-lo, preciso dizer-lhe isto: numa situação inumana, você se esforça para conservar um comportamento humano. Isso pode ser muito bonito, mas não conduz a nada. Aliás, não tenho tanta certeza de que seja bonito. Como pode ser belo um comportamento idiota? Mas não se trata disso. Voltemos ao que interessa! Você desiste de continuar as experiências e quer partir imediatamente, levando-a com você, não é?

- É.

- É também... uma experiência. Pensou nisso?

- Que é que você quer dizer? Está me perguntando se ela... poderá?... Uma vez que ela está comigo, não vejo...

Falando cada vez mais devagar, parei no meio da frase. Snow deu um suspiro.

- Todos nós estamos usando a política do avestruz, meu caro Kelvin, e sabemos disso. Não é hora de atitudes cavalheirescas!

- Não estou com atitudes.

- Desculpe, não quis ofendê-lo. Retiro as atitudes cavalheirescas, mas confirmo a política do avestruz, que você pratica sob uma forma especialmente perigosa. Você mente a si mesmo, mente a ela e fica andando em círculos. Conhece as condições de estabilização de uma estrutura de neutrinos?

- Não, nem você. Ninguém conhece.

- É verdade. Sabemos apenas que tal estrutura é instável e só pode subsistir graças a um contínuo afluxo de energia. Foi Sartorius quem me disse. Essa energia cria um campo de estabilização turbilhonante. Esse campo magnético é exterior com relação ao "visitante" ou é criado no interior do corpo dele? Percebeu a diferença?

- Percebi... se é exterior... ela...

Snow concluiu por mim.

- Afastada de *Solaris*, a estrutura se desagrega. É uma pura hipótese, sem dúvida, mas que você pode constatar porque já tentou uma experiência. O foguete que você lançou... continua em órbita. Nos meus momentos de folga, cheguei mesmo a calcular os elementos da movimentação dele. Você pode levantar vôo, colocar-se em órbita, aproximar-se e ver o que aconteceu à passageira...

- Você está louco! - berrei.

- Você acha? E se trouxéssemos o foguete de volta? Não há nenhuma dificuldade, pois é teleguiado. Faremos com que saia da órbita e...

- Cale-se!

- Então você também não quer? Há ainda um meio muito simples. Não será necessário trazê-lo para a estação. Ele poderá continuar gravitando. Basta um contato pelo rádio. Se ela estiver viva, responderá e...

- Mas... mas há muito tempo que ela não tem mais oxigênio!
- Talvez não precise de oxigênio. Vamos tentar?
- Snow... Snow...

Ele me imitou, enraivecido.

- Kelvin... Kelvin... Reflita um pouco! Você é um homem ou não? Você está procurando satisfazer a quem? Quem quer salvar? A você ou a ela? E a qual das elas? A que está aqui ou a que está lá? Você não tem bastante coragem para enfrentar as duas? Está vendo que esse é um comportamento absurdo! Repito pela última vez: estamos numa situação que foge à moral.

Ouvi o mesmo ruído de havia pouco e dessa vez pareceu-me o de unhas arranhando uma parede. Não sei por quê, senti-me subitamente tão passivo e indiferente quanto uma mula. Eu me via, eu nos via, a mim e a ele, muito longe, como quando olhamos pelo lado inverso de um binóculo, e tudo me pareceu insignificante, desprezível, um tanto risível.

- Bom e, segundo você, que devo fazer? - perguntei. - Afastá-la? Ela voltará amanhã, não é? E depois de amanhã e nos outros dias. Durante quanto tempo? Que adianta me ver livre dela hoje, se ela vai voltar? Que vantagem tenho nisso? E qual a vantagem para você, para Sartorius, para a estação?

- Não é isso. O que eu proponho é que você vá embora com ela! Você assistirá à transformação. Ao fim de alguns minutos, você verá.

Interrompi, sem entusiasmo:

- O quê? Um monstro, um demônio?

- Não, você muito simplesmente a verá morrer. Acredita mesmo na imortalidade dela? Garanto-lhe que elas morrem... Então você fará o quê? Voltará para cá... para se reabastecer?

Cerrando os punhos, gritei:

- Cale a boca!

Com as pálpebras semicerradas, Snow olhava-me com ar zombeteiro, mas condescendente.

- Ah, eu é que devo calar? No entanto não fui eu que comecei esta conversa e acho que foi longe demais! É melhor você arranjar outro divertimento. Ir, por exemplo, chicotear o oceano para se vingar dele! Que é que você imagina? Que é um canalha pelo fato de mandá-la embora?...

Fez, com a mão, um irônico gesto de adeus e virou o rosto para cima, como se estivesse seguindo com os olhos o vôo de um foguete.

- E que você é um sujeito decente, se ficar com ela? - prosseguiu. - Sorrir, quando tem vontade de chorar, fingir paz e alegria, quando tem vontade de bater com a cabeça na parede, é não ser um canalha? E se for impossível, aqui, não ser um canalha? Que é que você vai fazer? Atacar o crápula do Snow, que é o culpado de tudo? É isso? Então, meu caro Kelvin, para cúmulo da desgraça, você é um verdadeiro cretino!

De cabeça baixa, respondi:

- Essa é a sua opinião... eu... eu a amo.

- A quem? À lembrança dela?

- Não, a ela. Já lhe disse o que ela tentou fazer. Poucos seres humanos... autênticos, teriam tido a coragem de agir assim.

- Por essas palavras, você reconhece...

- Não me atormente por causa de palavras!

- Está bem. Então, ela o ama. E você deseja amá-la. Não é a mesma coisa.

- Você está enganado.

- Lamento, Kelvin, mas foi você mesmo quem me revelou suas preocupações. Você não a ama. Você a ama. Ela está pronta a dar a própria vida. Você também. É comovente, é magnífico, é sublime, é tudo o que você quiser. Mas aqui não funciona. O lugar não é

próprio. Compreendeu? Não, você se recusa a compreender! Forças desconhecidas independentes de nós arrastam num processo em círculo, do qual ela é um aspecto, uma fase, uma manifestação periódica. Se ela fosse... se você fosse importunado por um animal devotado, você não hesitaria um instante em afastá-lo, não é?

- É verdade.

- É por isso que ela não é um animal! Você está de mãos amarradas? O caso é exatamente esse, você está de mãos amarradas!

- Essa é uma nova hipótese, que vai se juntar a um milhão de outras, catalogadas na biblioteca. Me deixe em paz, Snow, ela é... Não, não quero mais falar com você a respeito dela.

- Está bem. Mas foi você quem começou. Lembre-se, apenas, de que ela é um espelho onde se reflete uma parte do seu cérebro. Se ela é maravilhosa é porque você tem recordações maravilhosas. Foi você quem forneceu a receita. Você está preso num processo em círculo, não esqueça!

- Que é que você espera de mim? Que eu... que eu a afaste? Já lhe fiz a pergunta: por quê?... Você não respondeu.

- Vou responder. Não fui eu quem quis esta conversa. Não me meti com seus negócios. Não lhe ordenei nada, não proibi nada e mesmo que tivesse o direito, não o faria. Você veio para cá porque quis e desfez as malas na minha frente. Sabe por quê? Não? Para se livrar de um fardo, de um peso! Ah, meu caro Kelvin, eu conheço esse fardo. Oh, não me interrompa! Deixo você livre para tomar decisões, mas o que você quer é oposição. Se eu lhe barrasse o caminho, você provavelmente me quebraria a cara. Mas é comigo que você teria de se entender, com um homem moldado no mesmo lodo que você, um homem da mesma carne e do mesmo sangue, e então você também se sentiria um homem. Como não lhe dou a oportunidade de brigar, você discute comigo... ou melhor, você discute com você mesmo! Só lhe falta me dizer que sucumbirá à dor se ela desaparecer de repente... Não, por favor, não diga nada!

Revidei sem jeito o ataque dele.

- Vim informá-lo, por estrita honestidade, de que tenho a intenção de sair da estação com ela.

Snow sacudiu os ombros.

- Você não desiste... Exprimi minha opinião unicamente porque vejo que você está excitado. Acalme-se e venha amanhã de manhã, pelas nove horas, aos aposentos de Sartorius... Você verá.

Fiquei espantado.

- Aos aposentos de Sartorius? Pensei que ele não deixasse ninguém entrar. Você me disse que nem se podia telefonar para ele.

- Parece que ele deu um jeito. Nunca discutimos nossos problemas domésticos. Você... é inteiramente diferente. Virá, amanhã de manhã?

- Virei. - resmunguei.

Olhei para Snow. Sua mão direita havia deslizado para dentro do armário. Depois de quanto tempo a porta estava entreaberta? Havia muito, provavelmente, mas na excitação daquela conversa horrível, eu não tinha notado nada. A posição daquela mão não era natural. Parecia que estava escondendo alguma coisa. Ou que segurava alguém pela mão.

Umedeci os lábios.

- Snow, que é que você...

- Saia - respondeu ele, com voz baixa e muito tranqüila saia!

Saí e fechei a porta sobre os últimos clarões do crepúsculo vermelho. Rheyra estava esperando a dez passos da porta, sentada no chão e encostada na parede.

Ela levantou de um pulo, com os olhos brilhantes pousados em mim.

-Viu, Kris? Consegui... estou tão contente! Talvez... Vai ser cada vez mais fácil...

- Oh, sim, claro... - respondi, de forma distraída.

Voltamos para os meus aposentos. Eu continuava quebrando a cabeça por causa daquele armário. Era então ali que ele escondia?... E toda aquela conversa?... Meu rosto começou a ficar tão quente que, involuntariamente, toquei-o com as costas da mão. Que idiota! E para quê? Para nada. Ah, sim, no dia seguinte pela manhã...

Fui bruscamente envolvido pelo medo, um medo semelhante ao que havia sentido na noite anterior. Meu encefalograma. O registro integral dos processos do meu cérebro, transformado num feixe de raios, seria descarregado no oceano, nas profundezas daquele monstro inconcebível, infinito... Que havia dito Snow? "Se ela desaparecer você sofrerá horrivelmente?"

Um encefalograma é o registro de todos os processos - dos conscientes e dos inconscientes. "Se eu desejar que ela desapareça", pensei, "ela desaparecerá! Mas se eu desejar me livrar dela, também serei apavorado pela idéia do aniquilamento de que ela está ameaçada? Sou responsável pelo meu inconsciente? Se não, que outro será?... Que bobagem! Por que aceitarei entregar meu encefalograma a eles?... Posso, evidentemente, examinar a fita antes de permitir que eles a utilizem, mas não saberei interpretá-la.

Ninguém saberá! Os especialistas só podem circunscrever os pensamentos do indivíduo em termos gerais. Dirão, por exemplo, que o indivíduo estava meditando a respeito da solução de um problema matemático, mas serão incapazes de fornecer os dados do problema. São obrigados a se cingir às generalidades, afirmam, pois o encefalograma reproduz de cambalhada uma quantidade de processos que se desenrolam simultaneamente, do qual somente uma parte tem um 'avesso' psíquico. E os processos inconscientes?

Os especialistas se recusam terminantemente a falar disso. Como exigir, portanto, que eles decifrem recordações mais ou menos reprimidas?... Mas de que tenho tanto medo? Eu disse a Rheyra, hoje mesmo de manhã, que a experiência não teria sucesso. Se nossos neurofisiólogos são incapazes de decifrar o registro, como aquele estranho gigante negro e fluido seria capaz?...

No entanto ele havia me penetrado, contra minha vontade. Havia sondado minha memória e descoberto meu ponto mais sensível. Como pôr em dúvida? Sem qualquer ajuda, sem qualquer "transmissão de raios", ele havia atravessado a blindagem estanque, a dupla carapaça da estação, me encontrara e levava o produto do saque...

- Kris? - murmurou Rheyra.

De pé diante da janela, com o olhar fixo, eu não vira a noite chegar. Uma fina camada de nuvens elevadas, cúpula prateada refletindo fracamente o sol desaparecido, ocultava as estrelas.

Se ela desaparecesse depois da experiência, significaria que eu desejava seu desaparecimento. Que eu a matara. Não, não iria ver Sartorius. Não era obrigado a obedecer-lhe.

Que diria a ele? A verdade? "Não. Não posso dizer-lhe a verdade. É preciso fingir, mentir, agora e sempre... Porque há, talvez, em mim, pensamentos, intenções, esperanças cruéis, das quais não tenho conhecimento, porque sou um assassino que se ignora. O homem partiu para a descoberta de outros mundos, de outras civilizações, sem ter inteiramente explorado seus próprios abismos, seu labirinto de corredores escuros e câmaras secretas, sem ter penetrado no mistério das portas que ele mesmo condenou.

Entregar-lhes Rheyra... por pudor? Entregá-la somente porque me falta coragem?

- Kris - disse Rheyra, ainda mais baixo.

Ela havia se aproximado de mim. Fingi não ter ouvido. Naquele instante eu queria me isolar. Devia me isolar. Eu ainda nada decidira, ainda não tomara qualquer resolução.

Imóvel, fiquei contemplando o céu escuro, as estrelas frias, pálidos fantasmas das estrelas que brilhavam no céu da Terra. Minha mente ficara subitamente oca. Restava-me apenas a triste certeza de ter atravessado uma fronteira de forma irremediável. Indiferente, recusei-me a ter consciência de que estava caminhando para o inacessível e nem sequer tinha mais força para me desprezar.

Os pensadores

- KRIS, é por causa da experiência?

O som da voz de Rheyra apanhou-me de surpresa e eu me contraí. Deitado no escuro, eu estava acordado, com os olhos abertos. Com o passar das horas, tendo deixado de ouvir a respiração dela, eu a havia esquecido. Solitário, deixara-me arrastar pela confusa corrente dos pensamentos noturnos. Levado pelos delírios do meu sonho acordado, havia perdido de vista a medida exata e o significado da realidade.

- O quê?... Como é que você sabe que eu não estou dormindo?

- Você respira diferente quando dorme - respondeu ela suavemente, como se quisesse desculpar-se pelo comentário. - Eu não queria incomodar você... Se não puder me responder, não responda...

- Por que não poderia responder? Sim, você adivinhou, é a experiência...

- Eles esperam o quê?

- Nem eles sabem. Alguma coisa. Qualquer coisa. Não é a "Operação Pensamento", é a "Operação Desespero". Para falar a verdade, seria preciso que um de nós tivesse a coragem de cancelar a experiência e assumir a responsabilidade da decisão. Mas a maioria acha que essa coragem é medo e que anular a experiência é dar sinal de fraqueza, de renúncia, de uma fuga, indigna do homem. Como se fosse digno do homem patinar, atolar, se afogar no que não compreende e nunca irá compreender. - Parei, mas quase imediatamente fui tomado por novo acesso de raiva. - Naturalmente, não lhes faltam argumentos! Pretendem que, mesmo que não consigamos estabelecer o contato, não teremos perdido nosso tempo estudando esse plasma todas aquelas cidades vivas que

emergem durante o dia e desaparecem - e acabaremos por penetrar no segredo da matéria. Eles sabem perfeitamente que estão se enganando, que se movimentam dentro de uma biblioteca cujos livros são escritos numa linguagem incompreensível, só distinguíveis uns dos outros pela cor das encadernações!

- Não há outros planetas semelhantes a este?

-Talvez... não sabemos nada, e isto é a única coisa que sabemos. Em todo caso, este é de uma espécie extremamente rara. Não como a Terra! A Terra é de uma espécie comum - o futuro do universo! - e nos vangloriamos dessa universalidade, pensamos que nada pode ficar estranho a nós. Imbuídos dessa idéia, audaciosos e alegres, partimos à procura de outros mundos! E que iríamos fazer desses outros mundos? Dominá-los ou ser dominados por eles, era só o que havia nos nossos pobres cérebros! Ah! Quanto sofrimento inútil, quanto sofrimento inútil...

Levantei-me. Remexi na farmácia tasteando. Meus dedos identificaram o recipiente largo e achatado que continha os comprimidos para dormir. Voltei no escuro.

- Vou dormir, minha querida. Devo, preciso dormir...

Sentei na cama. Rheyta tomou minha mão. Inclinei-me, peguei-a nos braços e ficamos imóveis, apertados um contra o outro.

Adormeci.

Acordei na manhã seguinte, fresco e descansado. A experiência me pareceu um negócio sem grande significação. Não compreendia como pudera atribuir tanta importância ao meu encefalograma. Já não me incomodava, também, de haver levado Rheyta ao laboratório. Apesar de todos os seus esforços, ela não suportava ficar mais de cinco minutos sem me ver e ouvir. Eu havia, também, renunciado a prosseguir os ensaios. Ela estava mesmo disposta a se deixar encerrar em qualquer lugar e, quando lhe pedi que me acompanhasse, aconselhei-a a levar um livro.

Eu estava ansioso para ver o que ia encontrar no laboratório. O aspecto da grande sala azul e branca não revelava nada de

especial, a não ser pelo fato de as prateleiras e armários destinados aos instrumentos de vidro parecerem pouco fornidos. A folha de uma porta envidraçada estava rachada em forma de estrela e algumas portas não tinham folhas. Aqueles detalhes faziam supor que houvera luta ali muito recentemente e que tinham tentado fazer desaparecer os traços da melhor forma possível.

Snow, atarefado junto de um aparelho, comportou-se com bastante correção. Não revelou espanto quando viu Rheyra entrar e cumprimentou-a inclinando levemente a cabeça.

Deitei-me. Snow estava umedecendo minhas têmporas e fronte com soro fisiológico, quando uma porta se abriu e Sartorius saiu de uma sala escura. Estava usando uma blusa branca e um avental anti-radiação preto, que ia até os tornozelos. Cumprimentou-me com superioridade, com ar muito profissional, como se estivéssemos em algum grande instituto da Terra, dois pesquisadores entre centenas de outros cientistas, continuando o trabalho da véspera. Não usava mais os óculos escuros, mas notei que colocara lentes de contato. Pensei ser essa a razão do seu olhar inexpressivo. Com os braços cruzados no peito, Sartorius observava Snow colocar os eletrodos nos devidos lugares e enrolar uma atadura branca na minha cabeça. Percorreu a sala insistentemente com os olhos. Não tomou conhecimento da presença de Rheyra. Esta, encolhida sobre um tamborete, de costas apoiadas na parede, com ar infeliz, fingia estar lendo o livro.

Como Snow se afastasse, virei a cabeça cheia de discos metálicos e fios elétricos para vê-lo ligar a corrente. Mas Sartorius, erguendo a mão, começou a falar untuosamente:

- Doutor Kelvin, peço-lhe um instante de atenção e de concentração. Não tenho a intenção de ditar nenhuma forma de ação para o seu pensamento, pois isso falsearia a experiência. Mas insisto em que deixe de pensar em você mesmo, em mim, no nosso colega Snow ou em quem quer que seja. Procure eliminar toda intrusão de personalidades definidas e concentre-se no motivo que nos trouxe aqui. A Terra e *Solaris*. O corpo de cientistas considerado

como um todo, embora gerações se tenham sucedido e que o homem, como indivíduo, tenha uma existência limitada. Nossas aspirações e nossa perseverança em estabelecer um contato intelectual. A longa evolução histórica da humanidade, a certeza que temos de continuar essa evolução. Nossa determinação de renunciar a todos os sentimentos pessoais para cumprir nossa missão. Os sacrifícios que estamos dispostos a sofrer, as dificuldades que procuraremos vencer... Eis uma série de temas que poderiam alimentar sua consciência. A associação de idéias não depende inteiramente da sua vontade. No entanto, o próprio fato de o senhor estar aqui garante a autenticidade de desenvolvimento que acabo de apresentar. Se você não tiver certeza de que é capaz de cumprir essa tarefa, diga, por favor, e nosso colega Snow começará novamente a gravação. O tempo não nos falta...

Sartorius esboçou um pequeno sorriso seco ao pronunciar essas últimas palavras, mas seu olhar continuava sombrio. Procurei destrinchar as frases pomposas com que ele me brindara tão seriamente.

Snow quebrou o silêncio que se prolongava.

- Começamos, Kris? - perguntou com o cotovelo sobre o painel de comando do eletroencefalógrafo, Snow parecia estar apoiado descuidadamente no espaldar de uma cadeira. Gostei do seu tom confiante e fiquei-lhe grato por me ter chamado pelo meu prenome.

Fechei os olhos.

- Começemos!

Quando Snow, depois de ter fixado os eletrodos, se havia aproximado do painel, senti que uma angústia súbita me oprimia. Agora, essa angústia se dissipara, também repentinamente. Através dos cílios abaixados, vi o clarão vermelho das lâmpadas de controle no painel escuro do aparelho. Eu já não sentia mais o contato úmido e desagradável dos eletrodos metálicos, aquela coroa de medalhas frias que envolvia minha cabeça. Minha mente era uma arena cinzenta e vazia, rodeada de uma multidão de espectadores

invisíveis, amontoados contra as grades, atentos ao meu silêncio - e desse silêncio emanava um desprezo irônico concernente a Sartorius e à missão.

Que iria eu improvisar para todos aqueles espectadores existentes dentro de mim? Rheya... Lembrei seu nome com preocupação, pronto a afastá-lo imediatamente. Mas não houve protesto. Insisti, embriaguei-me de ternura e de dor, disposto a enfrentar pacientemente longos sacrifícios... Rheya me envolvia por completo. Ela não tinha corpo nem rosto. Respirava em mim, real e imperceptível. Subitamente, como numa superimpressão daquela presença desesperada, vi, na penumbra cinzenta, o rosto douto e professoral de Giese, o pai da solarística e dos solaristas. Não me lembrei da erupção lamacenta, no abismo nauseabundo que havia engolido seus óculos de ouro e seu bigode cuidadosamente escovado. Vi a gravura da página de rosto da monografia, os traços de lápis com que o desenhista aureolara a cabeça dele, uma cabeça que lembrava tanto a do meu pai - não pelos traços, mas pela expressão de velha sabedoria e de honestidade - que, por fim, não sabia mais qual dos dois me olhava. Ambos estavam mortos e ambos não haviam sido sepultados. Mas, na nossa época, os mortos sem sepultura não eram raros.

A imagem de Giese desapareceu e, por um momento, esqueci a estação, a experiência, Rheya, o oceano preto. As lembranças imediatas esfumaram-se diante da certeza fulminante de que aqueles dois homens, meu pai e Giese, agora voltados à sua condição de pó, haviam antes enfrentado todos os acontecimentos da sua existência e tirei dessa certeza uma paz profunda, que destruiu a multidão informe amontoadada em torno da arena cinzenta, à espera da minha derrota.

Ouvi o ruído característico dos interruptores e imediatamente a luz das lâmpadas penetrou nas minhas pálpebras. Pisquei os olhos. Sartorius não havia se mexido e me observava. Snow, de costas para mim, remexia em alguma coisa ao lado do aparelho e pareceu-me

que sentia prazer em fazer estalar as sandálias que escorregavam dos seus pés.

- Você acha, doutor Kelvin, que a primeira etapa da experiência teve sucesso? - perguntou Sartorius, com aquela voz nasal que eu detestava.

- Acho.

- Tem certeza? - insistiu, meio espantado e talvez até desconfiado.

- Tenho da resposta, venceu a rigidez de Sartorius.

- Ah... muito bem - gaguejou, com ar infeliz.

Snow veio para junto de mim e começou a retirar as ataduras que envolviam minha cabeça. Sartorius recuou, hesitou e depois desapareceu no quarto escuro.

Eu estava relaxando as pernas quando Sartorius voltou, trazendo na mão o filme já revelado e seco. Linhas trêmulas desenhavam uma renda branca nos quinze metros de fita preta e brilhante.

Minha presença não era mais necessária, mas fiquei. Snow introduziu o filme na cabeça oxidada do modulador. Sartorius, com o olhar triste e desconfiado, examinou ainda uma vez a extremidade da fita, como se tentasse decifrar o conteúdo daquelas linhas ondulantes.

O sinal de partida da experiência não tinha nada de espetacular. Snow e Sartorius tinham se instalado cada um num painel de comando e manipulavam os botões. Ouvi, através do solo blindado, o zunzum abafado da corrente nas bobinas. Os traços luminosos caíram ao longo dos tubos de vidro dos contadores, o que significava que o corpo do enorme canhão de raios-x descia para se colocar no orifício do poço que o abrigava. Os traços luminosos pararam no mais baixo da escala.

Snow elevou a tensão e a flecha branca do voltímetro descreveu um semicírculo da esquerda para a direita. Agora, o

zumbido da corrente mal era ouvido. O filme passava invisível, de um carretel para outro, provocando uma mudança de números, que se sucediam com um ligeiro barulho, no visor do indicador de metragem.

Aproximei-me de Rheya, que nos encarava por cima do livro. Ela me lançou um olhar interrogativo. A experiência acabava de terminar e Sartorius dirigiu-se para a grande cabeça cônica do aparelho.

Os lábios de Rheya formaram uma interrogação muda: "Vamos:

Fiz um sinal afirmativo e Rheya levantou-se. Sem nos despedir de ninguém, saímos da sala.

Um crepúsculo admirável iluminava as janelas do corredor do pavimento superior. O horizonte não estava avermelhado e lúgubre, como costumava estar àquela hora, mas de um rosa cintilante, matizado de prata.

Sob a suave carícia da luz, as reentrâncias escuras do oceano tinham suaves reflexos roxos. O céu só estava avermelhado no poente.

Quando chegamos ao pé da escada, parei. Não podia suportar a idéia de que íamos novamente ficar encerrados na minha cabina, como se estivéssemos numa prisão.

- Rheya... preciso de uma coisa na biblioteca... você se importa?

Com uma animação meio forçada, ela gritou:

- Oh, não! Ficarei lendo qualquer coisa...

Desde a véspera que eu tinha consciência de que um fosso se havia cavado entre nós. Deveria ter me mostrado mais cordial, procurando vencer minha apatia. Mas, de onde extrair a força para sacudir o torpor?

Descemos a rampa que levava à biblioteca. Num pequeno vestíbulo, havia três portas e flores sob globos de cristal pregados

nas paredes.

Abri a porta do meio, cujas folhas eram forradas de couro sintético. Ao entrar na biblioteca eu procurava evitar sempre tocar nessa forração. Fui acolhido por um agradável sopro de ar frio. A grande sala circular, apesar do sol estilizado pintado no teto, não estava quente.

Passando distraidamente a mão pela lombada dos livros, decidi pegar, entre todos os clássicos de *Solaris*, o primeiro volume de Giese, a fim de rever o retrato que ornava a página de rosto, quando descobri por acaso a obra de Gravinski, um *in-octavo* com a encadernação estragada, que eu não vira antes.

Instalei-me numa poltrona acolchoada. Rheyá, sentada ao meu lado, folheava um livro, cujas páginas eu a ouvia virar. O resumo de Gravinski, que os estudantes geralmente consultavam como referência, era uma classificação por ordem alfabética das hipóteses solaristas. O compilador, que jamais vira *Solaris*, havia apanhado, em todas as monografias e relatórios das expedições, dados fragmentários e comunicações provisórias. Chegara mesmo a pescar citações nas obras de planetólogos que estudavam outros globos. Redigira um inventário onde abundavam formulações ingênuas, que simplificavam grosseiramente as sutilezas do pensamento original. A obra, concebida com pretensões enciclopédicas, não passava hoje de uma curiosidade. O resumo de Gravinski aparecera vinte anos antes, mas desde então, tal quantidade de hipóteses novas se haviam acumulado, que um só livro não bastava para contê-las. Percorri o índice, que era quase uma lista necrológica, pois só um pequeno número de citados ainda vivia. Entre os sobreviventes, nenhum mais participava ativamente dos estudos solaristas. Lendo-se todos aqueles nomes, medindo-se a soma de esforços intelectuais dirigidos em todas as direções, não se podia deixar de pensar que ao menos uma das hipóteses formuladas devia ser justa, que as milhares de hipóteses apresentadas deviam conter cada uma alguma parcela de verdade, que a realidade não podia ser total mente outra.

Gravinski, na introdução, dividira em períodos os primeiros sessenta anos de estudos solaristas. Durante o período inicial, que começava com a expedição enviada para realizar um reconhecimento aéreo do planeta, ninguém havia, na realidade, formulado hipóteses. O "bom senso" admitia então, intuitivamente, que o oceano era um conglomerado químico sem vida, uma massa gelatinosa que, por sua atividade "quase vulcânica", produzia criações maravilhosas e estabilizava sua órbita instável graças a um processo mecânico autógeno, assim como um pêndulo se mantém num plano fixo depois de ter sido posto em movimento. Para falar a verdade, três anos depois da primeira expedição, Magenon havia apresentado a idéia de que a "máquina coloidal" estava viva. Mas, no livro de Gravinski, o período das hipóteses biológicas só começava nove anos mais tarde, numa época em que a opinião de Magenon, anteriormente desprezada, havia obtido numerosos partidários. Os anos seguintes abundaram em descrições teóricas do oceano vivo, descrições extremamente complexas, apoiadas em análises biomatemáticas. No decorrer do terceiro período, a opinião dos cientistas, até então mais ou menos unânimes, dividiu-se.

Vimos surgir uma multidão de escolas rivais, que se combatiam furiosamente. Foi a época de Panmaller, de Strobel, de Freyhous, de Lê Greuille, de Osipowicz. Toda a herança de Giese foi submetida a uma crítica impiedosa. Apareceram os primeiros Atlas e os primeiros inventários. Apresentaram estereofotografias de assimetrias, consideradas ainda recentemente como criações impossíveis de serem exploradas - novos instrumentos teleguiados haviam sido introduzidos no interior daqueles formidáveis colossos, que uma explosão imprevisível podia esfacelar a cada instante. No tumulto das discussões, afastaram com desprezo as hipóteses "mínimas" mesmo se não se chegasse a estabelecer o famoso "contato" com o "monstro racional", pensavam alguns, valia a pena estudar as cidades cartilaginosas dos mimóides e as montanhas sopradas que surgiam na superfície do oceano, pois poderíamos adquirir conhecimentos químicos e fisioquímicos preciosos e enriquecer nossas experiências no domínio da estrutura das

moléculas gigantes. Mas ninguém se dignava a estabelecer polêmica com os partidários de tais teses. Ocupavam-se em fazer inventários das metamorfoses típicas, catálogos cuja autoridade ainda hoje subsiste, e Frank desenvolvia sua teoria bioplasmática dos mimóides. Embora esta se tenha revelado inexata, continua a ser um exemplo soberbo de impetuosidade intelectual e de construção lógica.

Aqueles primeiros "períodos de Gravinski" - trinta e poucos anos -, aquela certeza cândida, aquele romantismo irresistivelmente otimista, foram a juventude da solarística.

Com a chegada do ceticismo, anunciou-se a era da maturidade. Mais ou menos no fim do primeiro quarto de século, as antigas hipóteses colóido-mecânicas haviam encontrado uma descendência longínqua nas teorias do oceano apsíquico. A opinião quase unânime considerava aberrante o ponto de vista de toda uma geração de cientistas, que haviam acreditado observar as manifestações de uma vontade consciente, de processos teleológicos, uma atividade motivada por qualquer necessidade interior do oceano.

A imprensa, refutando apaixonadamente esse ponto de vista, limpava o terreno em benefício do grupo Holden, Eonides e Stoliwa, cujas especulações lúcidas, analiticamente fundamentadas, concentravam-se no exame minucioso de dados acumulados sem cessar. Foi a idade de ouro dos arquivistas. As microfilmotecas regurgitavam de documentos. As expedições, algumas contando com mais de mil membros, foram luxuosamente equipadas com todos os aparelhos aperfeiçoados que a Terra pudesse fornecer - gravadores automáticos, sondas, detectores. Mas, enquanto os materiais se amontoavam num ritmo sempre crescente, o próprio espírito da pesquisa se embotava e, no decorrer daquele período ainda otimista apesar de tudo, já se esboçava um declínio.

Homens corajosos como Giese, Strobel, Sevada, audaciosos na afirmação ou na negação de uma concepção teórica, haviam deixado a marca da sua personalidade naquela primeira fase da solarística.

Sevada, o último dos grandes solaristas, desaparecera de maneira inexplicável próximo ao pólo sul do planeta.

Aparentemente, foi vítima de uma imprudência que nem um novato cometeria. Planando a baixa altitude sobre o oceano, à vista de uma centena de observadores, precipitou seu aparelho no interior de um ágilus que, no entanto, não atrapalhava sua passagem. Falou-se de uma fraqueza súbita, de um desmaio, de uma falha no sistema de comando.

Na realidade, a meu ver, aquele foi o primeiro suicídio, a primeira e súbita crise de desespero.

Houve outras "crises", mas a obra de Gravinski não as mencionava. Contemplando as páginas amareladas, cobertas de letras miúdas, eu rememorava os fatos, datas e detalhes que me eram familiares.

Em seguida, aliás, as manifestações de desespero foram, felizmente, menos violentas - as personalidades marcantes também eram mais raras entre os cientistas. Nunca examinaram, como um fenômeno em si, o recrutamento de cientistas destinados a estudar um determinado domínio da planetologia! Cada geração conta com um número mais ou menos constante de homens dotados de uma mente brilhante e de um grande caráter. Só diferem os caminhos por onde enveredam. A presença ou ausência de tais homens num determinado setor da pesquisa, explica-se, sem dúvida, pelas perspectivas que esse setor abre à intervenção científica. Pode-se apreciar de maneira diferente os pesquisadores da época clássica da solarística, mas ninguém pode negar sua grandeza, para não dizer gênio. Durante algumas dezenas de anos, o oceano misterioso havia atraído os melhores matemáticos, os melhores físicos, os eminentes especialistas da biofísica, da teoria da informação, e da eletrofisiologia. E, de súbito, o exército de pesquisadores pareceu privado de líderes. Sobrou uma multidão informe e anônima de "coleccionadores" pacientes, de compiladores, com habilidade para imaginar algumas experiências originais. Mas não se viu mais se sucederem as vastas expedições em escala global e nenhuma

hipótese de alta envergadura, estimulante pela audácia, agitou mais os meios científicos.

O monumento da solarística se degradava. Como o musgo que rói a pedra, as hipóteses se multiplicavam, diferenciadas apenas nos detalhes secundários e unânimes em insistir no tema da degeneração, da regressão, da involução do oceano. De vez em quando, uma concepção mais audaciosa e mais interessante destacava-se da massa, mas sempre se tratava, de alguma forma, de uma condenação do oceano, produto final de um desenvolvimento que havia, muito tempo antes - milhares de anos - passado por uma fase de organização superior. O oceano só tinha, agora, uma unidade física e suas múltiplas criações, inúteis, absurdas, eram os estertores da agonia - uma agonia fantástica, de acordo, que prosseguia havia séculos. Assim, portanto, os longus e os mimóides eram tumores e todos os processos observados na superfície do enorme corpo fluido exprimiam o caos e a anarquia... Essa forma de considerar o problema transformou-se em obsessão. Durante sete ou oito anos, a literatura científica despejou, em termos corteses, assertivas que não passavam, apesar das precauções oratórias, de um amontoado de insultos - vingança de uma multidão de solaristas desnorteados, privados de líderes, contra o objeto de seus assíduos cuidados, que não se separava da sua indiferença e se obstinava em ignorar todos os progressos.

Um grupo de psicólogos europeus havia efetuado uma sondagem da opinião pública, dividida num prolongado lapso de tempo. Seu relatório, indiretamente ligado à solarística, não figurava entre as obras reunidas na biblioteca da estação, mas eu o havia estudado e me lembrava muito bem. Recolhendo sistematicamente as declarações profanas, os investigadores haviam demonstrado de maneira irrefutável que as mudanças da opinião corrente seguiam de muito perto as flutuações de opinião registradas nos meios científicos.

No seio da comissão de coordenação do Instituto de Planetologia, que decidia o apoio material a ser dado às pesquisas, a

mudança se manifestava por uma progressiva redução do orçamento dos institutos e postos consagrados à solarística, bem como por restrições que afetavam as equipes de exploração.

Alguns cientistas, no entanto, haviam adotado uma posição absolutamente oposta e pediam meios de ação mais enérgicos. O diretor administrativo do Instituto de Cosmologia chegou a afirmar com obstinação que o oceano vivo não desprezava absolutamente os homens, apenas não os havia notado - como um elefante não vê nem sente as formigas que passeiam pelo seu dorso. Para chamar a atenção do oceano e mantê-la permanentemente virada para nós, era preciso utilizar estimulantes poderosos e máquinas gigantescas, concebidas com as dimensões do planeta. Pormenor picante, que a imprensa destacou de forma maliciosa, o diretor do Instituto de Cosmologia convidava generosamente a buscar no bolso de outrem, pois era o Instituto de Planetologia quem deveria financiar essas dispendiosas expedições.

As hipóteses continuavam a chover - velhas hipóteses "rejuvenescidas", modificadas superficialmente, simplificadas ou complicadas ao extremo - e a solarística, matéria de relativa clareza, não obstante sua amplitude, transformava-se num labirinto cada vez mais confuso, onde cada saída aparente terminava num beco. Num clima de indiferença geral, de estagnação e desânimo, o oceano de *Solaris* ficou coberto de outro oceano de papel impresso.

Dois anos antes do início do meu estágio no laboratório do departamento dirigido por Gibarian - no fim desse estágio, obtive o diploma do Instituto -, a Fundação Mett-Irving, recentemente criada com essa única finalidade, prometeu as mais altas recompensas a quem achasse um meio de explorar de maneira útil a energia do oceano.

A idéia não era nova e as naves cósmicas já haviam levado para a Terra inúmeros carregamentos de geléia plasmática. Pacientemente, tentaram diversos métodos de conservação: temperaturas altas e baixas, microatmosfera e microclima artificiais, reproduzindo as condições atmosféricas e climáticas de *Solaris*,

radiação prolongada... Haviam empregado todo um arsenal de aplicações físicas e químicas para observar, em definitivo e invariavelmente, um processo de composição mais ou menos lento, passando por estados abundantemente descritos: conjugação, maceração, liquefação em primeiro grau, ou primária, e liquefação tardia, dita secundária. As amostras retiradas dos rebentos e criações plasmáticas tinham sorte idêntica, com algumas variações no processo de decomposição. Mas, em última instância, a matéria sempre se dissipava, por autofermentação, numa cinza leve com reflexos metálicos. Qualquer solarista podia, no entanto, estabelecer a composição da matéria estudada, precisar as relações dos elementos e as características químicas.

Os cientistas, tendo reconhecido que era impossível manter vivo -ou mesmo em estado vegetativo, em "hibernação" - qualquer fragmento, grande ou pequeno, colhido no oceano e dissociado do organismo monstruoso, adquiriram a convicção (desenvolvida pela escola de Meunier e Proroch) que a chave do mistério dependia exclusivamente da maneira de abordá-lo e que, assim que tivéssemos encontrado o método correto de interpretação, o conjunto do problema seria resolvido.

A procura daquela chave, daquela pedra filosofal de *Solaris*, havia absorvido o tempo e a energia de uma multidão de pessoas, em geral desprovidas de qualquer formação científica. No decorrer do quarto decênio da solarística, propagou-se uma verdadeira epidemia, que abalara os psicólogos. Um incalculável número de maníacos, ignorantes obcecados, entregavam-se a uma pesquisa empírica, com um zelo que deixava longe os antigos profetas do moto perpétuo ou da quadratura do círculo. Essa paixão desapareceu, no entanto, ao fim de alguns anos. Na época em que eu me preparava para ir a *Solaris*, havia muito tempo que a famosa epidemia deixara de ser discutida nos jornais ou nas conversas, e ninguém se preocupava mais com o oceano.

Coloquei o trabalho de Gravinski na prateleira - tendo o cuidado de respeitar a disposição por ordem alfabética - e dei com

uma fina brochura de Grattenstrom, um dos autores mais curiosos da literatura solarística. Eu conhecia aquele livro. Era um panfleto, ditado pela preocupação de compreender o que ultrapassa o homem, especificamente dirigido contra o indivíduo, o homem, a espécie humana - a obra abstrata e colérica de um autodidata, que havia antes dado uma série de contribuições, pouco banais, a certos temas marginais, extremamente especializados, da física quântica. Naquela brochura de uma quinzena de páginas - e, no entanto sua obra capital! - o polemista se esforçava em demonstrar que as realizações mais abstratas da ciência, as teorias mais orgulhosas, as mais altas conquistas matemáticas, só representavam um progresso ridículo, um ou dois passos para frente em relação à nossa compreensão pré-histórica, grosseira, antropomórfica do mundo a nossa volta. Procurando os correspondentes do corpo humano - as projeções dos nossos sentidos, da estrutura do nosso organismo, das condições fisiológicas que limitam o homem - nas fórmulas da teoria da relatividade, no teorema dos campos magnéticos, na parastática, nas hipóteses concernentes ao campo unificado do cosmo, Grattenstrom concluía que não havia possibilidade, jamais haveria, de qualquer "contato" do homem com uma civilização extra-humana. Nesse panfleto contra a humanidade, ele não fizera menção ao oceano vivo. Apesar disso, sentia-se sua presença constante nas entrelinhas, seu silêncio desdenhoso e triunfante. Pelo menos, havia sido essa a minha impressão ao estudar a brochura, que Gibarian me recomendara e que certamente havia acrescentado, de moto próprio, à coleção de obras clássicas da estação, pois o panfleto de Grattenstrom era considerado uma curiosidade e não um verdadeiro *solarianum*.

Com um sentimento estranho, vizinho do respeito, introduzi cuidadosamente a fina brochura entre os livros apertados da estante. Passei os dedos pela encadernação verde-bronzeada do Anuário de *Solaris*. Em pouco tempo havíamos, incontestavelmente, adquirido certezas relativas a algumas questões fundamentais, que fizeram correr rios de tinta e alimentado tantas discussões, que se

tornaram estéreis por falta de argumentos. Hoje, apesar do mistério nos envolver por todos os lados, temos argumentos de peso.

O oceano é uma criatura viva? E impossível continuar a duvidar, a menos que tenhamos prazer em mergulhar em paradoxos ou em contrariar. Tornou-se impossível negar as "funções psíquicas" do oceano - pouco importava o que o termo encobria exatamente. Era evidente, em todo caso, que o oceano nos "vira" muito bem... Esta única constatação invalidava as teorias solaristas que proclamavam ser o oceano um "mundo interior" - uma "vida reclusa" - privado, por processos involutivos, de órgãos de pensamento existentes antigamente, que ignorava a existência de objetos e fenômenos exteriores, prisioneiros de um turbilhão gigantesco de correntes mentais criadas e confirmadas nos abismos daquele monstro girando entre dois sóis.

Melhor ainda, havíamos descoberto que o oceano sabia reproduzir o que nunca tínhamos conseguido criar por síntese artificial - o corpo humano, um corpo humano aperfeiçoado, modificado na sua estrutura infra-atômica, a fim de servir a desígnios inconcebíveis.

O oceano vivia, pensava, agia. O "problema *Solaris*" não fora aniquilado pelo seu próprio absurdo. Tínhamos de enfrentar, quiséssemos ou não, uma criatura. O elo perdido não estava absolutamente perdido... isso era o que estava estabelecido de forma definitiva. De boa ou má vontade, os homens deviam levar em consideração aquele vizinho, do qual estavam separados por um vácuo de muitos trilhões de quilômetros e por anos-luz. Apesar disso, um vizinho situado dentro da nossa zona de expansão e mais perturbador que todo o resto do universo.

Tínhamos chegado, talvez, a um momento decisivo da história... Que medida seria tomada pelos altos escalões? Iriam determinar que renunciássemos, que voltássemos para a Terra imediatamente ou num futuro próximo, ou nos ordenariam que liquidássemos a estação? Nada disso era impossível ou, pelo menos, inverossímil. No entanto, eu não acreditava na fuga como solução. A

existência do colosso pensante não deixaria mais de atormentar os homens. Mesmo que o homem tivesse explorado os espaços cósmicos em todas as direções, mesmo que tivesse estabelecido relações com outras civilizações, fundadas por criaturas parecidas conosco, *Solaris* continuaria uma eterna provocação.

Descobri, perdido entre os grossos volumes do Anuário, um livrinho encadernado em couro. Examinei por um momento a capa usada: era um velho volume, a Introdução à solarística, de Muntius. Eu o lera numa noite. Gibarian, com um sorriso, me havia emprestado seu exemplar e, quando cheguei à palavra "Fim", a alvorada de um novo dia sobre a Terra iluminava minha janela. A solarística, escreveu Muntius, é o sucedâneo da religião da era cósmica. É uma fé disfarçada em ciência. O contato, esse objetivo solarístico, não é menos vago e obscuro que a comunhão dos santos ou à volta do Messias. A exploração é uma liturgia de acordo com as fórmulas da metodologia.

O humilde trabalho dos cientistas não passa da espera de uma realização, de uma Anunciação, pois não existem nem podem existir pontes entre *Solaris* e a Terra. A comparação se impõe de maneira evidente: os solaristas rejeitam os argumentos - nada de experiências comuns nem de noções transmissíveis - da mesma maneira que os crentes rejeitavam os argumentos que minavam os fundamentos da fé. Aliás, que podem esperar, que podem ter os homens de uma "ligação de informação" com o oceano vivo? Um catálogo de vicissitudes associadas a uma existência infinita no tempo e tão antiga que sem dúvida não tem lembrança de suas origens? Uma descrição de aspirações, de paixões, de esperanças e de sofrimentos, que se libertam com a criação crônica de montanhas vivas? A promoção da matemática à existência encarnada, a revelação da plenitude no isolamento e na renúncia? Mas tudo isso representa um conhecimento intransmissível. Transpostos para uma linguagem humana qualquer, os valores e significados pesquisados perdem toda a substância - não podemos fazer com que passem para o outro lado da barreira. Os "adeptos" não esperam, aliás, tais revelações - mais do campo da poesia que do da ciência - pois,

inconscientemente, é a revelação que eles esperam, uma revelação que lhes explicará o sentido do destino do homem! A solarística ressuscita mitos há muito tempo desaparecidos. Traduz nostalgias místicas, que os homens não ousam mais exprimir abertamente.

A pedra angular, profundamente enterrada nas fundações do edifício, é a esperança da redenção...

Incapazes de reconhecer essa verdade, os solaristas evitam com prudência toda interpretação do contato, apresentado em suas obras como um corolário, enquanto que a princípio as mentes lúcidas o consideravam como um começo, uma abertura, uma incursão por uma nova estrada entre muitas outras possíveis. com o passar dos anos, o contato foi santificado – tornou-se o céu da eternidade.

Muntius analisa com simplicidade e amargura essa "heresia" da planetologia. Desmonta brilhantemente o mito solarista, ou melhor, o mito da missão do homem.

Primeira voz discordante, a obra de Muntius chocou-se contra o silêncio desdenhoso dos cientistas, num momento em que estes ainda tinham uma confiança romântica no desenvolvimento da solarística. Como, na verdade, poderiam eles aprovar uma tese que demolia as bases dos seus trabalhos?

A solarística continua esperando quem restabeleça solidamente seus alicerces e fixe com rigor suas fronteiras. Cinco anos após a morte de Muntius, quando seu livro havia se tomado uma raridade para os bibliófilos - praticamente não existente, quer nas coleções de solariana, quer nas bibliotecas especializadas em filosofia - um grupo de pesquisadores noruegueses fundou uma escola com o nome do cientista. Ao contato com a personalidade dos seus diversos herdeiros espirituais, o pensamento sereno do mestre sofreu profundas transformações. Culminou na ironia corrosiva de Erle Ennesson e, num plano menos elevado, na "solarística utilitária" ou "utilitarística", de Phaeleng. Este recomendava o aproveitamento das vantagens imediatas que as explorações pudessem proporcionar, sem se preocupar com nenhuma comunhão intelectual das suas

civilizações, com nenhum contato utópico. Comparadas à análise implacável e límpida de Muntius, as obras de seus discípulos não passam de compilações, para não dizer simples trabalhos de vulgarização, com exceção dos tratados de Ennesson e talvez dos estudos de Takata. O próprio Muntius já havia exposto o desenvolvimento completo das concepções solaristas. Ele chamava a primeira fase da solarística de era dos "profetas", entre os quais incluía Giese, Holden e Sevada. Denominava a segunda fase de "grande cisma" - divisão da única igreja solarista numa multidão de capelas antagônicas. Previa uma terceira fase, que sobreviveria quando tudo tivesse sido explorado, e que se manifestaria por uma dogmática escolástica esclerosada. Essa previsão, todavia, devia se revelar inexata. Para mim, Gibarian tinha razão quando qualificava de simplificação monumental o ataque feito por Muntius, negligenciando tudo o que, na solarística, era o oposto de uma fé, uma vez que os trabalhos executados sem cessar só cuidavam da realidade material de um globo girando em torno de dois sóis.

Encontrei, no livro de Muntius, uma separata da revista trimestral *Parerga Solariana*, folhas amareladas, dobradas ao meio. Era um dos primeiros artigos de Gibarian, escrito antes mesmo de sua nomeação para dirigir o Instituto. O artigo, intitulado *Por que sou solarista*, começava por uma relação sucinta de todos os fenômenos materiais, justificando as chances de um contato. Gibarian pertencia à geração de investigadores que tinham a audácia de reatar com o otimismo da idade de ouro e não renegavam uma fé caracterizada, sobrepondo-se às fronteiras impostas pela ciência, fé concreta, pois significava o sucesso de esforços perseverantes.

Gibarian havia sofrido a influência dos trabalhos clássicos da bio-eletrônica, aos quais a escola eurásiana - de Cho Enmin, Ngyalla, Kawakadze - devia sua celebridade.

Aqueles estudos estabeleciam uma analogia entre o diagrama da atividade elétrica do cérebro e certas descargas que se produziam no seio do plasma antes do aparecimento, por exemplo, de polimorfos elementares ou de solarídios gêmeos. Gibarian

recusava as interpretações muito antropomórficas, todas as mistificações das escolas psicanalíticas, psiquiátricas, neurofisiológicas, que procuravam discernir no oceano sintomas de doenças humanas, entre outras a epilepsia (à qual diziam corresponder as erupções espasmódicas das assimetriádes), pois entre os defensores do contato, Gibarian era um dos mais prudentes e dos mais lúcidos e condenava as declarações sensacionalistas - cada vez mais raras, para sermos justos. Aliás, minha própria tese de doutorado havia provocado um interesse bastante discutível. Baseei-me nas descobertas de Bergmann e Reynolds, que haviam conseguido, numa série de processos muito variados, isolar e "filtrar" os componentes das emoções mais fortes - o desespero, a dor, a voluptuosidade. Eu havia comparado sistematicamente aqueles registros com as descargas de corrente emitidas pelo oceano e observado oscilações e notado curvas (em certas partes das simetriádes, na base dos mimóides em formação etc.) que revelavam uma analogia digna de atenção. Os jornalistas passaram imediatamente a falar em mim, sendo que certa imprensa começou a usar títulos grotescos, como "A gelatina desesperada" ou "Planeta em orgasmo". Essa notoriedade duvidosa teve, no entanto, um lado bom (era essa minha opinião ainda uns dias antes): chamara a atenção de Gibarian sobre mim - ele, é claro, não podia ler a totalidade das obras solaristas publicadas -, tendo eu recebido uma carta dele. Essa carta encerrava um capítulo da minha vida e ia iniciar um outro...

Os sonhos

Como não tivesse havido nenhuma reação depois de seis dias, decidimos repetir a experiência. Imobilizada até então no cruzamento do paralelo quarenta e três com o meridiano cento e dezesseis, a estação deslocou-se para o sul, planando a uma altitude constante de quatrocentos metros sobre o oceano. Nossos radares e os radiogramas do satelóide acusavam um reinício de atividade do plasma no hemisfério austral.

Durante quarenta e oito horas, um feixe invisível de raios-x, modulado pelo meu encefalograma, atacou a intervalos regulares a superfície quase lisa do oceano.

Ao fim dessas quarenta e oito horas de viagem, atingimos o limiar da região polar. O disco do sol azul desceu de um lado do horizonte e logo do lado oposto as arredondadas nuvens róseas anunciaram o nascer do sol vermelho. No céu, chamas cegantes e feixes de fagulhas verdes lutavam com relâmpagos púrpura ensurdecedores. O próprio oceano participava da luta dos dois astros, das duas bolas de fogo, inflamado de um lado por reflexos cor de mercúrio e do outro por reflexos escarlates. A menor nuvenzinha passando pelo céu acrescentava reflexos irisados à coroa de espuma das ondas. O sol azul acabara de desaparecer quando surgiu, nos confins do céu e do oceano, apenas visível, mergulhada em uma névoa sangrenta - mas imediatamente assinalada pelo detectores - uma gigantesca flor de vidro, uma simetriadé. A estação não modificou sua trajetória e ao fim de quinze minutos o colossal rubi palpitante de clarões moribundos escondeu-se outra vez no horizonte. Alguns minutos mais tarde, uma fina coluna, cuja base continuava escondida aos nossos olhos pela curvatura do planeta, elevou-se a uns milhares de metros. Aquela árvore fantástica, que continuava a crescer, escorrendo sangue e mercúrio, representava o fim da simetriadé. A quantidade de ramos no alto da coluna fundiu-se num enorme cogumelo, simultaneamente iluminado pelos dois

sóis, que foi carregado pelo vento. A parte inferior, inclinada, decompôs-se em pesados cachos e desfez-se devagar. A agonia da simetria durou uma hora inteira.

Decorreram mais quarenta e oito horas. Nossos raios já haviam varrido uma vasta extensão do oceano e, mais uma vez, renovamos a experiência. Pudemos ver claramente, do nosso posto de observação a trezentos quilômetros ao sul, uma cadeia de seis picos rochosos, cobertos de uma matéria semelhante a neve. Eram, na realidade, depósitos de origem orgânica, provando que aquela formação montanhosa havia sido, outrora, o fundo do oceano.

Dirigimo-nos depois para sudoeste. Durante certo tempo, costeamos a cadeia de montanhas, coroada de nuvens que se acumularam durante o dia vermelho, mas que depois desapareceram. Haviam passado dez dias desde a primeira experiência.

Aparentemente, não acontecia muita coisa na estação. Sartorius havia organizado o programa da experiência, de modo a ser repetido a intervalos por uma instalação automática, mas eu ignorava se havia alguém controlando o bom funcionamento da instalação. Na realidade, não havia tanta calma quanto parecia, mas a culpa não era das atividades humanas.

Temi que Sartorius tivesse a intenção de terminar a construção do aniquilador. E como reagiria Snow quando soubesse que eu, de certo modo, o havia enganado, havia exagerado os perigos aos quais nos expúnhamos tentando destruir a matéria neutrônica? Nenhum dos dois, porém, falou-me mais do projeto e eu ficava pensando sobre os motivos daquele silêncio. Eu tinha uma vaga desconfiança de que estavam escondendo alguma coisa e tentando me enganar - talvez estivessem trabalhando em segredo?

Eu ia todos os dias dar uma olhada na sala onde estava o aniquilador, local sem janelas, situado exatamente por baixo do laboratório principal. Nunca encontrei alguém naquele local. A camada de poeira que cobria a estrutura e os cabos testemunhava que o aparelho não era mexido havia semanas.

Aliás, não havia ninguém em lugar nenhum e não consegui mais me avistar com Snow. Quando tentei ligar com a sala do rádio, ninguém respondeu no videofone. Alguém devia certamente dirigir os movimentos da estação mas, quem? Eu não sabia e, estranho como possa parecer, achava que não era assunto de minha alçada. A falta de reação do oceano também me deixava indiferente. A tal ponto que, dois ou três dias depois, cessei de esperá-la ou de temê-la. Eu simplesmente havia esquecido por completo a experiência e suas possíveis reações. Ficava sentado dias inteiros na biblioteca ou no meu quarto. Rheyra, sombra discreta, fazia-me companhia. Eu sentia muito bem que havia um mal-estar entre nós e que minha apatia, esse estado de suspensão fora do pensamento, não podia durar de forma indefinida. Evidentemente, cabia-me tomar a iniciativa, dependia de mim uma mudança nas nossas relações. Mas eu repelia a idéia de qualquer mudança e estava incapaz de tomar uma decisão. Sentia que todas as coisas no interior da estação e, em particular, minhas relações com Rheyra, tinham a fragilidade de um andaime instável e que a menor modificação podia romper aquele equilíbrio perigoso e precipitar o desastre. De onde vinha essa impressão? Não tinha idéia. O mais estranho é que ela também tinha, de certa maneira, sentimento análogo. Quando, hoje, rememoro aqueles momentos, tenho a convicção de que aquela impressão de incerteza, de *sursis*, aquele pressentimento de uma catástrofe iminente, eram provocados por uma presença invisível, que se apossara da estação. Presença que eu creio poder afirmar que também se manifestara nos sonhos. Não tendo tido antes, nem depois, tais visões, decidi anotá-las, transcrevê-las tão fielmente quanto possível, na medida em que meu vocabulário me permitisse relatá-las, levando-se em conta que não passavam de idéias fragmentárias, quase inteiramente desprovidas de um horror impossível de transmitir.

Numa região indistinta, no coração da imensidade, longe do céu e da terra, sem chão sob meus pés, sem abóbada sobre minha cabeça, sem paredes, sem nada, sou prisioneiro de uma matéria estranha, meu corpo está untado por uma substância morta,

informe. Ou, melhor, não tenho mais corpo, sou essa própria matéria estranha. Manchas nebulosas, de um rosa pálido, me envolvem, suspensas num meio mais opaco que o ar, pois os objetos só se tornam claros quando ficam muito perto de mim. Mas aí, quando se aproximam, são de uma nitidez extraordinária, impõem-se a mim com uma precisão sobrenatural. A realidade de tudo o que me envolve tem, a partir desse instante, uma incomparável força de evidência material. (Ao acordar, tenho a impressão paradoxal de que acabo de deixar o estado de vigília e tudo o que vejo depois de ter aberto os olhos me parece nebuloso e irreal.)

E assim, portanto, que o sonho começa. Em torno de mim alguma coisa espera meu consentimento, meu acordo, minha aquiescência íntima e sei, ou melhor, qualquer coisa em mim sabe que não deverei ceder a uma tentativa desconhecida, pois mais o silêncio parece prometedora, mais terrível será o fim. Ou mais exatamente, nada sei a esse respeito, pois se soubesse teria medo e nunca senti qualquer medo. Espero. Um objeto invisível emerge da bruma rosada que me envolve, e me toca. Inerte, aprisionado por aquela matéria estranha que me aperta, não posso recuar, virar e aquele objeto invisível continua a me tocar, a auscultar minha prisão e sinto esse contato como o de uma mão e essa mão me recria. Até agora eu pensava ver, mas não tinha olhos e eis que tenho olhos! Sob os dedos que me acariciam com um movimento hesitante, meus lábios, minhas faces, saem, do nada, e a carícia aumenta, fazendo com que eu tenha um rosto, o ar enche meu peito e eu existo. E, recriado, crio por minha vez e diante de mim aparece um rosto que nunca vi, ao mesmo tempo desconhecido e conhecido. Procuro encontrar os olhos em frente a mim, mas é impossível, pois não posso impor nenhuma direção ao meu olhar e descobrimo-nos mutuamente, acima da vontade, num silêncio recatado. Torno a estar vivo, sinto em mim uma força ilimitada e essa criatura - uma mulher? - fica junto de mim e nos conservamos imóveis. Nossos corações batem, confundidos e, subitamente, do vácuo que nos envolve, onde nada existe nem pode existir, insinua-se uma "influência" de uma crueldade indefinível, inconcebível. A carícia que

nos criou, que nos envolveu num manto de ouro, transforma-se no formigar de milhares de dedos. Nossos corpos, brancos e nus, se dissolvem, se transformam num pulular de vermes escuros e sou - somos - uma massa de micróbios viscosos, misturados, uma massa sem fim, infinita, e nesse infinito - não! - eu sou o infinito e berro silenciosamente, imploro a morte, imploro um fim. Mas, ao mesmo tempo, espalho-me em todas as direções e a dor cresce em mim, um sofrimento mais vivo que qualquer outro sentido em estado de vigília, um sofrimento decuplicado, uma espada revolvendo os longínquos pretos e vermelhos, um sofrimento duro como a rocha e que cresce, montanha de dor visível, à luz ofuscante de um outro mundo.

Este é um sonho dos mais simples. Não posso contar os outros pela falta de palavras para exprimir o pavor. Nesses sonhos, eu ignorava a existência de Rheyra e não encontrava, aliás, qualquer traço de acontecimentos recentes ou antigos.

Havia também sonhos sem "imagens". Numa escuridão imóvel, uma sombra "coagulada", sinto que me auscultam, lentamente, minuciosamente, mas nenhum instrumento ou mão me toca. Apesar disso, sinto-me atravessado de um lado a outro, esfarelado, desagregado, não há mais que o vácuo e ao aniquilamento total sucede um terror, cuja recordação me faz ainda hoje o coração bater mais rápido.

E os dias se sucediam, monótonos, sempre iguais. Eu estava indiferente a tudo, só temia a noite e não sabia como escapar dos sonhos. Rheyra jamais dormia. Deitado ao lado dela, eu lutava contra o sono. Abraçava-a, beijava-a, envolvia-a em carícias. Minha ternura era apenas um pretexto, um meio de recuar o momento de adormecer...

Eu não havia contado a Rheyra aqueles horríveis pesadelos. Ela, porém, devia ter adivinhado alguma coisa, pois sua atitude traía involuntariamente um sentimento de profunda humilhação.

Como já disse, havia muito tempo que não via Snow nem Sartorius. Snow, no entanto, dava-me às vezes sinal de vida. Punha

um bilhete sob minha porta ou me chamava pelo videofone. Perguntava-me, então, se eu havia notado algum fenômeno novo, alguma mudança, qualquer coisa que pudesse ser interpretada como uma reação à experiência tantas vezes repetida. Eu respondia negativamente e fazia a mesma pergunta. No fundo da pequena tela, Snow se contentava em sacudir a cabeça.

No décimo quinto dia depois da cessação das experiências, acordei mais tarde que de costume. O pesadelo da noite me havia esgotado e senti um torpor em todos os membros, como se tivesse ficado muito tempo sob o efeito de um narcótico poderoso. Os primeiros raios do sol vermelho iluminaram a janela. Um rio de chamas purpurinas corria na superfície do oceano e constatei que aquela imensa extensão, que não fora perturbada por nenhum movimento nos dias anteriores, começava a se mexer. E, de repente, o oceano escuro ficou coberto por uma nuvem de bruma pálida, que parecia ter uma consistência palpável e que tremia aqui e ali. Depois, progressivamente, a vibração se estendeu em todas as direções, até o horizonte. Então, o oceano preto desapareceu por completo dentro de espessas membranas onduladas, que tinham protuberâncias rosadas e depressões de sombras nacaradas. Aquelas ondas estranhas, suspensas sobre o oceano, de repente misturaram-se com estrépito, transformando-se numa massa de espuma azul-esverdeada com enormes bolhas, erguida furiosamente por uma tempestade até a altura da estação. E, por todos os lados, nas imediações, surgiram imensas asas membranosas, sem qualquer semelhança com as nuvens que se atiravam para o céu vermelho. Algumas daquelas asas de espumas, que encobriam totalmente o sol, pareciam escuras como carvão. Outras, vistas de relance na luz, tinham matizes de cereja ou amarantho. E o fenômeno prosseguia, como se o oceano estivesse começando a mudar, a rejeitar uma velha pele escamosa. Durante um breve instante, a superfície preta do oceano brilhava numa abertura imediatamente coberta de espuma. Asas espumosas planavam bem perto de mim, a alguns metros da janela e uma delas, qual estola sedosa, roçou a vidraça. E, enquanto o oceano continuava a engendrar aqueles pássaros

estranhos, os primeiros bandos se dissipavam no céu alto e se decompunham no zênite, em filamentos transparentes.

A estação ficou imóvel enquanto durou o espetáculo, mais ou menos três horas, ou seja, até o cair da noite. E mesmo depois de o sol ter desaparecido, quando as sombras já cobriam o oceano, ainda se via o tom avermelhado de miríades de asas estraçalhadas que mergulhavam no céu, planando em filas cerradas, subindo sem esforço, aspiradas pelo firmamento.

O fenômeno deixou Rheyá apavorada e para mim também era desconcertante. Sua novidade não devia, aliás, me perturbar, pois os solaristas observavam, duas ou três vezes por ano - e mesmo mais freqüentemente, quando a sorte os favorecia -, formas e criações que nenhum catálogo havia registrado antes.

Na noite seguinte, uma hora depois do sol azul nascer, assistimos a outro fenômeno: o oceano começou a ficar fosforescente. Manchas de luz cinzenta balançavam ao ritmo de ondas invisíveis. Essas manchas, a princípio isoladas, espalharam-se e tornaram a se juntar com rapidez, vendo-se imediatamente um tapete de luz espectral estender-se a perder de vista. A intensidade da luz aumentou progressivamente durante uns quinze minutos e logo o fenômeno terminou de maneira surpreendente. Vinda do oeste, uma capa de sombra avançou numa largura de muitas centenas de milhas. Quando essa sombra móvel ultrapassou a estação, a parte fosforescente do oceano, recuando para leste, pareceu querer fugir do gigantesco apagador de velas. Parecia uma aurora à deriva, repelida até o horizonte, ao qual cingiu com um último halo.

E a noite triunfou. Um pouco mais tarde, o sol subiu sobre o oceano deserto, enrugado por algumas ondas imóveis, cujos reflexos prateados atingiam a janela.

A fosforescência do oceano era um fenômeno catalogado, observado às vezes antes da erupção de uma simetriáde e que, de toda maneira, significava um aumento local da atividade do plasma. No entanto, no correr das duas semanas seguintes, nada aconteceu,

nem no exterior nem no interior da estação. Uma vez, no entanto, no meio da noite, ouvi um grito enorme, supra-humano, agudo e prolongado. Arrancado de um pesadelo, acreditei primeiro que um sonho havia sucedido a outro. Antes de adormecer, havia escutado ruídos surdos em cima do meu quarto. Parecera-me que mudavam objetos de lugar, talvez os grandes aparelhos. E, quando vi que não estava sonhando, pensei que o grito também vinha lá de cima. Mas, como aquele grito tão estridente pudera atravessar um teto à prova de som? O ulular atroz durou quase meia hora.

Banhado em suor, com os nervos em ponta, estava quase decidido a subir quando o grito parou e ouvi novamente o arrastar abafado, longínquo, de objetos pesados.

Dois dias mais tarde, Snow entrou na minha cozinha quando eu estava jantando com Rheyra. Estava vestido como na Terra depois de um dia de trabalho e aquela roupa nova o tornava diferente. Parecia mais alto e também mais velho. Sem nos olhar, aproximou-se da mesa e, de pé, abriu uma lata de carne e começou a comer, alternando um pedaço de pão com dentadas de carne fria. A manga do paletó roçava a beira da lata e ficou suja de gordura.

- Cuidado com a manga! - falei.

Com a boca cheia, Snow resmungou:

- Hein?

Depois continuou a engolir a comida como se não comesse havia dias, encheu um copo de vinho, esvaziou-o de uma vez, deu um suspiro e limpou os lábios.

Olhou-me com os olhos injetados de sangue e murmurou:

- Você não se barbeia mais? Ah, ah...

Rheyra amontoou a louça na pia. Snow balançava-se nos calcanhares, fazendo caretas e chupando ruidosamente os dentes. Tive a impressão de que ele exagerava aquele barulho de propósito.

Olhou-me com insistência.

- Você resolveu não fazer mais a barba?

- Olhe - acrescentou -, você está errado! Ele também começou por não fazer mais a barba...

- Vá dormir!

- O quê? Estou com vontade de conversar um pouco. Ouça, Kelvin, talvez ele goste de nós... Talvez queira nos agradecer, mas não sabia exatamente como. Ele lê os desejos nos nossos cérebros e apenas dois por cento dos processos nervosos são conscientes. Por consequência, ele nos conhece melhor que nós a nós mesmos. É preciso que nos entendamos com ele. Você está ouvindo? Você não quer? Por que... - começou a choramingar -, por que você não faz a barba?

- Cale a boca!... Você está bêbado.

- Bêbado, eu? E daí? Pelo fato de eu andar de um lado para outro do espaço, cavoucando pelo cosmo, não terei o direito de me embebedar? Por quê? Você acredita na missão do homem, hein, Kelvin? Gibarian falou-me sobre você antes de deixar crescer a barba... Ele descreveu você muito bem... Não vá nunca ao laboratório, pois você perderá a fé. O laboratório é o domínio de Sartorius, nosso Fausto ao contrário... Ele está procurando um remédio contra a imortalidade! E o último cavaleiro do Santo Contato, o homem de quem precisamos... Seu achado mais recente também não era muito ruim... a agonia prolongada. Nada mau, hein? Agonia perpétua... da palha... dos chapéus de palha... você não bebe, Kelvin?

Ergueu as pálpebras inchadas e olhou para Rheya, que estava imóvel, encostada na parede.

Snow começou a declamar:

- "Ó branca Afrodite, nascida do oceano, tua mão divina..."

Engasgou-se rindo.

- Fica bem, não é Kel... vin...

Um acesso de tosse impediu-o de continuar.

Calmo, com uma raiva contida, falei:

- Cale a boca e suma!

- Você está me expulsando? Você também? Não faz mais a barba e me expulsa! Não quer mais meus conselhos, minhas advertências? É preciso que companheiros interestelares se ajudem! Olhe, Kelvin, vamos descer, abrir as vigias e gritar! Talvez ele nos ouça. Mas como é o nome dele? Demos nomes a todas as estrelas e planetas, embora eles talvez já o tivessem... Que audácia a nossa! Venha, vamos descer! Vamos gritar, explicar-lhe como nos fez mal e ele ficará comovido... Construirá para nós simetrias de prata, elevará para nós suas orações matemáticas, nos enviará anjos cor de sangue. Participará de nossas dores e terrores e nos suplicará que o ajudemos a morrer. Já está nos suplicando ou implorando... em cada uma de suas manifestações ele nos implora que o ajudemos a morrer. Você não acha graça? No entanto, sabe que estou brincando! Se o homem tivesse um senso de humor mais apurado, talvez as coisas fossem diferentes. Sabe o que ele quer fazer? Quer punir o oceano, quer levá-lo a berrar através de todas as suas montanhas ao mesmo tempo... Pensa que ele não terá coragem de submeter esse plano à aprovação do cenáculo esclerosado que nos mandou para cá, como redentores de culpas que nos são estranhas? Você tem razão... Ele está com medo. Só tem medo do chapeuzinho. Não o mostrará a ninguém. E não tem coragem, o nosso Fausto...

Continuei calado. Snow balançava-se cada vez mais depressa. As lágrimas escorriam pelo seu rosto e caíam-lhe na roupa.

- Quem é responsável? - prosseguiu. - Quem é responsável por esta situação? Gibarian? Giese? Einstein? Platão? São todos criminosos... Pense um pouco num foguete, um homem corre o risco de arrebentar como uma bolha, ser petrificado, assado ou suar todo seu sangue de um jato, sem ter tempo de gritar, sobrando apenas ossos que rodopiam dentro das paredes blindadas, segundo as leis de Newton, corrigidas por Einstein, essas matracas do progresso! Seguimos, de coração aberto, a rota maravilhosa e chegamos aqui... Contemple nosso sucesso, Kelvin, contemple nossos alojamentos,

estes pratos inquebráveis, estas pias imortais, esta legião de armários fiéis, estes devotados guarda-comidas! Se eu não estivesse bêbado, não falaria assim, mas alguém acabaria falando. Alguém deveria falar? Você fica sentado aí, como um menino no matadouro, e deixa a barba crescer... De quem é a culpa? Você mesmo tem de achar a resposta!

Virou-se lentamente e saiu. Chegando ao batente da porta, teve de se agarrar para não cair. E depois, o eco de seus passos ressoou no corredor.

Evitei olhar para Rheyra. Mas, apesar disso, nossos olhos se encontraram de repente. Quis me levantar, tomá-la nos braços, acariciar-lhe os cabelos. Não me mexi.

Vitória

PASSARAM-SE três semanas. Os protetores das janelas baixavam e levantavam em horas fixas. De noite, eu era prisioneiro dos meus pesadelos. E cada manhã a comédia recomeçava. Mas seria uma comédia? Eu aparentava calma e Rheyra fazia o mesmo. Enganávamo-nos mutuamente, conscientemente, e essa concordância servia à nossa fuga derradeira: falávamos do futuro, da nossa vida na Terra, da nossa instalação nos arredores de uma grande cidade. Não deixaríamos mais a Terra e passaríamos o resto da nossa existência sob o céu azul e entre as árvores verdes. Imaginávamos juntos a disposição da casa, o traçado do jardim, brigávamos por causa de minúcias, como a localização de uma sebe ou de um banco... Seria eu sincero? Não. Eu sabia que nossos projetos eram impossíveis. Eu o sabia. Pois mesmo se Rheyra pudesse deixar a estação e sobreviver à viagem, como poderia eu atravessar os controles com um passageiro clandestino? A Terra só acolhe os humanos e todo ser humano deve ter os documentos em ordem. Rheyra seria detida no primeiro posto para provar sua identidade. Seríamos separados e Rheyra imediatamente se trairia. A estação era o único lugar onde podíamos viver juntos. Rheyra saberia disso? Certamente. Alguém lhe dissera?

Sim, provavelmente...

Certa noite, ouvi Rheyra levantar de mansinho. Quis segurá-la - no escuro e no silêncio, acontece-nos por vezes livrarmo-nos por um momento do desespero, fugir à tortura pelo esquecimento. Rheyra não havia notado que eu tinha acordado. Quando estendi o braço, ela já estava em pé. Caminhou, descalça, para a porta.

Senti uma angústia indefinida. Sem ousar levantar a voz, falei:

- Rheyra...

Sentei-me na cama. Rheya havia saído, deixando a porta entreaberta. Uma fina réstia de luz cortava obliquamente o quarto. Pensei ter ouvido cochichos. Rheya falava com alguém... com quem?

Pulei da cama, mas um terror louco apossou-se de mim e minhas pernas fraquejaram. Prestei atenção, mas não ouvi mais nada. Tornei a cair sobre os lençóis. O sangue latejava na minha cabeça. Comecei a contar. Quando cheguei a mil, a folha da porta se abriu. Rheya entrou, fechou silenciosamente a porta e ficou imóvel durante um momento. Procurei respirar normalmente.

- Kris! - ela falou baixinho.

Não respondi.

Rheya deslizou com rapidez para debaixo dos lençóis e se estendeu a meu lado, procurando não encostar em mim. Não me mexi. Comecei a formular mentalmente uma série de perguntas, mas recusei-me a ser o primeiro a falar. Durante quanto tempo fiquei assim, fazendo perguntas mudas? Talvez uma hora. Depois adormeci.

A manhã foi igual a tantas outras. Eu ficava observando Rheya de modo furtivo. Não notei qualquer mudança em seu comportamento. Depois do almoço, sentamos em frente à grande janela panorâmica. A estação vagava entre nuvens avermelhadas. Rheya lia um livro. Olhando fixamente para frente, descobri de repente que, inclinando a cabeça num determinado ângulo, eu via nosso duplo reflexo na vidraça.

Tirei a mão do corrimão. Rheya não desconfiou de que eu a estava observando. Atirou-me um olhar e, pela minha posição, pensou evidentemente que eu estava contemplando o oceano. Então se inclinou para o corrimão e beijou o lugar onde minha mão estivera pousada. Um momento depois, estava lendo outra vez.

- Rheya - perguntei calmamente -, aonde foi você na noite passada?

- Na noite passada?

- É.

- Você... você sonhou, Kris, não fui a lugar nenhum.

- Você não saiu?

- Não... você deve ter sonhado.

-Talvez... É, devo ter sonhado...

De noite, voltei a falar de nossa viagem, de nossa volta à Terra.

Rheya me interrompeu.

- Não me fale mais dessa viagem, Kris! Não quero mais ouvir falar dela. Você sabe muito bem...

- O quê?

- Não, nada.

Quando fomos dormir, ela me disse que estava com sede.

- Há um copo de refresco lá na mesa, você quer apanhá-lo?

Ela bebeu a metade do copo e depois estendeu-o para mim, mas eu não estava com sede.

Rheya sorriu.

- Beba à minha saúde!

Bebi o refresco, que me pareceu um tanto salgado, mas estava pensando em outra coisa.

- Rheya...

Ela acabara de apagar a luz.

- Rheya, já que você não quer falar mais da nossa viagem, falemos de outra coisa!

- Se eu não existisse, você se casaria?

- Não.

- Nunca?

- Nunca.

- Por quê?

- Não sei. Fiquei sozinho durante dez anos e não casei outra vez. Vamos mudar de assunto, querida...

Minha cabeça rodava como se eu tivesse bebido vinho demais.

- Não, vamos continuar! E se eu pedisse?

- Para eu casar? Que idéia absurda, Rhey! Não preciso de ninguém a não ser de você!

Ela inclinou-se sobre mim e sua respiração atingiu meus lábios. Abraçou-me com força.

- Diga de outra forma!

- Eu a amo!

Sua cabeça pousou no meu braço e senti que ela chorava.

- Rhey, que é que você tem? - perguntei.

- Nada... nada... nada... - repetiu, cada vez mais baixo.

Meus olhos começaram a se fechar.

Fui acordado pela aurora vermelha. Senti a cabeça pesada e o pescoço duro como se as vértebras tivessem sido soldadas. Tinha a língua grossa e a saliva amarga. Que teria me envenenado? Estendi o braço na direção de Rhey, mas minha mão apalpou um lençol frio.

Ergui-me de um salto.

Eu estava só, só na cama, só na cabina. A vidraça curva refletia uma fileira de sóis vermelhos. Pulei para o chão. Cambaleando como um bêbado, agarrando-me aos móveis, cheguei ao armário de porta corredeira. O banheiro estava vazio. O vestíbulo também estava deserto. Não havia ninguém na oficina.

- Rhey!

Sacudindo os braços, corri para todos os lados, gritando por ela. Berrei pela última vez. -

- Rheyá!

Tive um estrangulamento: eu já conhecia a verdade...

Não me lembro direito do que aconteceu em seguida. Meio nu, corri a estação de ponta a ponta. Se não me engano, fui até mesmo à central de refrigeração, cujos depósitos examinei. Dei murros nas portas aferrolhadas. Afastei-me e depois me atirei contra portas que já me haviam resistido. Despenquei pelas escadas, caí, levantei, precipitei-me para não sei onde, para a frente... Uma parede de vidro deslizou. Eu havia chegado à dupla porta blindada que dava para o oceano. Tentei abri-la. Eu dava gritos, com a esperança de estar sonhando. Havia já um instante que alguém estava a meu lado, agarrando-me, arrastando-me...

Quando dei por mim, estava deitado numa mesa de metal, na pequena oficina. Eu ofegava. Vapores de álcool queimavam minhas narinas e garganta. Minha camisa estava empapada de água gelada e eu tinha os cabelos colados na cabeça.

Snow estava junto do armário de medicamentos, mexendo nos instrumentos e utensílios de vidro, que se chocavam com um barulho insuportável.

Subitamente, vi-o inclinado sobre mim, olhando-me com ar sério.

- Onde está ela?

- Não está aqui.

- Mas... Rheyá...

Snow curvou-se mais, aproximou o rosto do meu e disse, pausadamente, claramente:

- Rheyá morreu.

- Ela voltará...

Eu não temia a volta dela, desejava-a. Não conseguia entender por que, um dia, eu mesmo havia tentado expulsá-la, por que havia tido tanto medo de vê-la voltar!

Snow deu-me um copo.

- Vamos, beba isto!

Estava em pé, dominando-o com a minha estatura. Ele era tão pequeno...

- E você!

- Que história é essa?

- Deixe disso, você sabe de que estou falando! Foi você que ela encontrou na outra noite... e você mandou-a dar-me um soporífero. Que aconteceu a ela? Conte!

Snow meteu a mão no bolso da camisa e tirou um envelope. Arranquei-o das mãos dele. Estava fechado e sem endereço. Rasguei-o e apanhei uma folha de papel dobrada em quatro.

Reconheci a letra grande e irregular, um tanto infantil.

Meu querido, fui eu quem pediu a ele. Ele é bom. Lamento ter sido obrigada a mentir para você. Peço-lhe que me faça um favor, só um, o de ouvi-lo e, principalmente, não se torture. Você foi maravilhoso.

Havia uma última palavra, riscada, mas que pude entender. Ela havia assinado Rheyra. Li e reli a carta.

Eu readquirira toda minha lucidez e não ia começar a dar gritos histéricos. Aliás, não tinha mais voz, nem mesmo para gemer.

Finalmente, consegui murmurar:

- Como... Como?

- Depois, Kelvin. Fique calmo!

- Estou calmo. Fale! Como?

- Por aniquilação.

- O aparelho de Roche não convinha. Sartorius construiu outro, um novo desestabilizador. Um aparelho-miniatura, do alcance de poucos metros.

- E ela...

- Ela desapareceu. Um relâmpago e um sopro. Um pequeno sopro de ar, e pronto.

- Um aparelho de pequeno alcance...

- Sim, não tínhamos com que construir um grande.

As paredes inclinavam-se para mim. Fechei os olhos.

- Mas... Rheyra... ela voltará...

- Não.

- Como você sabe?

- Não, Kelvin, ela não voltará. Você se lembra daquelas asas de espuma que subiam? Desde aquele dia não voltaram.

- Não?

- Não.

- Você a matou... - falei baixinho.

- Matei... Se você fosse eu, faria outra coisa?

Voltei-lhe as costas e comecei a andar pela oficina. Nove passos rápidos de uma parede à outra. Volta. Outros nove passos, mais depressa ainda.

Parei na frente de Snow.

- Olhe, vamos escrever um relatório. Pediremos uma ligação imediata com o Conselho. Não é difícil. Eles concordarão, têm de concordar. O planeta não continuará submetido à Convenção dos Quatro. Todos os meios serão permitidos. Mandaremos vir geradores de antimatéria. Você acha que existe algum corpo capaz de resistir à antimatéria? Não há! Nada resiste à antimatéria, nada, nada, nada!

Eu estava gritando e as lágrimas me cegavam.

- Você quer destruir o planeta? Por quê?

- Vá embora, me deixe!

- Não, não vou.

- Snow! Olhei-o duramente e sacudi a cabeça. - Que é que você quer? - prossegui. - Que é que você exige de mim?

Snow recuou para junto da mesa.

- Está bem, escreveremos um relatório.

Recomecei a andar.

- Sente-se! - ordenou-me ele. .

- Me deixe em paz!

- Há duas coisas diferentes. Em primeiro lugar, os fatos e, em segundo, os desejos.

- E temos de falar disso agora?

- Sim, agora.

- Não me interessa. Entendeu? Suas diferenças não me interessam.

- Enviamos nosso último comunicado há mais ou menos dois meses. Logo antes da morte de Gibarian. Era preciso estabelecer exatamente o processo de aparição...

Peguei o braço dele.

- Vai calar a boca ou não?

- Pode me bater, se quiser, mas não calarei a boca.

Larguei-o.

- Oh, fale à vontade...

- Bem, ouça!... Sartorius tentará esconder certos fatos... tenho quase certeza...

- E você, não vai esconder nada?

- Não, não agora. Este assunto está acima dos interesses pessoais. Você sabe muito bem que eu... "Ele" deu provas de atividade reflexiva. E capaz de operar uma síntese orgânica no mais elevado nível, uma síntese nunca conseguida por nós. Ele conhece a estrutura, a microestrutura, o metabolismo do nosso corpo...

- De fato... Por que você parou? Ele fez conosco uma série... uma série de experiências. Vivisecação psíquica. Utilizou conhecimentos roubados de nós, sem levar em conta nossas aspirações.

- Kelvin, você não está apresentando fatos nem proposições. Apenas hipóteses. De uma certa maneira, ele levou em conta os desejos escondidos num recanto secreto das nossas mentes. Talvez nos tenha mandado... presentes.

- Presentes! Meu Deus!

Um riso incontrolável me sacudiu e eu urrava de tanto rir.

Snow pegou minha mão. :

- Acalme-se!

Apertei-lhe os dedos e ouvi os ossos estalarem. Impassível, com as pálpebras franzidas, ele enfrentava meu olhar. Afastei-me e fui para um canto da oficina.

De rosto para a parede, disse:

- Vou procurar me controlar.

- Hum, claro... compreendo. Que vamos pedir a ele?

- Você é quem sabe... Estou incapaz de me concentrar... Ela disse alguma coisa... antes?

- Não, nada. Se você quer minha opinião, temos uma chance a partir de agora.

- Uma chance? Que chance? Uma chance de... Ah... Tornei a encará-lo e subitamente compreendi:

- O contato? Ainda o contato? Você não acha que basta esta casa de loucos? Que é que você quer mais... O contato? Não, não e não, não conte comigo!

- Por que não? - respondeu Snow, calmamente. - Você mesmo, instintivamente e agora mais que nunca, trata-o como a um ser humano. Você o odeia.

- E você não?

- Não, Kelvin, não... Ele é cego...

- Cego? - repeti.

Pensei não ter entendido.

- Ou, melhor, ele "vê" de maneira diferente. Não existimos para ele da mesma maneira que existimos uns em relação aos outros. Nós reconhecemos uns aos outros pelo aspecto do rosto, do corpo... Para ele, essa aparência é uma vidraça translúcida. Ele vai direto ao interior do cérebro.

- Bem, e então? Aonde você quer chegar? Se ele conseguiu recriar um ser humano que existe apenas na minha memória e de tal maneira que seus gestos, sua voz... sua voz...

- Continue! Fale!

- Eu falo... eu falo... A voz... a voz... porque ele é capaz de ler em nós como num livro... Você sabe o que quero dizer?

- Sei, quer dizer que ele poderia se entender conosco.

- Não é evidente?

- Não. Não é nada evidente. Talvez ele use uma fórmula de fabricação não expressa por palavras. Como registro gravado na memória, essa fórmula apresenta-se sob a forma de uma estrutura protéica, comparável a um zoosperma ou a um ovo. No cérebro não há palavras nem sentimentos. A memória do homem é um catálogo redigido em termos de ácidos nucléicos sobre cristais assíncronos de grandes moléculas. "Ele" trouxe à tona a impressão mais profunda, mais isolada, mais "assimilada", sem necessidade de saber o que ela

significa para nós. Admitamos que eu seja capaz de reproduzir a arquitetura de uma simetriadê, que eu conheça os meios tecnológicos de operar com eficácia... Crio uma simetriadê e jogo-a no oceano. Mas não sei por que agi assim, não sei para que ela serve, não sei o que ela significa para ele...

- É - respondi -, talvez você tenha razão. Nesse caso, ele não quer nos fazer mal, nem tenta nos destruir... Sim, é possível. E sem nenhuma intenção...

Meus lábios começaram a tremer.

- Kelvin!

- Está bem, não se preocupe! Você é bom e o oceano é bom. Todo mundo é bom. Mas, por quê?... Explique-me! Por que, por que ele fez isso? Que é que você disse... a ela?

- A verdade.

- A verdade, a verdade!... Qual?

- Você sabe muito bem... Venha, vamos escrever o relatório! Venha!

- Espere! Que é que você quer exatamente? Apesar de tudo, você tem a intenção de ficar na estação?

- Sim, quero ficar.

O velho mimóide

SENTADO em frente à janela, fiquei olhando o oceano. Não tinha nada para fazer. O relatório, escrito em cinco dias, era agora um feixe de ondas que viajava no vácuo, em algum lugar da constelação de Orion. Quando atingisse a escura nebulosa, que absorve todos os sinais e os raios luminosos numa massa de oito quatrilhões de milhas cúbicas, nosso relatório seria recolhido pela primeira antena de uma cadeia de relês. Então, descrevendo um arco gigantesco, pulando de uma baliza de rádio para outra, dando saltos de bilhões de quilômetros, o relatório chegaria finalmente ao último relê, bloco metálico carregado de instrumentos de precisão. E o bico alongado da antena de retransmissão captaria o feixe de ondas, concentrando-o, para relançá-lo no espaço, na direção da Terra. Passariam meses e depois um feixe de energia semelhante, partido da Terra, cavaria um sulco de perturbações no campo de gravitação da galáxia. Chocando-se frontalmente com a nuvem cósmica, prosseguiria seu caminho sem perda de velocidade, ampliado pela longa cadeia de balizas livres que o orientariam para os dois sóis de *Solaris*.

Sob o sol vermelho, o oceano estava mais preto que nunca. Uma névoa avermelhada cobria o horizonte. O tempo, excepcionalmente quente, parecia anunciar um daqueles terríveis furacões que se formavam duas ou três vezes por ano na superfície do planeta, cujo único habitante – assim supomos - controlava o clima e ordenava as tempestades.

Ainda ficaria ali durante meses. Do alto do meu observatório, contemplaria o nascimento dos dias - disco de ouro branco ou de púrpura desmaiada. As vezes surpreendia os raios da aurora brincando entre as formas fluidas de algum edifício surgido do oceano, via o sol refletir-se na bolha prateada de uma simetriadé. Seguia com o olhar as oscilações dos graciosos ágilus, que se

curvam sob o vento e me demorava examinando os velhos mimóides empoeirados.

E um dia, as telas de todos os videofones começariam a piscar. Todos os aparelhos de sinalização, adormecidos havia muito tempo, voltariam à vida, reanimados por um impulso emitido a centenas de bilhões de quilômetros, anunciando a chegada de um colosso de metal, que desceria em nossa direção envolto no ruído ensurdecedor dos seus gravitadores. Seria a *Ulisses*, ou a *Prometheus*, ou qualquer outra nave cósmica. Eu sairia para o telhado plano da estação, pelo alçapão. Veria, então, batalhões de autômatos compactos, de capacetes brancos, criaturas estranhas ao pecado original, que na sua inocência iam ao fim de suas tarefas, não hesitando em se destruir ou destruir o obstáculo imprevisto, obedecendo estritamente às ordens registradas pelos cristais da sua memória. Depois, mais veloz que o som, a nave se elevaria sem ruído, produzindo, lá atrás, acima do oceano, uma salva de detonações. E os rostos de todos os passageiros se iluminariam à idéia da volta para casa.

A volta para casa... Que significava aquilo para mim? A Terra? Pensei nas grandes cidades superpovoadas, barulhentas, onde eu me perderia e não saberia o que fazer.

Pensava naquelas cidades como pensei no oceano na segunda ou terceira noite, quando quis me atirar nas ondas escuras. Eu me afogaria entre os homens. Seria taciturno e atento - uma companhia apreciada. Teria muitas relações, amigos, mulheres - talvez mesmo uma mulher. Durante um certo tempo, teria de me esforçar para sorrir, inclinar-me cumprimentando e endireitar-me para executar os mil pequenos gestos que compõem a vida na Terra, esperando que todos esses gestos se transformassem em reflexos. Encontraria novos interesses, novas ocupações, aos quais me entregaria totalmente. Não, nunca mais me entregaria totalmente a nada e a ninguém. E, de noite, talvez olhasse na direção da nebulosa escura, cortina preta velando os raios dos dois sóis. E me lembraria de tudo, mesmo do que estou pensando agora. Com um sorriso condescendente, misturado com um pouco de pena, lembraria

minhas loucuras e esperanças. E aquele Kelvin do futuro não valeria menos que o Kelvin do passado, pronto a tudo em nome de um projeto ambicioso, denominado contato. E ninguém teria o direito de me julgar.

Snow entrou na cabina. Deitou uma olhada circular e depois me encarou. Levantei-me e fui para junto da mesa.

- Você precisa de mim?

- Não tem nada para fazer? - perguntou. - Posso-lhe arranjar trabalho... alguns cálculos. Oh, não é trabalho urgente...

Sorri.

- Obrigado, não se incomode.

Snow olhou pela janela.

- Tem certeza?

-Tenho... Fico pensando numa porção de coisas e...

- Preferia que você pensasse um pouco menos.

- Mas você não sabe em que eu penso! Diga... você crê em Deus?

Ele olhou-me com o ar preocupado.

- O quê?... Quem, hoje, ainda crê?...

Adotei um ar desvolto.

- Não é assim tão simples. Não se trata do Deus tradicional das religiões da Terra. Não sou especialista em história das religiões e talvez não tenha inventado nada. Você sabe, por acaso, se alguma vez existiu um deus... imperfeito?

Snow franziu as sobrancelhas.

- Imperfeito? Que é que você quer dizer? De uma certa forma, os deuses de todas as religiões eram imperfeitos, carregados apenas de atributos humanos ampliados. O Deus do Velho Testamento, por exemplo, exigia uma humilde submissão e sacrifícios e tinha ciúme dos outros deuses... Os deuses gregos, com seu temperamento

belicoso, suas brigas de família, eram tão imperfeitos quanto os homens.

- Não - interrompi -, não estou pensando num deus cuja imperfeição seja o produto da candura das criaturas humanas, mas cuja imperfeição represente a característica fundamental, imanente. Um deus limitado na sua onisciência e poder, falível, incapaz de prever as conseqüências dos seus atos, criando fenômenos que engendram horror. É um deus... inválido cujas ambições ultrapassam suas forças e que não percebe isso imediatamente. Um deus que criou os relógios, mas não o tempo que eles marcam. Criou sistemas ou mecanismos, servindo objetivos definidos, que ultrapassaram esses fins ou os traíram. E que criou a eternidade, que deveria ser a medida da sua potência, mas que é a medida da sua infinita derrota.

Snow hesitou, mas já não havia na sua atitude a reserva desconfiada com que me tratava nos últimos tempos.

- Maniqueísmo, antigamente...

- Não é nada em comum com o princípio do Bem e do Mal! - atalhei imediatamente. - Esse deus não existe fora da matéria, gostaria de se libertar, mas não pode...

Snow pensou um instante.

- Não conheço nenhuma religião igual. Essa espécie de religião nunca foi... necessária. Se entendi direito, e acho que sim, você imagina um deus evolutivo, que se desenvolve no tempo, cresce e não cessa de aumentar sua força ou tomar consciência da sua impotência? Para esse deus, a condição divina é uma situação sem saída e, tendo compreendido essa situação, entra em desespero. Sim, mas o deus desesperado não será o homem, meu caro Kelvin? Você está falando do homem... e essa não é apenas uma péssima filosofia, é também uma péssima mística.

- Não, não se trata do homem - teimei. - E possível que, por certos aspectos, o homem corresponda a essa definição transitória, mas isso acontece porque ela tem muitas lacunas. O homem, apesar das aparências, não cria fins para si mesmo. O tempo, a época, se

encarrega de impô-los. O homem pode servir sua época ou se revoltar, mas o objeto ao qual dedica suas atenções, ou contra o qual se revolta, lhe é dado do exterior. Se existisse apenas um homem, ele poderia aparentemente tentar a experiência de se atribuir fins com toda liberdade - aparentemente, pois o homem que não foi educado entre os outros homens não pode se tornar um homem. E aquele... aquele a respeito de quem estou pensando... não pode existir no plural, compreende?

Snow apontou para a janela.

- Ah - disse ele - então...

- Não, ele também não. No decorrer do seu desenvolvimento, ele sem dúvida roçou o estado divino, mas fechou-se dentro de si mesmo imediatamente. Será talvez um anacoreta, um eremita do cosmo, mas não um deus... Ele se repete e aquele em quem estou pensando jamais se repetirá. Talvez já tenha nascido em algum lugar, em algum recanto da galáxia e breve, tomado de um entusiasmo juvenil, começará a extinguir estrelas e acender outras... Dentro de certo tempo iremos tomar conhecimento dele...

- Já o fizemos - respondeu Snow, com tom amargo. - As novas e supernovas... segundo você, serão as velas do seu altar?

- Se você interpretar literalmente o que acabo de dizer...

- E *Solaris* talvez seja o berço do seu bebê divino - acrescentou Snow, com um sorriso que ampliava as rugas em torno dos seus olhos. - *Solaris* talvez seja o primeiro estado do deus desesperado... sua inteligência talvez vá se desenvolver imensamente... Todo o conteúdo de nossas bibliotecas de solarística talvez não passe de um catálogo dos seus vagidos infantis...

- E durante algum tempo - continuei - teremos sido os chocalhos desse bebê! É possível. E sabe o que você acaba de fazer? Você criou uma hipótese completamente nova sobre o tema *Solaris*, meus parabéns! Tudo passa a ficar imediatamente claro, tudo passa a ter explicação, a impossibilidade de se estabelecer um contato, a falta de respostas, certas... digamos, certas extravagâncias no

comportamento dele com relação a nós, tudo se explica pela psicologia de um garotinho...

Em pé diante da janela, Snow resmungou:

- Renuncio à paternidade da hipótese...

Ficamos bastante tempo olhando as ondas escuras. Uma mancha pálida, alongada, desenhava-se à leste, na névoa que cobria o horizonte. Sem despregar os olhos do deserto cintilante, Snow perguntou de repente:

- Onde você foi buscar essa idéia de um deus imperfeito?

- Não sei. Acho-a muito, mas muito viável. Seria o único deus em que eu acreditaria, um deus cuja paixão é uma redenção, um deus que não salva nada, não serve para nada, um deus que simplesmente é.

- Um mimóide - sussurrou Snow.

- Que foi que você disse? Ah, sim, entendi. Um mimóide velhíssimo.

Estávamos ambos olhando para o horizonte enevado. Bruscamente falei:

- Vou dar uma volta. Nunca saí da estação e esta é uma boa ocasião. Voltarei em meia hora...

Snow semicerrou os olhos.

- O quê?... Você vai sair... aonde vai?

Apontei para a mancha cor de carne que se destacava da névoa.

- Lá embaixo. Algum empecilho? Usarei um helicóptero pequeno. Não gostaria de, quando voltar para a Terra, ter de confessar que sou um solarista que nunca pôs os pés em *Solaris*!

Abri o guarda-roupa e comecei a remexer nos macacões. Snow olhava-me sem nada dizer. Finalmente falou:

- Não estou gostando disso.

Eu já havia escolhido um macacão e me virei.

- De quê? - Havia muito tempo que eu não sentia tal excitação. - Que é que o preocupa? Ponha as cartas na mesa! Você tem medo de que eu... Que idéia! Juro que não tenho a menor intenção... nem sequer pensei, não mesmo!

- Vou com você.

- Agradeço, mas prefiro ir só.

Vesti o macacão.

- Você já pensou? Meu primeiro vôo sobre o oceano...

Snow resmungou alguma coisa, mas não entendi o que ele disse. Acabei rapidamente de me arrumar.

Ele me acompanhou até o espaçoporto, ajudou-me a tirar o aparelho do depósito e a colocá-lo no disco de lançamento. No momento em que eu ia começar a ajustar o capacete, Snow perguntou bruscamente:

- Posso acreditar na sua palavra?

- Meu Deus, Snow... Outra vez? Sim, você pode acreditar na minha palavra... Onde estão os reservatórios de oxigênio?

Ele não disse mais nada. Quando fechei a cúpula transparente, acenei-lhe com a mão. Snow pôs o elevador em marcha e emergi do telhado da estação. O motor acordou e começou a zumbir. A hélice de três pás começou a girar. O aparelho alçou vôo, estranhamente leve, e a estação afastou-se com rapidez.

Sozinho acima do oceano, comecei a vê-lo com outros olhos. Eu estava voando a baixa altitude - entre quarenta e sessenta metros. Senti pela primeira vez a impressão, freqüentemente descrita pelos exploradores e que nunca experimentara olhando do alto da estação, de que o movimento alternado que animava as ondas luminosas não lembrava as ondulações do mar ou o deslizar das nuvens, mas um rastejar animal - as incessantes contrações, extraordinariamente lentas, de uma carne musculosa expelindo uma espuma escarlate.

Quando fiz a volta, para me dirigir ao mimóide que flutuava à deriva, o sol bateu-me nos olhos e os clarões sangrentos tremularam nas vidraças recurvas. O oceano negro, erigido de chamas escuras, tingiu-se de azul.

O aparelho descreveu uma ampla curva e o vento me afastou do mimóide. Este era uma longa silhueta irregular dominando o oceano. Sobressaindo da bruma, o mimóide não era mais rosado e sim cinza-amarelado. Perdi-o de vista um momento e vi a estação, que parecia estar pousada ao nível do oceano e cuja forma lembrava a de um antigo Zepelim. Retifiquei a direção. A massa escarpada do mimóide, escultura barroca aumentava no visor. Temi chocar-me com as protuberâncias bulbosas e ergui brutalmente o helicóptero que, perdendo velocidade, começou a jogar. Minha precaução havia sido inútil, pois os cumes arredondados daquelas torres entranhas começaram a se abaixar. Regulei minha velocidade pela da deriva da ilha e, devagar, metro a metro, baixei até roçar os picos desgastados. O mimóide não era grande. Media, de ponta a ponta, três quartos de milha e tinha algumas centenas de metros de largura.

Em certos lugares, estreitamentos anunciavam uma ruptura próxima. Aquele mimóide era, evidentemente, fragmento de uma formação incomparavelmente maior. À escala solarista, não passava de uma ínfima lasca, um destroço, velho de semanas ou meses, não se sabia.

Entre os rochedos estriados que surgiam do oceano, descobri uma espécie de praia, uma superfície inclinada e relativamente plana - algumas dezenas de metros quadrados - para a qual dirigi o aparelho. Pousei, não sem dificuldade, pois a hélice quase atingiu uma escarpa surgida subitamente na minha frente. Parei o motor e abri a cobertura. Em pé sobre a lateral do helicóptero, vi que este não corria o risco de deslizar para o oceano. A quinze passos do aparelho, as ondas lambiam a margem esfarelada, mas o helicóptero estava solidamente pousado em suas patas recurvas. Saltei...

Em "terra". A escarpa que eu quase atingira era uma enorme membrana óssea toda perfurada, erguida na vertical e coberta de bolhas nodosas. Uma brecha de alguns metros de largura fendia obliquamente aquela parede e permitia examinar o interior da ilha, já entrevisto através dos orifícios que atravessavam a escarpa. Icei-me com cuidado para a saliência mais próxima - minhas solas não derrapavam e o traje de vôo em nada atrapalhava meus movimentos. Continuando a subir, encontrei-me a uma altura de quatro andares sobre o oceano e pude contemplar uma enorme extensão da paisagem petrificada, que se perdia nas profundezas do mimóide.

Pensei estar vendo as ruínas de uma cidade arcaica, uma cidade marroquina de muitos séculos de idade, arrasada por um tremor de terra ou outro cataclismo. Distingui um emaranhado de ruelas sinuosas, obstruídas por escombros, passagens estreitas que desciam quase a prumo para a margem banhada por uma espuma oleosa. Mais adiante, desenhavam-se ameias intactas, bastiões de contrafortes nus. Nas paredes cheias de bolhas, desmoronadas, havia orifícios escuros, vestígios de janelas ou seteiras.

Toda aquela cidade flutuante, fortemente inclinada de lado, como um navio a ponto de soçobrar, deslizava sem rumo, girando devagar sobre si mesma, como se verificava pelo deslocamento do sol no espaço.

As sombras rastejavam preguiçosamente entre as ruelas daquela cidade em ruínas e de vez em quando uma superfície polida me enviava um raio luminoso. Arrisquei-me a subir mais ainda e depois parei. Filetes de areia fina começaram a escorrer das rochas acima da minha cabeça e, caindo nas ravinas e ruelas, as cascatas de areia abatiam-se em turbilhões de poeira. O mimóide, evidentemente, não é feito de pedra e basta pegar num estilhaço "rochoso" para que desapareça qualquer semelhança com o calcário. A matéria de que é composto o mimóide, mais leve que a pedrapomes, é constituída de pequenas células e extremamente porosa.

Eu estava bastante alto para sentir o movimento do mimóide. Não somente ele avançava, empurrado pelos músculos escuros do oceano, para um destino desconhecido, como sua inclinação variava. Adernava tanto para um lado como para outro e aquele balanço lânguido era acompanhado pelo barulho leve da espuma cinzenta e amarela que escorria ao longo da margem submersa. Aquele movimento de pêndulo fora imprimido ao mimóide já havia algum tempo, sem dúvida quando nascera e, ilha flutuante, crescendo e se dividindo, ele conservara o movimento inicial. Depois de ter examinado, do meu observatório aéreo, tudo o que se me oferecia ao olhar, desci com cautela. E somente então, fato estranho, verifiquei que o mimóide absolutamente não me interessava e que eu voara até ali não para travar conhecimento com ele, mas com o oceano.

Com o helicóptero a alguns passos de mim, sentei-me na praia áspera e fragmentada. Uma grande onda negra submergiu a parte baixa da margem e rebentou, não mais negra, mas verde suja. Refluindo, a onda deixou filetes viscosos que escorreram para o oceano. Aproximei-me ainda mais da borda e, quando veio a onda seguinte, estendi o braço. Então reproduziu-se fielmente um fenômeno já experimentado pelo homem havia um século: a onda hesitou, recuou, e depois envolveu minha mão, sem no entanto tocá-la, de maneira a que uma fina camada de "ar" separasse minha luva daquela cavidade, fluida um momento antes, mas naquele instante carnuda. Ergui a mão devagar e a onda, ou melhor, aquela excrescência de onda, ergueu-se simultaneamente, sempre envolvendo minha mão com aquele quisto translúcido de reflexos esverdeados. Levantei-me, a fim de poder erguer ainda mais a mão. A substância gelatinosa, acompanhando o movimento da minha mão, esticou como uma corda, mas não quebrou. O volume da onda, completamente estacionaria, aderiu à margem e envolvia meus pés (sem tocá-los), qual animal estranho aguardando pacientemente o fim da experiência. Jorrara do oceano uma flor, cujo cálice era moldado pelos meus dedos. Recuei. A haste vibrou, vacilou irresoluta e tornou a cair. A onda apanhou-a e retirou-se.

Repeti o movimento várias vezes. Depois, como o primeiro pesquisador havia constatado cem anos antes, uma onda chegou e me evitou, indiferente, como saciada de uma impressão já bastante conhecida. Eu sabia que, para reavivar a "curiosidade" do oceano, precisava esperar algumas horas. Sentei-me novamente. Eu não era mais o mesmo, perturbado que estava por aquele fenômeno que eu mesmo havia provocado e do qual, no entanto, já lera numerosas descrições. Mas nenhuma descrição podia retratar a experiência como a vivi.

Em todos os seus movimentos, considerados em conjunto ou de forma isolada, cada um daqueles ramos crescendo fora do oceano parecia revelar uma espécie de candura prudente, mas em nada arredia. Uma curiosidade ávida de conhecer rapidamente, de compreender uma forma nova, inesperada. E uma pena de dever se retirar, de não poder franquear os limites impostos por uma lei misteriosa. Que contraste inexprimível entre aquela curiosidade alerta e a imensidão cintilante do oceano, que se estendia a perder de vista... Nunca antes eu sentira dessa maneira sua presença gigantesca, seu silêncio poderoso e intransigente, aquela força secreta que animava regularmente as ondas. Imóvel, com o olhar fixo, mergulhei num universo de inércia até então desconhecido, escorreguei ao longo de um declive irresistível, identifiquei-me com aquele colosso fluido e mudo, como se lhe tivesse perdoado tudo, sem a menor dificuldade, sem uma palavra, um pensamento.

Durante aquela última semana, comportei-me tão bem que Snow cessara de me perseguir com o olhar desconfiado. Aparentemente, eu estava calmo. Secretamente, sem o admitir de forma clara, eu esperava alguma coisa. O quê? A volta dela? Como poderia esperar isso? Todos sabemos que somos seres materiais, submetidos às leis da fisiologia e da física, e toda a força reunida dos nossos sentimentos não pode lutar contra essas leis. Só podemos detestá-las. A fé imemorial dos amantes e dos poetas na pujança do amor, mais forte que a morte, o secular *finis vitae sed*

non amoris é uma mentira. Uma mentira inútil e mesmo boba. Então, fica-se limitado à idéia de ser um relógio medindo o passar do tempo, às vezes escangalhado, outras consertado, e cujo mecanismo, tão logo posto em movimento pelo construtor, engendra o desespero e o amor? Limitar-se à idéia de que cada homem revive tormentos antigos, tanto mais profundos quanto mais cômicos se tornam ao se repetirem? Que a existência humana se repita, está bem, mas que se repita como uma velha canção, como o disco que o bêbado toca sem parar, colocando uma moedinha na ranhura da máquina? Eu não acreditava que aquele colosso fluido, que causara a morte de centenas de homens, com o qual toda a espécie humana tentara em vão havia tantos anos estabelecer relações, mesmo as mais tênues, aquele oceano que me tocava, preocupando-se tanto comigo como com um grão de poeira, não, eu não acreditava que ele pudesse se comover com a tragédia de dois seres humanos. No entanto, suas atividades tinham uma finalidade... Para falar a verdade, eu não tinha certeza. Mas partir era renunciar a uma chance, talvez ínfima, talvez apenas imaginária... Seria preciso, portanto, continuar a viver ali, entre os móveis, os objetos que ambos usáramos, no ar que ela havia respirado? Em nome de quê? Na esperança da volta de Rheyra? Eu nada esperava. E, no entanto, vivia esperando - depois que ela desaparecera, só me restava a espera. Que realizações, que zombarias, que torturas eu ainda esperava? Eu o ignorava, ignorava tudo e persistia tendo fé em que o tempo dos milagres não havia passado.

FIM



**BIBLIOTECA
DO EXILADO**